

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

SOCIALIZAÇÃO, VIOLÊNCIA E PROSTITUIÇÃO

VERALÚCIA PINHEIRO

2006

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

Título: Socialização, Violência e Prostituição

Autor: Veralúcia Pinheiro

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Áurea Maria Guimarães.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Veralúcia Pinheiro e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 30/06/2006

Assinatura:

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

2006

Ficha da biblioteca

AGRADECIMENTOS

À professora Áurea Guimarães, pelo árduo trabalho de orientação,

À professora Alda Alexandre pela minuciosa leitura e revisão lingüística,

À amiga Márcia Oliveira, pela disponibilidade na transcrição das entrevistas,

Aos amigos Edmilson, Gilvane, Diane e Leandro pelo apoio e amizade,

Aos professores Ana Maria Fonseca de Almeida, Maria Inês de Freitas Petrucci dos Santos Rosa, Nildo Viana e Áurea Maria Guimarães pela valiosa contribuição na banca de qualificação,

Aos colegas do VIOLAR, pelo carinho e amizade,

Às jovens que aceitaram participar da pesquisa,

À Universidade Federal do Estado de Goiás pela concessão da licença,

Aos colegas do NECASA pelo apoio e compreensão,

Aos Colegas da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Jaraguá, pelo incentivo e amizade.

RESUMO

Nossa pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa Violência, Imaginário e Educação (Violar), da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – SP (UNICAMP), e tem como objeto de estudo a relação entre a memória da violência no processo de socialização de crianças e adolescentes e o exercício da prostituição como modo de vida. O ponto de partida de nossas reflexões foram as narrativas de três mulheres, cujas condições de ingresso precoce na prostituição (antes dos 18 anos) e cuja trajetória infanto-juvenil, marcada por várias modalidades de violência (física, simbólica, sexual etc.), correspondem às características que definimos para constituir nosso universo investigativo. Nosso intuito foi apresentar de forma textual a experiência vivida e os argumentos orais dos próprios sujeitos. Para isso, ancoramo-nos em autores como Walter Benjamin, Ecléa Bosi, José Carlos Sebe Bom Meihy e Maurice Halbwachs, buscando compreender os significados da violência nas memórias das jovens. Apresentamos, por isso diferentes situações de miséria material e moral, as quais retratam inúmeras transgressões que contradizem nossa noção de civilização. Não obstante acreditamos que o desvelamento desta “condição humana” pode contribuir com a produção do conhecimento tanto quanto a investigação de outros universos do mundo social.

Palavras Chave: juventude, violência, prostituição

ABSTRACT

Our research is linking with research's group violence, imaginary and education (Violar), from Education Faculty from University of Campinas-SP (UNICAMP) and its object of study is the relationship between violence's memory in the children and teenager's process of socialization of the children and adolescents and the exercise of prostitution as way of life. The starting point of our reflections had been the narratives of three women, whose conditions of precocious ingression in the prostitution (before the 18 years) and whose trajectory of childhood and youthful were marked by several kind of violence (physical, symbolic, sexual etc) correspond to features which we define to constitute our investigative universe. Our intention was of word-perfect form the lived experience the proper subjects the orals arguments. Thus, we support in authors like Walter Benjamin, Ecléa Bosi, José Carlos Sebe Bom Meihy and Maurice Halbwachs, searching for understanding the meanings of violence in the memories of the young. We present, therefore different situations of material and moral misery, that depict several infringements whereby contradict our notion of civilization. "human condition" may contribute with the production of knowledg alike the investigation of others universes from social world.

Key words: youth, violence, prostitution.

EPÍGRAFE

*Sem cessar ao meu lado o Demônio arde em vão;
Nada em torno de mim como um ar vaporoso;
Eu degluto-o a sentir que me queima o pulmão,
Enchendo-o de um desejo eterno e criminoso.*

*Toma, ao saber o meu amor à fantasia,
A forma da mulher, que eu mais espere e
E tendo sempre um ar de pura hipocrisia,
Acostuma-me a boca a haurir um filtro infame.*

*Ele conduz-me assim longe do olhar de Deus,
O peito a repartir-se de morna exaustão,
Pelas terras do tédio, infinitas, desertas,*

*Para depois jogar os torvos olhos meus
Ascorosos rasgões e feridas abertas,
E os aparelhos a sagrar da Destruição!*

*Charles Baudelaire
(Flores do Mal: A destruição)*

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>CAPÍTULO I - MODERNIDADE E PROSTITUIÇÃO</u>	14
<u>1.1 O Flâneur e a prostituta brasileira</u>	31
<u>CAPÍTULO II –SOCIALIZAÇÃO, VALORES E VIOLÊNCIA</u>	41
<u>CAPÍTULO III –AS NARRATIVAS</u>	54
<u>3.1 História de Andréia: destruição, abandono e violência</u>	55
<u>3.2 História de Luana: consumo, aventura e violência</u>	78
<u>3.3 História de Juliana: gravidez, abandono e violência</u>	90
<u>CAPÍTULO IV – AS NARRATIVAS: VESTÍGIOS DA VIOLÊNCIA NA MEMÓRIA</u>	102
<u>4.1- Papéis sociais, consumismo e violência</u>	110
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	117
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	125

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa investigamos a relação entre a memória da violência no processo de socialização e o exercício da prostituição como modo de vida. Para isso, realizamos entrevistas com mulheres jovens que romperam com as formas tradicionais de socialização e vivenciaram momentos de prostituição e de violência quando ainda não eram adultas e que possuem em comum: a entrada na prostituição antes dos 18 anos, uma socialização mediada pela violência, o abandono da escola concomitantemente ao ingresso na prostituição, além da vivência no espaço social da cidade de Goiânia. Através das entrevistas, elas nos ofereceram sua história de vida.

Assim, na presente pesquisa, trabalhamos com narrativas pois nosso objetivo é discutir a relação entre violência e prostituição na contemporaneidade, buscando compreender de que modo a violência física, moral ou simbólica e sexual atua no processo de socialização dos jovens, cujas experiências de infância estão relacionadas com a violência. Pretendemos verificar a importância dessas narrativas em plena era das modernas técnicas de comunicação/informação (televisão, internet, telefone celular etc), as quais demarcam o lugar das lembranças no processo de transmissão das experiências, na tentativa de retirá-las de seu isolamento, de maneira que venham a contribuir com outras formas de resistência aos poderes que ajustam o funcionamento dos corpos, gestos e atitudes, tanto aos processos econômicos quanto aos modos de vida que, tal como alertou Costa (1984), causam sofrimentos muitas vezes desnecessários e insuportáveis para uma criança e um adolescente.

Diversos estudos têm tratado de temáticas relacionadas à prostituição de crianças e adolescentes no Brasil. Sousa (2001) apresenta um extenso levantamento sobre os trabalhos que tiveram por objetivo conhecer esta problemática, no meio acadêmico ou fora dele. De acordo com a autora, a partir da década de 1990, cresceu o interesse pelos estudos sobre a prostituição envolvendo crianças e adolescentes, devido à pressão exercida por diferentes entidades/instituições nacionais e internacionais.

Segundo Sousa (2001), a publicação, em 1994, do livro *A menina e a adolescente no Brasil: uma análise da bibliografia*, pela Coordenação de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CESPI) da Universidade Santa Úrsula (USU-RJ), inaugurou o tema da prostituição infantil e juvenil na década de 1990. Esta obra apresenta um item específico sobre o fenômeno da prostituição infanto - juvenil e também ressalta a escassez de literatura sobre essa temática. Segundo a autora, embora tenham

transcorrido seis anos desde a publicação da obra supracitada, não houve uma alteração significativa no que se refere a esse tipo de produção acadêmica.

Souza (2001) afirma que as pesquisas realizadas no Brasil sobre a existência da prostituição de crianças e adolescentes enfocam, em geral, as formas que a prostituição assume e também os motivos que levam esses indivíduos a se prostituírem. Por meio do levantamento feito pela referida autora, tomamos conhecimento dos objetos de estudo, de que tratam estas pesquisas: quais os significados da prostituição para as crianças e adolescentes, assim como para as instituições que atendem essa demanda; o processo saúde-doença ligado à sexualidade e à violência que o grupo sofre; as representações sociais sobre a prostituição infanto-juvenil presentes nos depoimentos da Comissão Parlamentar de Inquérito; a identificação das diferentes estratégias discursivas utilizadas pelo jornalismo para construir uma discursividade que reúna o infantil e o erótico, etc. Até o momento de realização do levantamento feito pela autora, as pesquisas apontavam para aspectos diversos da prostituição de crianças e adolescentes: a díade saúde-doença; a relação prostituição, pobreza e uso de drogas; a associação entre o “estar nas ruas” e “ser prostituta”. Algumas tratam do cotidiano das crianças e adolescentes, preocupadas em identificar os espaços sociais por onde transitam as “meninas” vendedoras de chicletes e os diversos significados sociais contidos nas práticas deste tipo de trabalho infantil.

No presente estudo, embora procuremos investigar o significado da violência na memória das jovens, não nos voltamos exatamente para a prostituição de crianças e adolescentes, portanto não se trata de um estudo sobre a organização da prostituição infanto-juvenil. Os sujeitos pesquisados, no nosso caso, são mulheres jovens, cujas primeiras experiências com atividades de prostituição ocorreram quando ainda não eram adultas. Por essa razão, realizamos um levantamento que, apesar de não ser exaustivo, procura oferecer ao leitor a visão de algumas pesquisas realizadas no Brasil sobre a prostituição.

Algumas pesquisas sobre a prostituição no Brasil

De modo geral, estas pesquisas investigam o cotidiano das mulheres, as relações de poder, os papéis e a identidade das mulheres, os estigmas etc. Em 1980, a dissertação de mestrado de Anjos Júnior: *A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício*, comparou a organização da prostituição em duas grandes cidades: Brasília (Posto Sete) e Fortaleza (zona do

Farol Velho). O autor enfocou neste trabalho as relações de poder que se estabelecem no interior e fora da “zona”, no chamado baixo meretrício.

Anjos Júnior identificou, em seu estudo, que a escolha da prostituição pelas mulheres¹ deve-se ao fato de os ganhos, apesar de descontínuos, serem significativamente superiores aos que poderiam ser obtidos em outras atividades, a exemplo dos empregos domésticos, constituindo-se, dessa forma em alternativa de trabalho para as mulheres pesquisadas. Elas escolheram a prostituição, muito embora tenham tido que enfrentar todo tipo de discriminação e preconceito. Assim, o conceito de estigma garantiu suporte ao autor frente a seu objetivo de compreender comportamentos tidos como desviantes.

A pesquisa de Gaspar realizou-se entre 1979 e 1983. Em março de 1984, ela apresentou sua dissertação de mestrado², intitulada *Garotas de Programa - um estudo sobre prostituição e identidade social*. Esta pesquisa³ foi publicada, em 1985, pela editora Zahar, sob o título *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*, cujo foco principal são as garotas de Copacabana⁴ que exercem atividades de prostituição e se autodenominam “garotas de programa”. Teorias sobre desvio são utilizadas pela autora para explicar o processo de construção de suas identidades pelas jovens a que se refere. O universo da pesquisa constitui-se de garotas provenientes de famílias de classe média, daí que a prostituição não é vista por elas como uma opção diante da necessidade de sobreviverem. Ao contrário, esta atividade é percebida, muitas vezes, como o caminho para o luxo, o conforto, a fama, enfim, como forma de ascensão social. Com suporte teórico em Goffman⁵, ela questiona o estigma, considerando que a mulher prostituta pode resguardar sua verdadeira identidade em seu contato cotidiano com o cliente.

No extremo desta modalidade de prostituição, temos o estudo de Bacelar, originalmente apresentado como dissertação de mestrado sobre *a família da prostituta*, o qual retrata mulheres, em sua maioria, negras e com baixa qualificação profissional, num contexto sócio-econômico bastante precário. A pesquisa realizou-se no centro antigo da cidade de Salvador, no bairro Maciel,

¹ - Há, nesta preocupação do autor, uma similaridade com nosso objeto de estudo, pois procuramos investigar as possíveis relações existentes entre as lembranças da violência na infância e a escolha da prostituição.

² Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ - De acordo com a autora, o livro *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social* é, basicamente, sua dissertação de mestrado.

⁴ - Bairro da cidade do Rio de Janeiro, na zona sul, cujos moradores são, em sua maioria, de classe média.

⁵ - As obras citadas pela autora são: GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes (Col. Antropologia, 8): 1975 e *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar (4ª. Ed., 1982).

conjunto do Pelourinho, onde 33,7% da população feminina exercia, na época da pesquisa, atividades de prostituição. Nestas circunstâncias, a prostituição seria uma estratégia de sobrevivência utilizada por mulheres desempregadas, donas-de-casa. O destaque para a família da prostituta decorre da preocupação das mulheres em afastar os filhos e outros parentes nos horários em que atendiam os clientes. Tal postura indica, para o autor, que a idéia de família encontra-se interiorizada no comportamento das prostitutas em evidente contraste com a visão desenvolvida pela sociedade.

A perspectiva de Bacelar resulta do diálogo com teóricos que discutem a liberdade, os preconceitos e a normalidade, concluindo que nenhum indivíduo pode ser totalmente desviante, pois sempre existirão áreas em que agirá como um indivíduo considerado normal.

Mazzariol, em sua dissertação de mestrado, defendida em 1976: *Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituta*, realizou uma pesquisa histórico-etnográfica sobre a tentativa de regulamentar a prostituição. No desenvolvimento do trabalho, a autora esclarece que, embora tenham ocorrido, ainda no século XIX, acirrados debates entre os chamados “abolicionistas” e “regulamentistas”, são poucas as experiências de controle desta profissão, cujas raras tentativas de regulamentação ocorreram em São Paulo e no Rio de Janeiro, nas décadas de 1940 e 1950.

Mazzariol, assim como Bacelar, trata da prostituição em um bairro específico⁶, mas bem menos pobre do que o bairro de Salvador, onde a prostituição era também muito visível. Neste estudo, a autora analisa a organização interna e externa da prostituição profissional, no contexto de uma sociedade urbana em desenvolvimento. A pesquisa foi realizada entre 1966 e 1974, mesmo período em que ocorreu uma campanha para deslocar a população de prostitutas para um bairro mais distante do centro da cidade. Segundo a autora, pressionada pela população e pela imprensa local, a polícia e a prefeitura decidiram retirar os prostíbulos das proximidades das residências familiares. Após a migração, as prostitutas eram fichadas pela polícia e obrigadas a apresentar exames médicos quinzenalmente. A autora esclarece que tudo isso foi feito pela polícia à revelia da lei, pois, no Brasil, a prostituição não é ilegal, embora muitas das atividades a ela vinculadas o sejam.

A pesquisa feita por Mazzariol demonstra que as autoridades (e a sociedade) consideram a prostituição um mal necessário e, por isso, não propõem seu desaparecimento, buscando apenas

⁶ - O estudo de Mazzariol tem como referência o bairro Jardim Itatinga ou Laredo, na cidade de Campinas/SP., criado com o objetivo de confinar as prostitutas da cidade.

confiná-la. O estudo retrata, ainda, como esta atividade era vista como sujeira que deve ser mantida longe dos olhos e da sensibilidade da população. Mesmo assim, prevaleceu no bairro pesquisado uma forte interação entre jornalistas, policiais e mulheres (prostitutas e cafetinas). Segundo a autora, este bairro tornou-se a mais importante zona de prostituição de São Paulo que, durante muitos anos recebeu mulheres de várias cidades e teve seu cotidiano controlado pela polícia. Em relação ao papéis desempenhados pelas mulheres prostitutas, o estudo de Mazzariol buscou subsídio no conceito de estigma desenvolvido por Goffman para compreender suas diferentes atuações: mãe, mulher, filha, cidadã.

Ariente (1989), a partir de uma pesquisa de campo realizada na região chamada “Boca do Luxo” em São Paulo, elaborou sua dissertação de mestrado sobre o cotidiano da prostituta nesta cidade. Segundo a autora, o objetivo da pesquisa foi tentar perceber a dinâmica social que está por trás da realidade encontrada, levando em conta as oposições existentes entre as imposições e as necessidades dos indivíduos. Assim, a preocupação central no referido estudo foram os estigmas, as normas e as contradições inerentes a este modo de vida.

Outros aspectos importantes no trabalho de Ariente dizem respeito às formas locais de poder e ao controle detalhado e minucioso do corpo das prostitutas. De acordo com a autora, essas questões, no entanto, vão além do universo do cotidiano da prostituta, estendendo-se sobre um espaço mais amplo, conseqüentemente algumas interpretações sugeridas ao longo do trabalho recorrem a conceitos ora mais restritos, ora mais amplos, tais como classe social, sexo, cotidiano, organização social e cultural, cujas fronteiras são difíceis de precisar.

São várias as pesquisas de Pasini⁷ que envolvem a temática da prostituição, mas comentaremos aqui o artigo *Limites simbólicos corporais na prostituição feminina*, o qual, segundo a autora, foi elaborado a partir de sua pesquisa realizada na rua Augusta de São Paulo, entre 1998 e 1999.

Nesta pesquisa, o problema investigado foi a maneira como as garotas de programa operam os limites simbólicos corporais na prática da prostituição feminina. Em outras palavras, buscou-se compreender a lógica do agenciamento de sua corporalidade na prostituição. As análises feitas pela

⁷ Elisiane PASINI. “Corpos em Evidência”, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo. Dissertação (Mestrado Antropologia Social) – Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, 2000a; “O uso de preservativo no cotidiano de prostitutas em ruas centrais de Porto Alegre. In: BENEDETTI, Marcos; FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana (Orgs.) *Na batalha: identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa, Palmarinca, 2000b; “Limites simbólicos corporais na prostituição feminina”. In: *Cadernos Pagu*, n. 14, 2000c.

autora partem do conceito de que a corporalidade é também um espaço social, do qual fazem parte elementos sócio-culturais que comunicam significados e simbologias do grupo. Daí que os corpos, na esfera da ação dessas mulheres, tornam-se espaços sobre os quais se inscrevem significados sociais e culturais.

Pasini pesquisou a prostituição de rua, praticada em um tempo especificamente delimitado. Para a autora, as garotas estudadas elaboram e vivenciam a prostituição por meio de regras estabelecidas nos pontos⁸. Nesse espaço da prostituição, elas encontram e negociam o programa com os clientes, agenciando sua performance na prostituição através de práticas que podem ser observadas na corporalidade e nas relações sociais.

O artigo de Fonseca, *A dupla carreira da mulher prostituta*, concentra suas reflexões na dimensão cotidiana das práticas de prostituição ou na atividade que ela própria denomina de “batalha”, a qual abarcaria a dupla carreira da mulher prostituta, ou seja, a família e a profissão. Esta perspectiva tem por objetivo observar uma realidade, segundo a autora, ignorada pelo senso comum. Assim, esse tema é apresentado de forma desvinculada da ótica polícia/médico e as prostitutas são analisadas como membros de redes sociais e universos simbólicos. Segundo ela, trata-se de uma ótica que coloca entre parênteses o problema da contenção de doenças venéreas, assim como o da preservação da ordem pública, para considerar algo diretamente ligado à qualidade de vida das mulheres.

Fonseca (1996) se contrapõe à idéia de que a prostituição constituir-se-ia exclusivamente em recurso de sobrevivência. Acredita ela que esta atividade é uma opção nada desprezível para mulheres de origem humilde e de baixo nível de escolaridade. No entanto a própria autora reconhece, em suas pesquisas nos morros de Porto Alegre, que não encontrou mulheres cujos projetos de emprego e realização pessoal estivessem ligados à prostituição. Ao contrário, suas ocupações estavam sempre subordinadas à trajetória de esposa e mãe.

Engel (1988), em seu livro, *Meretrizes e doutores – saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*, escrito originalmente como dissertação de mestrado para o curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, defendida em setembro de 2005, estuda as idéias, ou seja, os discursos sobre a prostituição no século XIX. Sua fonte de pesquisa são os textos médicos sobre esta temática, produzidos na cidade do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1840 e 1890, tais como teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, memórias, artigos e

debates publicados nos Anais da Academia de Medicina. Segundo a autora, estes trabalhos se voltavam para a compreensão dos principais aspectos que caracterizaram a versão médica do projeto de ordenação social do espaço urbano, formulado em meio a um período de profundas transformações do Rio de Janeiro. A partir do enfoque foucaultiano sobre o papel da medicina na elaboração de um discurso da sexualidade no século XIX, a autora procura destacar o significado e a importância do ato de falar sobre a prostituição, levando à vontade de saber que permitia ao médico ultrapassar as interdições morais que pesavam sobre o tema, mesmo que não chegasse a destruí-las completamente.

Ainda no que se refere à obra em questão, é importante ressaltar a análise feita pela autora sobre as palavras prostituição e prostituta no contexto dos discursos médicos do século XIX. Além de significarem literalmente doença, do ponto de vista físico, estes termos abarcavam uma dimensão moral e social. Dessa forma, segundo Engel, a prostituição era classificada pelo médico como uma ameaça à família, ao casamento, ao trabalho e à propriedade.

Silva (2004), em sua dissertação de mestrado, *Mulheres da vida? Um estudo sobre prostituição feminina*, define como objeto de estudo, na cidade de Goiânia, uma modalidade específica de prostituição: o *trottoir*⁹ feminino. Sua pesquisa concentra-se em um grupo específico de mulheres que se prostituem em uma região da cidade de Goiânia denominada Dergo.

O autor, neste trabalho, busca textualizar a fala das mulheres pesquisadas sobre a atividade prostituinte em suas diversas dimensões, entendendo que o fato de estarem na prostituição constitui-se em eixo norteador de suas vidas. Utilizando-se dos conceitos de estigma, desenvolvidos por autores como Goffman, a respeito do processo de construção de identidades estigmatizadas, e Perlongher, sobre a complexidade dessa identidade, Silva (2004) adota como perspectiva o contexto relacional no qual as identidades são negociadas diariamente.

A pesquisa de Rago, realizada para o doutorado em História da Unicamp¹⁰, resultou no livro *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. A prostituição moderna, neste estudo, é um fenômeno essencialmente urbano, espetacularizado e que, em decorrência da expansão do mercado capitalista, tornou-se também quantificável por meio

⁸ - Pontos são locais estabelecidos na prostituição de rua.

⁹ De acordo com o autor, o *trottoir*, ou prostituição de rua, é uma forma de prostituição individual exercida nas ruas das cidades. Nesta modalidade de prostituição, a mulher procura um lugar que lhe seja favorável e fica à espera de um possível cliente.

¹⁰ - Esta Tese de Doutorado foi defendida em maio de 1990.

da atuação de chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas, os quais constituíram um universo empírico para suas observações, classificações e análises.

Rago enfrentou, nesta pesquisa, o desafio de desvendar as representações e mitologias que constituíam o imaginário do submundo no final do século XIX e início do século XX. Sua pesquisa relaciona-se com o interesse que a prostituição suscitava entre médicos, juristas, criminologistas, literatos e jornalistas, desde meados do século XIX. Ao final de seu estudo, a autora percebe o estreito vínculo entre o interesse destes profissionais pela temática da prostituição e a moralidade pública, ou seja, a definição dos códigos de conduta da mulher num período de intenso crescimento urbano.

Finalmente, apresentamos a obra de Severino (2004), intitulada *Memória da morte, memória da exclusão: prostituição, inclusão marginal e cidadania*¹¹, a qual faz, segundo a autora, um estudo sobre a auto-representação da identidade de mulheres prostitutas, com base em depoimentos colhidos mediante entrevistas abertas. A partir de análises das histórias de vida de mulheres prostitutas, a autora procurou perceber o modo pelo qual elas se inserem num processo de construção e reconstrução de suas identidades individuais, processo que se realiza, contudo, coletivamente.

Violência e prostituição são fenômenos indissociáveis no universo de pesquisa e na compreensão desta autora. Por isso, ela parte do princípio de que a violência sofrida pelas mulheres é um produto de sociedades em processo de desagregação social. Essas sociedades, tendo perdido os limites entre a ordem e a desordem, simulariam, degradadas, um retorno ao ritual sagrado que se constituiria, de acordo com a autora, como puro simulacro. Assim, o sagrado seria profanado e as vítimas expiatórias construir-se-iam como peculiares mercadorias a serem consumidas, especialmente pelo chamado turismo sexual

Podemos concluir, a partir deste breve levantamento das pesquisas realizadas no Brasil sobre a temática da prostituição que, via de regra, o foco de suas investigações não foram a socialização, os valores e a violência. Alguns desses trabalhos se detiveram (secundariamente) nas escolhas das mulheres que exerciam atividade prostituinte, aproximando-se, assim, do problema de que partiu nosso estudo, cuja especificidade, acreditamos, está na característica do grupo

¹¹ - Esta obra de Severino foi publicada pela Editora Universitária Leopoldinaum /Universidade Católica de Santos, em 2004, mas a referida pesquisa foi realizada para a dissertação de mestrado da autora, que foi defendida em 1991, na área de Antropologia na PUC de São Paulo, sob o título: *Memória da morte, memória da exclusão: um estudo sobre a identidade das mulheres prostitutas*.

pesquisado: meninas que se prostituíram, perpetuando-se na condição de indivíduos segregados e marginalizados. Trabalhamos além disso, com o pressuposto de que a memória dessa violência influenciou suas escolhas.

Procuramos, assim, neste estudo, preencher esta lacuna, adotando como ponto de partida as reflexões feitas por Heller (2000) sobre as escolhas dos indivíduos. Para esta autora, as escolhas entre alternativas, juízos, atos, possuem um conteúdo axiológico objetivo. Mas os indivíduos não escolhem valores, assim como não escolhem o bem ou a felicidade. Escolhem sempre idéias concretas, finalidades concretas. Seus atos concretos de escolha estão naturalmente relacionados com sua atitude valorativa geral. Dessa maneira, a inserção precoce de meninas no mundo da prostituição resulta, sem dúvida alguma, de escolhas realizadas por elas mesmas. Nesta tese, todavia, procuramos relacionar lembranças de infâncias marcadas pelo uso recorrente da violência com o processo de escolha, mesmo que temporária, da prostituição como modo de vida. Dito de outra forma, consideramos que a memória da violência influenciou as escolhas feitas pelas jovens que exercem (ou exerceram) atividades prostituíntes.

Isto não significa, contudo, que pretendamos compreender a inserção precoce na prostituição pelo viés exclusivo da violência desencadeada na infância dos sujeitos. Propomo-nos, sim, a discutir a importância que a violência ocupa na constituição do ser social, pois, quando atentamos para as narrativas ou para as demais pesquisas sobre esta temática, observamos o caráter múltiplo, tanto do fenômeno da violência quanto da prostituição.

Trabalhamos com depoimentos, o que constituiu um desafio, pois a lembrança diz respeito ao passado mesmo quando este é ainda muito recente, como no caso dos jovens. A memória, quando contada, se atualiza a partir de um ponto do presente, estando os relatos de vida sempre contaminados pelas vivências posteriores ao fato relatado e, também, carregados de um significado que tem como centro o momento da memorização. As lembranças são seletivas, fragmentadas, por isso o trabalho com as narrativas de jovens mulheres que durante um período de suas vidas sobreviveram do exercício da prostituição, evidentemente, leva ao enfrentamento de problemas dessa natureza.

Explicamos claramente às jovens o objetivo da entrevista, esclarecendo-lhes que teriam autonomia sobre o registro de suas histórias. Não nos preocupamos em comprovar os fatos relatados porque concordamos com Ortiz (1994), para quem as lembranças contam o passado através dos olhos daqueles que o viveram. As histórias de vida podem, às vezes, reforçar ainda

mais a violência vivida ou , em outros casos, fetichizar o poder dos atributos físicos. Ao longo das narrativas, percebemos que, muitas vezes, as mulheres se vêem como portadoras de um poder de atração irresistível, proveniente de crenças em rituais dirigidos a deuses e deusas da beleza e do amor, fruto, portanto, de um imaginário mágico.

Nos relatos das jovens entrevistadas, a *violência* ocupa um papel central, evidenciando que suas vidas foram marcadas por diferentes experiências de violência (física, sexual, simbólica) que discutiremos juntamente com os valores e o processo de socialização inerentes à sociedade moderna.

Para Bosi (1994), as lembranças não estão adstritas ao mundo individual, mas perseguem a realidade interpessoal das instituições sociais. Consideramos, neste estudo, que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com as pessoas da classe social a que pertence, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a ele. Pollak (1989) acrescenta que não devemos nos esquecer da memória mantida pelos indivíduos que foram separados de suas redes de sociabilidade, ficando, assim, impossibilitados de integrar suas lembranças na memória da família, do bairro, da escola, por medo ou por vergonha. Trata-se de lembranças indizíveis (como no caso da prostituição), guardadas em estruturas de comunicação informais e que passam despercebidas pela sociedade englobante.

Pollak (1989) realiza uma importante discussão sobre o enquadramento da memória e a função do “não dito” na historiografia. Para o autor, os esforços em enquadrar¹² a memória apresentam, muitas vezes, uma perspectiva uniformizadora e opressora, especialmente quando buscam a coesão e a justificativa para as instituições sociais, fechando os olhos para as injustiças e a violência. Mas é claro que o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história, o qual pode, sem dúvida, ser interpretado e combinado com inúmeras referências associadas, assim como pode ser, também, guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas de modificá-las. Esse enfoque reinterpreta constantemente o passado em função das lutas do presente e do futuro, embora exista um limite para a falsificação pura e simples do passado na sua reconstrução política. O trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da convergência dos discursos que se sucedem.

As lembranças dos indivíduos ou dos grupos marginalizados são povoadas por sombras e silêncios, por fatos que, mesmo não ditos oficialmente, não são esquecidos, sendo transmitidos por outras vias, por outras redes de sociabilidade, como bares, bordéis, pontos de encontro. Essas memórias clandestinas e inaudíveis enfrentam como primeiro obstáculo encontrar quem as escute quando saem da clandestinidade e tornam público o que não lhes foi, até então, possível manifestar.

Pollak (1989) acredita que, da mesma forma que uma memória é enquadrada, uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, por tratar-se do resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras, em função do contexto no qual é relatada. No caso da memória coletiva, entretanto, as variações são limitadas. Tanto individualmente quanto em grupo, uma história de vida é “crível” à medida que apresenta sinais de continuidade capazes de assegurar à memória um sentido de identidade.

Ainda de acordo com o autor, nas histórias de vida de longa duração, a mesma pessoa pode voltar várias vezes a um número restrito de acontecimentos, por sua própria iniciativa ou estimulada pelo entrevistador. Apesar de variações importantes, é encontrado um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de motivo principal em cada história de vida. Por definição, como reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que marcaram uma existência. Além disso, sempre que uma pessoa relata a história de sua vida, em geral, tenta estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves, os quais resultaram numa continuidade marcada pela ordenação cronológica. Através deste trabalho de reconstrução de si mesmo, o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

Os capítulos

No capítulo 1, *Modernidade e prostituição*, realizamos abordagens teóricas sobre a prostituição no cotidiano da sociedade moderna, a partir do pressuposto de que o desenvolvimento científico e tecnológico, assim como as mudanças de valores e de conduta que ocorreram nas modernas sociedades contemporâneas, não tornaram obsoletas as práticas de prostituição, mediadas, muitas vezes, pela violência física ou simbólica. Sabe-se que a prostituição ocupou, em

¹² O autor utiliza a expressão ‘memória enquadrada’ por considerá-la mais específica do que memória coletiva.

tempos passados, importância fundamental para a conservação da instituição familiar. Com a superação desse papel, a prostituição conquistou outros espaços possibilitados por novas demandas e pela utilização de recursos tecnológicos, tais como a internet e o telefone celular. Esses recursos, aliados à indústria cultural, contribuem para a incitação ao consumo como forma de satisfação pessoal, banalizando, dessa forma, a violência e também o ingresso precoce no mercado do sexo.

Ainda neste primeiro capítulo, dialogamos com autores que discutiram as várias condições da modernidade e também retomamos as discussões feitas por pensadores clássicos e contemporâneos como Adorno, Horkheimer, Berman, Pasolini e outros sobre a indústria cultural e seus efeitos na cultura dos indivíduos e grupos, especialmente dos jovens. No que diz respeito à indústria cultural e à modernidade, as reflexões estão relacionadas com o processo de banalização da violência numa sociedade que vende imagens voltadas para o consumo de qualquer tipo de mercadoria, embora trabalhe a construção de um imaginário “moralista”, na tentativa contraditória de criar consumidores e, ao mesmo tempo, manter cada um em seu lugar.

No capítulo 2, *Socialização, valores e violência*, procuramos compreender de que modo a violência atua no processo de socialização dos jovens no mundo contemporâneo. Do ponto de vista teórico, buscamos suporte principalmente em Peter Berger e Thomas Luckmann, autores que se debruçaram no estudo dos processos de socialização; nos apoiamos também em Agnes Heller, cuja obra sobre *o cotidiano e a história* traz uma discussão aprofundada dos valores na vida cotidiana. Na abordagem da violência, considerando a complexidade deste fenômeno, buscamos o apoio de vários autores, destacando, no entanto, a contribuição de Hannah Arendt, tendo em vista a importância dada por ela à fala e ao diálogo, em contraposição ao uso da violência.

No capítulo 3, *As narrativas*, quatro autores foram fundamentais na construção da estrutura deste trabalho: *Memória e sociedade: história de velhos*, de Ecléa Bosi (1995); *O narrador*, de Walter Benjamin (1994); *Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs (2004) e *Canto de morte Kaiowá: história oral de vida*, de José Carlos Sebe Bom Meihy (1991). Esses trabalhos enfatizam a importância e o significado de apresentar a experiência vivida e os argumentos orais dos próprios sujeitos.

As narrativas nos possibilitam apreender a riqueza das experiências dos sujeitos, ao mesmo tempo que contribuem para que a cultura contemporânea aceite como princípio a experiência capaz de encadear os acontecimentos e não apenas fixar fatos isolados na lembrança, os quais tendem a se perder na vivência das grandes cidades onde os indivíduos tornam-se cada vez mais incapazes

de incorporar acontecimentos e interesses à sua experiência. Os meios de comunicação de massa excluem totalmente os acontecimentos do contexto em que poderiam alcançar a experiência do leitor/ouvinte. Na avaliação de Benjamin (1996), isso ocorre devido ao fato de que a informação não participa deste encadeamento de ocorrências e interesses que mediarão a existência social e a história dos indivíduos. Ao contrário, ela rompe aquela relação em que um indivíduo conta ao outro fatos que fazem parte de sua vida, oferecendo-os aos ouvintes como experiência.

No capítulo 4, *As narrativas: vestígios da violência na memória*, refletimos sobre o significado da violência na memória dos indivíduos. Neste diálogo simultâneo com as narrativas e com os autores que desenvolveram estudos sobre violência, socialização e prostituição, pretendemos compreender melhor a relação entre a escolha da prostituição pelas jovens e a memória da violência.

Capítulo I - Modernidade e prostituição

Aquilo que os homens chamam de amor é bem pequeno, bem restrito, bem débil, se comparado a essa inefável orgia, a essa santa prostituição da alma, que se dá inteiramente, poesia e caridade, ao imprevisto que se mostra, ao desconhecido que passa.

Charles Baudelaire

Neste capítulo, tratamos da relação entre a modernidade e a prostituição de jovens na sociedade contemporânea, a partir do pressuposto de que o desenvolvimento científico e tecnológico, bem como as mudanças de valores e de conduta que ocorreram na atualidade, não tornaram obsoletas as práticas de prostituição, mediadas, muitas vezes, pela violência física ou simbólica. A prostituição ocupou novos espaços, antes inviáveis, por meio da utilização de recursos tecnológicos, tais como a internet e o telefone celular. Estes recursos, aliados à indústria cultural, contribuem para a incitação ao consumo como forma de satisfação pessoal, banalizando, dessa forma, a violência. Assim, o ingresso precoce no mercado do sexo não é considerado, em si, como uma violência, mas somente como um acontecimento do cotidiano das cidades.

Antes do advento da modernidade, a condição feminina era ainda mais difícil, tanto que Beauvoir (1980), refletindo sobre a situação da mulher européia (ocidental) na Idade Média, lembra que uma das conseqüências da tutela da “mulher honesta” pela família foi a existência da prostituição. Colocadas hipocritamente à margem da sociedade, as prostitutas desempenharam, assim, um papel dos mais importantes. O cristianismo as desprezava, mas as aceitava como um mal necessário. Segundo a autora, inicialmente, na Idade Média, por causa da ausência de rigor em relação aos costumes, quase não havia necessidade de mulheres da vida. Mas quando a família burguesa se organizou, passando a exigir a monogamia, a prostituição tornou-se imprescindível.

Ao se referir à sociedade daquele período, Beauvoir (1980) descreve as tentativas fracassadas de impedir o exercício da prostituição: Carlos Magno, na França, proibiu a prostituição com rigor; S. Luiz ordenou, em primeiro lugar, a expulsão das prostitutas, depois a destruição de seus locais de trabalho. Outras tentativas de eliminação da prostituição em vários locais da Europa também foram inúteis porque a própria organização da sociedade a tornava necessária.

Numa época de extrema opressão e violência, no Brasil dos tempos coloniais, segundo Priore (1993), as mulheres, para quem o sexo não significava uma obrigação, (procriação) mas sim prazer, foram perseguidas e rotuladas de mundanas, lascivas e luxuriosas porque o uso autônomo da sexualidade feminina era interpretado como revolucionário e contrariava o desejo da Igreja e do Estado de colocar o corpo feminino a serviço da sociedade patriarcal e do projeto colonizador. Por isso, para entendermos a amplitude da prostituição, é preciso, dentre outros aspectos, observarmos os valores culturais vigentes, bem como a mentalidade dos que a toleram ou a reprimem.

Na constituição das modernas sociedades ocidentais, o sexo tinha uma função genital procriadora, vinculada à estrutura familiar de forma restrita. Segundo Chauí (1984), as sociedades que partiam deste princípio eram levadas a assumirem posturas ambíguas frente à prostituição, que, por não possuir uma função procriadora, tendia a ser socialmente condenada. Ao mesmo tempo, porém, era tolerada e até mesmo estimulada nas sociedades que defendiam a virgindade das meninas púberes solteiras, de um lado, conquanto precisassem, de outro lado, conter as frustrações dos jovens solteiros e dos homens que se consideravam mal casados ou que haviam sido educados para não confundirem suas esposas com amantes voluptuosas. Essas sociedades reconheciam a necessidade de mulheres que se dedicassem ao exercício de oferecer gozo sexual aos homens jovens solteiros e aos homens mal casados.

No Brasil, essa cultura integrava principalmente a história do cotidiano das pequenas e médias cidades, onde o bordel era considerado tão indispensável quanto a igreja, o cemitério, a cadeia e a escola. Ainda que se localizasse em áreas distantes do centro da cidade, em locais segregados, fazia parte da realidade social do lugar. Chauí (1984) lembra que a prostituta se distinguia do conjunto de traços das demais mulheres, especialmente nestas cidades do interior, por meio do vestuário, da postura, da gesticulação, da linguagem, ou seja, dos códigos de conduta.

A sociedade, em suma, elaborou procedimentos de segregação visível e de integração invisível, fazendo da prostituta elemento fundamental da lógica social. Assim, para Chauí (1984), a prostituta tanto pode ser um caso de polícia do ponto de vista da segregação quanto pode sê-lo do ponto de vista da integração, uma vez que a palavra polícia não significa apenas vigilância e força da ordem, mas também significa civilização, do grego polis, ou civitas, do latim, termos que remetem a cidade legislada. A modernidade assumiu, assim, a mulher prostituta como uma figura

que representava o transitório e o efêmero¹³, característicos desta sociedade, cuja essência, como formulou Weber, seria a desmistificação e o desencantamento do mundo social. Mas Buck-Morss (2002), como estudiosa da obra benjaminiana, mostra que o argumento central do autor¹⁴ era que, sob as condições do capitalismo, a crescente industrialização teria trazido um re-encantamento do mundo social e, através dele, uma reativação dos *poderes míticos*. Neste processo, as instituições sociais e culturais se racionalizaram na forma, permitindo, contudo, que o conteúdo fosse entregue às mais distintas forças. Daí a insistência de Benjamin de que o sonho era um fenômeno coletivo, de duplo sentido, de um lado pelo seu estado distraído de sonho, de outro porque era inconsciente de si mesmo, composto de indivíduos atomizados, consumidores que imaginavam que o seu mundo de sonho mercadológico fosse unicamente pessoal (a despeito das evidências objetivas do contrário), e que experimentavam a própria participação como membros da coletividade apenas em um sentido alienante.

Na sociedade capitalista, tudo se transforma em mercadoria. No entanto, na interpretação de Buck-Morss (2002), embora o valor social das mercadorias seja o preço, isso não impede que os consumidores se apropriem delas como imagens de desejo que representam seus sonhos particulares. É claro que, neste processo, as mercadorias perdem seu significado original como valores de uso produzidos pelo trabalho humano. Depois de esvaziadas de seu significado inicial, ganham (arbitrariamente) um novo significado que pode se modificar a qualquer momento. Neste processo de alienação, os objetos se tornam vazios e atraem significados críticos, podendo a subjetividade controlá-los, impregnando-os de desejo e ansiedade.

São essas características do capitalismo no trato com as mercadorias que possibilitaram o desenvolvimento da prostituição como um fenômeno típico deste modelo de sociedade, que tanto no bordel quanto nas ruas das grandes cidades, é carregado de ambigüidade. Essas características representam a transitoriedade, pois nada pode ser mais transitório e efêmero do que o comércio do sexo. Contraditoriamente, foi no capitalismo que se formulou o conceito de prostituição como doença, cuja dimensão física, moral e social constituía-se numa ameaça à ordem social. Segundo Engel (1988), esta foi uma construção realizada pelo saber médico, no final do século XIX. Por isso, este conceito de prostituição não pode ser utilizado para designar práticas de comercialização

¹³ - Estas características do moderno como transitório, efêmero, contingente possuem raízes na noção de modernidade de Baudelaire. (Charles BAUDELAIRE, 2002, p. 25)

¹⁴ - Segundo Buck-Morss (2002), Benjamin defendeu a tese do re-encantamento da sociedade na obra “Trabalho das Passagens”.

do sexo de outras épocas ou de outras formações sociais. Como um fenômeno essencialmente urbano, a prostituição é a própria expressão do mercado capitalista, cuja singularidade é visível.

A percepção da prostituição como um tema da modernidade pode ser observada na própria obra de Benjamin, que inovou e ampliou a noção de modernidade de Baudelaire através da interpenetração do novo pelo antigo e também da análise sobre o caráter alegórico de seus poemas e da imagem dialética de Paris, cuja transparência e fragilidade semelhante à do vidro envelheceria rapidamente, simbolizando o processo social regido pelas leis do modo de produção capitalista. A cidade na obra de Baudelaire representa também o mísero, o decadente, o noturno, o artificial, provenientes das ruas e becos escuros. Foi nesse contexto de negação e, ao mesmo tempo, de fascínio pela modernidade, que Baudelaire fez da prostituição moderna um dos principais temas de sua poesia. Nesta perspectiva, é emblemático um de seus poemas, *À musa venal*¹⁵, cujos versos mostram o quanto, muitas vezes, o poeta via na publicação literária uma forma de prostituição.

A temática da prostituição foi tratada por Benjamin, especificamente, na obra: *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. No ensaio intitulado Jogo e prostituição, Benjamin aborda, no campo da prostituição, dentre outras questões, a função dialética do dinheiro que compra o prazer ao mesmo tempo que se torna a expressão da vergonha. Ele se refere às ilusões de Baudelaire que, embora se julgasse um grande entendedor de entorpecentes, foi incapaz de perceber a semelhança entre os reais efeitos dos entorpecentes nos viciados e os efeitos da mercadoria. Da mesma forma que os entorpecentes, a mercadoria deixa a multidão inebriada a seu redor. A massificação dos clientes que forma o mercado e transforma a mercadoria em mercadoria, aumenta o encanto desta para o comprador mediano. Por isso, o sujeito que permanece anônimo

¹⁵ Musa do coração, amante dos palácios,
Terás, quando janeiro libertar seu Bóreas,
Durante o negro *spleen* das noites hiperbóreas,
Tição para aquecer os teus dois pés violáceos?

E vivificarás as espáduas marmóreas
Só de expô-las aos raios dos luares frios?
Se sentires a bolsa e o estômago vazios,
Irás colher o ouro das mansões equóreas?

Deves para ganhar o teu pão ilusório
Ser menino de coro e mover o incensório
E cantar o *Te-Deum* em que não crês mais nada,

Saltimbanco em jejum exhibir teu encanto
E teu riso molhado em invisível pranto,
Para o vulgo explodir em sua gargalhada.

nas grandes cidades poderia ser a própria mercadoria. Seria a “santa prostituição da alma a que o poeta se refere em comparação com a qual isso que os homens chamam de amor é bem pequeno, bem restrito e bem débil” (BAUDELAIRE APUD BENJAMIN, 2000, p. 53). Não poderia, assim, de acordo com o autor, ser outra coisa que a prostituição da alma da mercadoria. Essa santa prostituição da alma que se daria por inteiro, misturando poesia e caridade, ao imprevisto que se mostra a qualquer desconhecido. No referido trecho poético, é essa a caridade que as prostituídas reivindicam para si mesmas, deixando claro que corpo e alma são inseparáveis. Baudelaire acreditava que as prostitutas teriam provado os segredos do livre mercado e que a mercadoria não levava nenhuma vantagem sobre elas. Alguns de seus atrativos provinham do mercado e se tornavam instrumentos de poder.

Estes atrativos já se encontravam disponíveis no mercado desde o final do século XIX, época abordada por Benjamin. Daí a influência da indústria no desenvolvimento da prostituição por meio da maquilagem, dos adereços, das roupas que tornavam qualquer mulher bonita e tentadora mesmo, que não possuísse os atrativos considerados imprescindíveis no processo de sedução. Isso porque os sentidos amortecidos dos "clientes" eram estimulados pelo "espetáculo" e não por seus atributos reais.

É interessante que, lado a lado com a razão instrumental desta aparente racionalidade do uso da técnica (maquiagem, cirurgias plásticas etc), permanecem velhas concepções mágicas da sedução: *Existem muitas formas de agradar a pomba gira, como por exemplo, colocar bebidas e flores, como se fosse um templo, como se ela fosse uma deusa. [...] com estas simpatias, a mulher fica cada dia melhor, mais atraente. Isso puxa os homens*¹⁶.

Essa visão mágica da vida faz com que permaneçam os mitos na construção do imaginário das mulheres, não se constituindo numa dicotomia com a razão instrumental moderna. Tampouco pode-se dizer que seja apenas uma herança de seus antepassados, pois estas concepções são exploradas pela indústria cultural, pela cultura de massas, nos filmes, nas músicas, nas produções televisivas e servem para alimentar um imaginário que rende milhões no mundo todo. Assim, tudo se transforma em mercadoria, inclusive a arte.

Em contrapartida, uma importante fonte de pesquisa sobre o imaginário, envolvendo a prostituição, pode ser encontrada na literatura, inclusive na literatura brasileira de autores como Jorge Amado, nos romances Tereza Batista cansada de guerra e Tieta do Agreste; em João

Guimarães Rosa, no conto Dão-Lalalão (O devente) do livro “Noites do sertão”; em Rubem Fonseca, no romance “A grande arte” e no conto “Lúcia Machartney”; em Lígia Fagundes Telles, nos contos “A Confissão de Leontina” e “Um coração ardente”. Essas obras literárias, mesmo quando não possuem como assunto exclusivamente o “tema da prostituição”, dão vida a personagens que se encontram nesta condição, expondo aos leitores sofrimentos, tristezas ou alegrias, angústias daquelas que vivem fora dos padrões socialmente estabelecidos e que buscam saída para suas vidas, justamente da forma considerada desprezível pela sociedade. Na trama desenvolvida em “A grande arte”, de Rubem Fonseca, um assassino em série mata prostitutas e no rosto delas desenha a letra “P”. O personagem-narrador, um advogado que investiga o mistério em torno das mortes, ao reconstituir a história do assassino, revela que ele não matava movido por moralismo, tampouco por ódio irracional às mulheres. Matava por prazer e, se escolhia prostitutas como objeto, era pelo fato de serem pessoas sem nenhuma importância social, descartáveis e pelas quais ninguém se lembraria de procurar. Ao contrário dessa arte que parece imitar a vida produzida por alguns literatos, é muito comum a apresentação da prostituição pela indústria cultural como algo glamoroso em filmes como “Uma linda mulher”, dirigido por Garry Marshall, em novelas de grandes emissoras de televisão que também procuram retratar personagens representadas por mulheres jovens, bonitas e, muitas vezes, cultas, que vivem da prostituição.

Para Lefebvre (1991), todavia, a melhor ilustração desse imaginário social não se encontra num determinado filme ou numa determinada obra de ficção. Segundo o autor, esse simbolismo herdado de estilos já desaparecidos está presente principalmente nas publicações da imprensa voltadas para o público feminino, onde permeiam o imaginário e a prática cotidiana, responsáveis pela permanência de códigos que ritualizam e tornam práticas e corriqueiras mensagens as quais se destinam a programar o cotidiano. Tais mensagens contêm uma retórica capaz de dotar os objetos de uma segunda existência, de modo que cada um que as leia o faça a sua maneira, situando, assim, de acordo com seus próprios gostos, o que lê no concreto ou no abstrato, no pragmático ou no sonho. Cada um, dessa maneira, sonha com o que vê e vê aquilo com que sonha.

Se, como ressaltou Lefebvre, cada um sonha com o que vê e vê aquilo com que sonha, a literatura e a publicidade, do mesmo modo, se distinguem pela montagem utilizada para chamar a atenção. Também a obra literária apela para os mesmos procedimentos que a escrita publicitária e

¹⁶ - Trecho recortado da entrevista com Andréia, realizada nos dias 16 e 20 de setembro de 2004.

tem a mesma função metafórica: transformar o desinteressante em interessante, transcrever o cotidiano no imaginário, obrigar o consumidor a assumir uma aparência de felicidade.

Segundo Lefebvre (1991), os conflitos e problemas da cotidianidade remetem a soluções conflitivas que se sobrepõem às soluções reais quando estas são ou parecem impossíveis. Dessa forma, os problemas e a procura de uma solução transpõem o limiar do imaginário. Entre a prática e o imaginário aparece o investimento, pois as pessoas projetam seu desejo sobre um conjunto de objetos ou sobre um conjunto de atividades no qual se inserem a residência, a mobília, a cozinha, a viagem de férias etc. Esse investimento confere ao objeto uma existência que é real e imaginária ao mesmo tempo. Assim, a sociedade de consumo se define pela adequação a um certo estilo de vida apropriado para o conjunto da vida social e não somente pelo uso apropriado de alguns objetos de forma isolada. A possibilidade de haver consumo sem essa adequação, por correspondência prescrita, termo a termo, entre necessidades e bens, é o postulado desse modelo de sociedade, é a base de sua ideologia e da publicidade como ideologia.

É importante notar que a trivialização de objetos e de atividades se dá também no âmbito da sexualidade. Porém, como afirmou Lefebvre (1991), alguns objetos ou atividades podem transpor o limiar que separa o nível prático do imaginário já que se impregnam de afetividade e de sonho, porque, ao mesmo tempo em que são percebidos (socialmente), são falados. Dessa forma, pode-se afirmar a existência de uma sobrecarga ideológica, mas não se pode dizer que a publicidade ou a indústria cultural, por exemplo, induzam os jovens, diretamente, à prostituição ou a outras formas de marginalidade. O imaginário propriamente dito faz parte do cotidiano e exerce o papel de mascarar a predominância das pressões, a fraca capacidade de apropriação, a gravidade dos conflitos e os problemas reais. Então, o imaginário despertado por meio destes mecanismos convida e prepara os indivíduos para um investimento prático, a fim de realizarem o ato de consumir. É o que, muitas vezes, acontece com as jovens que se envolvem com a prostituição.

Estes mecanismos da vida moderna que forjam um imaginário impregnado de valores voltados para o consumo foram discutidos no texto de Lefebvre (1991): *sociedade burocrática de consumo dirigido*. Nele, o autor argumenta que não é preciso compreender as representações do cotidiano porque suas categorias também têm uma finalidade. Elas, além de se encontrarem entre as peças de um jogo estratégico, não têm nada de espontâneo e desinteressado, servem tanto à prática quanto à ideologia. Para o autor, até o século XIX, o individualismo dominava, fornecendo aos filósofos e sábios categorias e representações, posto que, para atingir a realidade, era preciso

levantar o véu. Hoje, as ideologias mudaram, possuem nome (formalismo, funcionalismo, operacionalismo, cientificismo etc) e se apresentam como não-ideologias, misturando-se mais sutilmente que antes ao imaginário.

Por isso, de acordo com o autor, o cotidiano não é um espaço-tempo abandonado, não é mais o campo livre onde impera a razão ou a bisbilhotice individual. Não é mais o lugar em que se confrontavam a miséria e a grandeza da condição humana, justamente porque não é mais um “setor” e também porque a exploração racional inventou formas mais sutis que as de outrora. O cotidiano tornou-se objeto de todos os cuidados: domínio da organização, espaço-tempo da auto-regulação voluntária e planificada, com tendência a constituir-se em um sistema com bloqueio próprio (produção – consumo – produção). Ao se delinearem as necessidades, procura-se também prevê-las, encurralando o desejo. A cotidianidade tornou-se, assim, a curto prazo, o sistema único e perfeito, dissimulado sob os outros que o pensamento sistemático e a ação estruturante visam. Nesse sentido, é o principal produto da sociedade dita organizada ou de consumo dirigido, do mesmo modo que sua moldura, a *modernidade*.

Quanto às mulheres, Lefebvre (1991) acredita que elas sejam, ao mesmo tempo, sujeitos da cotidianidade e vítimas da vida cotidiana, portanto objetos, álibis (a beleza, a feminilidade, a moda etc). E é a elas que os álibis maltratam, pois são igualmente compradoras, consumidoras, mercadorias e símbolos da mercadoria (na publicidade: o nu e o sorriso). A ambigüidade de sua situação no cotidiano que faz parte, precisamente, da cotidianidade e da modernidade, dificulta-lhes o acesso à compreensão. A modernidade, para elas e por elas, dissimula adequadamente a cotidianidade.

Independente do gênero, até o século XIX, somente as elites agiam de acordo com os imperativos da moda, substituindo seus pertences em decorrência do que era prescrito por ela. Quanto às classes trabalhadoras, suas condições objetivas, neste período, permitiam-lhes um consumo para mera subsistência. Foi a partir da produção em massa no mercado capitalista que, segundo Lasch (1983), os hábitos antes considerados aristocráticos estenderam-se às massas. A publicidade, assim, passou a atuar em todos os âmbitos e se aliou à “revolução” sexual, apoiando (aparentemente) as mulheres contra a opressão masculina e os jovens contra a autoridade dos mais velhos. Para o autor, a lógica da criação de demandas exigiu mudanças de comportamento, por isso a indústria cultural e da propaganda encorajam uma pseudo-emancipação das mulheres através da crença em um progresso atrelado ao consumo.

No universo benjaminiano, esta seria considerada uma falsa noção de progresso devido à primazia das coisas em relação ao indivíduo. Este é o modo de perceber o progresso produzido pelo fetichismo da mercadoria, o qual impõe uma idéia de civilização como produto de uma razão que se contrapõe à sensibilidade e ao sentimento. Esta foi também a base de dominação instaurada a partir do pressuposto da necessidade de integração ou submissão dos mais frágeis ao projeto vitorioso. Por outro lado, a visão determinista da história, apontando sempre para o futuro, leva a uma ausência de visão dos fracassos e retrocessos, produzindo, assim, através da crença numa ordem social cujo parâmetro seria o mínimo esforço, a passividade e a comodidade. Nessa visão de modernidade, não é o passado que está perdido, mas o futuro, porque a coletividade não se dispõe a construí-lo.

Retomando Lefebvre (1991), essa sociedade reivindica o status de racional, apesar das pessoas agirem como se não tivessem nada para dar um sentido à sua vida cotidiana e nem mesmo para se orientarem, posta de lado a publicidade. Recorrem, então, às antigas magias e feitiçarias, basta observar o papel das cartomantes, dos curandeiros, dos horóscopos na vida real das pessoas.

Em sintonia com essa análise de Lefebvre, haveria também, na obra de Benjamin, vestígios dessa reinstauração do mito sob nova roupagem, como mostrou Buck-Morss¹⁷. Tanto um autor quanto outro acreditam que, sob o capitalismo, ocorreu uma ressacralização do mundo a qual, ao invés de abolir o religioso, tornou-se ela própria uma nova religião sustentada no culto à mercadoria exposta nas galerias do século XIX, precursoras dos *shoppings centers*, os atuais púlpitos de adoração, fetiche da mercadoria.

O culto à mercadoria estendeu ainda mais, depois de Benjamin, seus templos e mecanismos de adoração ao “deus” personificado pela mercadoria. Isso ocorreu, principalmente, através dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, Pasolini (1990), em seus diversos ensaios sobre a Itália pós-fascista, define com um rigor enfático a indústria cultural e os meios de comunicação. Para o autor, a adesão aos modelos impostos pelas chamadas potências do mundo capitalista foi total e incondicional, pois foram renegados os autênticos valores culturais. A “tolerância” da ideologia hedonista, desejada pelo novo poder, foi a pior das repressões da história humana e só se

¹⁷ - Na cidade moderna, assim como nos ur-bosques de outra era, ‘a face fascinante e ameaçadora’ do mito estava viva e em toda parte. Assomava-se para um exterior de cartazes de anúncios de ‘pasta de dentes para gigantes’ e murmurava sua presença nos mais racionalizados planos urbanos que, com suas ruas uniformizadas e fileiras de edifícios infinitas, realizariam a arquitetura sonhada pelos antigos: o labirinto. Ele aparecia, à maneira do protótipo, nas passagens onde as mercadorias estão suspensas e se acotovelam entre si em tal confusão ilimitada que [parecem] imagens provenientes dos sonhos mais incoerentes. (Susan BUCK-Morss, 2002, p. 303).

tornou possível através de duas revoluções: a das infra-estruturas e a dos meios de informação. As estradas, a motorização e outros meios de transporte uniram a periferia ao centro das grandes cidades, abolindo qualquer distância material, mas a revolução dos meios de informação foi ainda mais decisiva. Por meio da televisão, o país inteiro, historicamente tão diferenciado e rico, teve sua língua, costumes e valores padronizados, tendo sido a autenticidade substituída por modelos projetados pela indústria, que não concebe outra ideologia que não a do consumo.

O contexto sobre o qual escreve Pasolini é precisamente a Itália do início dos anos 1970. Neste período, a televisão já se encontrava presente nos lares dos Italianos tendo, como nos diz o autor, substituído com grande eficiência o catolicismo. A padronização, antes feita pela religião, passou a refletir, deste momento em diante, um novo fenômeno cultural – o hedonismo das massas. Desaparece, assim, neste novo modelo, qualquer sinal das antigas idéias associadas à religiosidade popular. Nas propostas para o novo modelo de homem e mulher imposto pela televisão permanece a necessidade de ir à missa aos domingos, embora seja preciso ir de automóvel novo e roupas da moda. Aos que não conseguem atingir, dentro da ordem, o nível de consumo imposto e agora desejado, restam as vias transgressoras.

Neste contexto, os jovens constituem-se os maiores adeptos da indústria cultural. Tornam-se, como nos lembra Pasolini (1990), a caricatura dos verdadeiros consumidores: indivíduos frustrados, ansiosos e neuróticos, pois o acesso às mercadorias que, para eles, simboliza felicidade e aceitação, lhes é negado pelas próprias condições objetivas da sociedade. É claro, contudo, que não se pode creditar à indústria cultural ou aos modelos impostos pela televisão responsabilidade exclusiva pela continuidade da prostituição na sociedade contemporânea. Como nos lembra Marx (1983, p. 218), “o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo unidade na diversidade”. Embora em contradição com a perspectiva assumida pela indústria de massa, a qual insere, de forma explícita ou não, um apelo ao consumo, o que pode incluir a mercantilização do corpo, essa própria cultura divulga cotidianamente concepções de uma moral “burguesa” que censura formas não institucionalizadas de sobrevivência. Nesse contexto, as práticas de prostituição estão parcialmente desvinculadas do controle que a sociedade exerce sobre os indivíduos. A prostituição, assim, é considerada uma conduta marginal, próxima a outras práticas transgressoras como o tráfico, o uso de drogas, os furtos e os roubos. Estas transgressões, como ressaltou Bataille (1987), suspendem o interdito sem, no entanto, suprimi-lo, numa espécie de cumplicidade entre a lei e sua própria violação.

Pasolini debita à indústria cultural a responsabilidade pelo modelo consumista e a identifica como uma nova forma de fascismo, enquanto Adorno e Horkheimer (1985) lembram que tanto o consumismo como estilo de vida quanto o conhecimento fazem parte da perspectiva da sociedade moderna. Para os autores, a elevação do padrão de vida das classes inferiores foi, na modernidade, materialmente considerável, mas lastimável do ponto de vista social. Seu reflexo é a difusão hipócrita do espírito que deveria negar a reificação, embora essa negação necessariamente se desfaça quando se vê concretizada em um bem cultural e distribuída para fins de consumo.

O novo fascismo temido por Pasolini estava em um poder capaz de determinar o comportamento consumista dos jovens, tanto formando e deformando consciências quanto tornando-as iguais, devido à ânsia do consumo, uma ânsia de obediência não anunciada. Ele lembra que nunca os jovens temeram tanto a diferença, passando a fazer todos os esforços para se adequarem aos modelos impostos pelo capitalismo. Essa falsa “igualdade”, portanto, foi uma concessão e não uma conquista. Falsa também era a tolerância a uma ideologia hedonista perfeitamente auto-suficiente, porque nenhum homem ou mulher jamais foi obrigado a ser tão normal e conformista quanto o consumidor.

Esse esforço em padronizar os comportamentos, ainda que de forma artesanal, iniciou-se no Brasil no século XIX, antes mesmo da ascensão da indústria cultural. Os estudos de Costa (1999) evidenciam os ataques moralistas às mulheres cujas vidas não se deixavam controlar. Sua obra retrata o desenvolvimento da família no Brasil Colônia e todas as ações realizadas pelo Estado e pelos médicos higienistas ao longo deste período para enquadrar os indivíduos em normas e regras. Neste sentido, as prostitutas e as mulheres consideradas mundanas, ou seja, aquelas que recusavam o matrimônio e a maternidade responsável, estavam para a mãe de família assim como os celibatários, os libertinos e os homossexuais estavam para o homem, pai de família. Elas resistiam a cumprir as tarefas sociais que lhes eram impostas para se entregarem, sem escrúpulos, aos prazeres do mundo, à vaidade do corpo e ao gozo do sexo. Naqueles tempos, a corrupção da moral feminina pela mulher perdida fazia-se, em primeiro lugar, pela exibição de seu comportamento sexualmente descontrolado. Ao manter relações sexuais por dinheiro e se entregar livremente à masturbação e à sodomia, práticas consideradas antinaturais, este gênero de mulher constituía-se em um manual vivo da forma imoral de ser mulher. Em segundo lugar, as prostitutas ou mulheres perdidas eram também acusadas de amarem o luxo e a ociosidade, de não exercerem nenhuma profissão útil, de serem imprevidentes consigo mesmas e desencaminharem, com o péssimo

exemplo de seu comportamento, as filhas de família das classes trabalhadoras. Eram também acusadas de insultarem a virtude das meninas laboriosas e honestas que, atraídas pelo luxo, vaidade e ociosidade, lançavam-se sem pensar no turbilhão da libertinagem, abandonando a tranquilidade do lar e dos bons costumes.

Esse ideário, embora distante no tempo, não desapareceu por completo, dele permanecem resquícios, restos de uma antiga moral repressora que, aos poucos, perdeu espaço para outras maneiras de viver, embora não tenham desaparecido definitivamente as práticas discriminatórias. A invasão do cenário urbano pelos meios de comunicação de massa contribuiu efetivamente para que se tornassem anacrônicos certos tipos de preconceito, surgindo, em lugar deles, novas formas autoritárias e discriminatórias de relacionamento. Se no século XIX o poder do Estado e o da Medicina se uniram para criar normas de comportamento, já no século XX e XXI estes poderes foram construídos e impostos pela indústria cultural de forma bastante eficaz, embora aparentemente neutra.

As pesquisas de Margareth Rago também incluem a temática da prostituição entre 1890 e 1930. Pode-se observar que, neste período, já eram utilizados, embora com menor intensidade, os meios de comunicação de massa como forma de produzir o consentimento das pessoas. Assim, em contradição com a perspectiva consumista da época de expansão da própria indústria e da produção de artigos supérfluos direcionadas especialmente às mulheres, a prostituição foi classificada pelo saber médico e criminológico como um vício terrível, capaz de contaminar todo o tecido social. Daí a necessidade de reprimi-lo, bem como a outras formas de vandalismo.

De acordo com Rago (1991), a moralidade reclamada pela burguesia em ascensão no Brasil, inicialmente, voltou-se para a separação entre empregadores e empregados, em nome da qual a respeitada esposa expulsou do seu “ninho” todos os intrusos. As empregadas domésticas, quando dormiam na casa dos patrões, eram instaladas em aposentos nos fundos da residência, longe do olhar destes. Os maridos, então, se queriam manter um relacionamento extraconjugal, procuravam uma *pensão de artista* ou um hotel reservado, longe da família. Em casa, no aconchego do lar-santuário, mantinham a imagem de senhores austeros, vigilantes da moralidade dos filhos. À mulher, distante de qualquer atividade pública, coube a condição de rainha do lar, cuja única função era zelar pelo bem-estar da família. A moralidade burguesa, assim imposta pelas instituições (Estado, Igreja, Escolas), não poderia e, certamente, não foi capaz de manter esse modelo de comportamento. Mesmo as mulheres pobres, apesar de vigiadas ou até perseguidas pela

moral higiênica, precisavam sobreviver e, muitas vezes, se rebelavam pelas vias da sexualidade, do trabalho ou da violência.

A transgressão¹⁸, quando relacionada com a sexualidade, quase sempre está enredada por representações e mitologias que constituem o imaginário do submundo da prostituição, tão dinâmico quanto as práticas da prostituição, embora essa atividade permaneça nas crenças populares como a “profissão mais antiga do mundo”, processo de naturalização que contradiz sua historicidade. No Brasil, as práticas de prostituição vincularam-se, desde os tempos da Colônia, à exploração das escravas pelos senhores de engenho, os quais constantemente cediam jovens negras e mulatas para serem prostituídas. Naqueles tempos, jovens portuguesas que, geralmente, embarcavam para o Brasil com enganosas promessas de casamento, também eram obrigadas a se prostituírem. Por se tratar de uma prática que garantia lucro aos escravocratas, a prostituição não se constituiu em alvo de preocupação do Estado.

Para Rago (1991), as inquietações com a prostituição tiveram início a partir da expansão do mercado capitalista, quando foi possível para chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas isolarem esta atividade, elaborando sobre ela análises e observações. Para a autora, essas análises, de um lado, silenciaram e estigmatizaram a prostituta e, de outro, ofereceram explicações essencialmente econômicas sobre a comercialização do corpo feminino, ou seja, reduziram a prostituta à condição de vítima. Nessa lógica, a prostituição é focalizada tanto como resposta a uma situação de miséria econômica quanto como transgressão a uma ordem moral acentuadamente rígida e castradora. Sua função principal seria, então, a de aliviar esporadicamente a tensão criada pela imposição de estritas regras de comportamento sexual, permitindo aos homens dar vazão aos impulsos libidinais reprimidos no interior das famílias.

Por um lado, no Brasil, como já foi referido antes, o bordel, a partir do final do século XIX, constituiu-se em um lugar importante para as cidades, ao funcionar como o lugar de iniciação sexual dos jovens tanto da elite quanto das camadas populares. Por outro lado, no mundo contemporâneo, a própria indústria cultural aponta para um crescimento da mercantilização do sexo, proporcionada pelo mundo globalizado que, inclusive, atende a outras exigências e expectativas criadas pelas necessidades atuais da sociedade.

¹⁸ Segundo Bataille (1987), a transgressão não é a negação do interdito, mas o ultrapassa e o completa. Para o autor, não existe interdito que não possa ser transgredido e, freqüentemente, a transgressão é admitida e até mesmo prescrita.

Essa substituição de valores no mundo contemporâneo se efetua através de persuasões ocultas. Os processos de colonização dos povos dos chamados países subdesenvolvidos não ocorrem mais, como em épocas passadas, por meio de violência explícita. Hoje, os métodos são sutis e complexos: os jovens assumem novos valores produzidos pela propaganda, pela televisão, enfim, pela indústria cultural, passando inconscientemente a imitar um modo de vida estranho a suas condições objetivas de vida.

Para Pasolini (1990), quando o indivíduo assume um modelo de vida que contradiz sua real situação de classe, também assume frustrações bastante profundas. Ao abordar a falsa tolerância e a permissividade, o autor lembra que vigorava, em sua época, nas grandes cidades e na zona rural, certo tipo de moral popular, um tanto livre, é verdade, mas com tabus que lhe eram próprios, uma espécie de código ao qual o povo todo se atinha. Todavia chegou um momento em que o poder teve necessidade de um tipo diferente de súdito que fosse, antes de tudo, um consumidor, o qual não seria adequado se não lhe fosse concedida permissividade no campo sexual. Daí o bombardeio dos meios de comunicação visando a mudanças nos hábitos e nas práticas sexuais. Mudanças que, no entanto, não buscavam a autonomia das pessoas, deixando-as ainda mais submissas aos modelos impostos pela indústria.

Do período inicial do século XX até os dias atuais, a indústria cultural sofreu muitas alterações periféricas, embora sua essência tenha permanecido. Se com o rádio e o cinema o poder se concentrava nas mãos de um grupo reduzido de empresários, com a televisão e outros aparatos tecnológicos surgidos posteriormente, expandiu-se um processo que Adorno chamou de pseudo-individualização, aplicável ao fenômeno da prostituição contemporânea. Em filmes de *Hollywood* ou em novelas da Rede Globo, mulheres lindas e elegantes utilizam o corpo para inserirem-se no rol dos grupos de alto consumo. Ao mesmo tempo, a atividade que realizam segue a mesma lógica do trabalho em série, organizado pelo *taylorismo* nas fábricas.

Na lógica capitalista, prevalece uma relação de dependência do trabalhador, pois assim que os homens passam a trabalhar uns para os outros de alguma maneira, seu trabalho adquire uma forma social (Marx, 1985). Opondo-se a isso, Marx concebe o trabalho como algo diretamente ligado à existência humana, mas que, ao invés de produzir sua liberdade, transforma o homem em máquina:

Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si

mesmo e ao trabalhador como uma forma de mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz os bens (MARX, 1991, p. 106).

Nesse sentido, o trabalho no capitalismo torna-se exteriorização de mercadorias cuja fetichização transforma o sujeito, neste caso, a mulher prostituta, em pura objetivação. Como afirma Resende (2003), a fetichização atinge o íntimo do indivíduo porque não é apenas como produtor que ele se defronta com as formas fantasmagóricas da realidade, mas como sujeito que se objetiva e não se reconhece no objeto que ganha vida própria, e também como sujeito individual e coletivo que não se reconhece a si e, tampouco, aos outros indivíduos.

Uma das especificidades da sociedade capitalista é sua capacidade em transformar tudo em mercadoria. Além disso, o desenvolvimento moderno provoca alterações nas necessidades sociais que repercutem nos valores, desencadeando um processo de fetichização do corpo. Particularmente neste aspecto, a interferência da indústria cultural é visível, pois ela apresenta opções mercadológicas pretensamente racionais, levando o sujeito a acreditar que é livre, embora acentue, cada vez mais, sua inclinação social para o uso do corpo como objeto de prazer. Corpo que passa, então, a ser percebido como artifício claro e que deve, necessariamente, ser consumido.

Se, para Benjamin (2000), a prostituição poderia ser considerada a manifestação do aspecto revolucionário da técnica, ou seja, seu lado criativo e simbólico, bem como a decadência do amor, pode-se também dizer que esse aspecto revolucionário vem sendo ofuscado pela técnica. A prostituição se organiza nos mesmos moldes do trabalho fabril, obedecendo à mesma lógica do trabalho fragmentado e em série do modelo *fordista*: *Ficamos numa casa que se chamava Selva de Pedra [...] Lá era tão grã-fino que a mulher que mais fazia programa ganhava um prêmio no final do mês. Era tudo computadorizado.*¹⁹ Até no controle do tempo existe semelhança entre o trabalho do operário na fábrica e a utilização do corpo da prostituta: *Na casa vip, o cliente paga o quarto e pode ficar quarenta e cinco minutos.*²⁰

Benjamin inspira-se em Baudelaire quando discute a modernidade, a prostituição, a vida nas cidades, o *flâneur*. O poeta (2002) ressaltava a complexidade do mundo moderno desde o século XVIII, identificando a modernidade com o transitório, o efêmero, o contingente, como a metade da arte, sendo que a outra metade era o eterno e o imutável. No universo baudelairiano, a modernidade

¹⁹ - Trecho recortado da história de Andréia.

²⁰ - Trecho recortado da história Luana.

é intrínseca à vida nas cidades, com suas ruas e praças, com seus teatros e bordéis e, também, com a morte a espreitar em qualquer esquina. O paraíso convive lado a lado com o inferno da solidão em meio à multidão. A técnica representada pelo trabalho a vapor e pela eletricidade trouxe o progresso para a humanidade, apesar de representar também a decadência da alma. Mesmo a negação da modernidade é algo de surpreendente fascínio, pois a decadência, a miséria, a maldade emanam matérias que percorrem as sombrias ruas da cidade, as quais são também paisagens e expressões do espírito puro e da liberdade, pois, para o autor, a correlação perpétua entre o que se chama alma e o que se chama corpo explica perfeitamente como tudo o que é material ou emanção do espiritual representa sempre o espiritual de onde provém.

Marshall Berman, em sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*, aprofunda criativamente a discussão acerca do caráter niilista da modernidade. Segundo o autor, Marx foi o maior crítico da modernidade e, ao postular no *Manifesto Comunista* que a burguesia converteu toda a dignidade e honra pessoais em valor de troca, substituindo todas as liberdades pela livre troca, demonstrou o imenso poder do mercado na vida interior dos indivíduos modernos. Estes, quando examinam a lista de preços, estão à procura de respostas não somente para questões econômicas, mas também metafísicas: o que é mais valioso ou o que é mais honorável.

Essa metamorfose de todos os valores em valor de troca na interpretação que Berman (1982) faz da obra de Marx significa que a sociedade moderna não eliminou as velhas estruturas de valor, apenas as alterou. As velhas formas de honra e dignidade não morreram, foram, ao contrário, incorporadas ao mercado, ganhando etiquetas de preço e vida nova, tornando-se, em outras palavras, mercadoria. A partir daí, qualquer espécie de conduta humana é permissível, desde que se apresente economicamente viável, valiosa. Essa é a essência do niilismo moderno que Dostoiévski, Nietzsche e seus sucessores do século XX atribuem à ciência, ao racionalismo ou à morte de Deus, enquanto, para Marx, sua base é bastante concreta e mundana e se ergue sobre as banais ocupações cotidianas da ordem econômica burguesa.

No mundo atual, pode-se observar nitidamente essa contínua circulação de valores. As seitas ou movimentos religiosos e místicos anunciam publicitariamente (e sem nenhum constrangimento) a realização de curas milagrosas, mudanças radicais no cotidiano das pessoas, prometem, enfim, o paraíso aqui mesmo, diferente do que se afirmava no passado: que o paraíso seria uma recompensa para aqueles que renunciassem aos prazeres mundanos. Idéias, crenças,

mitos, anteriormente considerados sagrados, foram redimensionados, etiquetados e transformados em mercadoria.

A modernidade desenvolveu-se no seio dos valores que permeiam a cultura de massas. Neste processo, os sonhos tornaram-se simultaneamente coletivos e inconscientes, contribuindo para formar indivíduos atomizados, consumidores que imaginavam o seu mundo de sonho mercadológico numa perspectiva absolutamente individual e que experimentavam a participação na coletividade em um sentido alienante, como um componente anônimo na multidão. Segundo Buck-Morss (2002), esta é uma das contradições fundamentais da cultura industrial que, ao privilegiar a vida privada, baseando sua concepção de sujeito no indivíduo isolado, acaba por criar formas completamente novas de existência social – espaços urbanos, formas arquitetônicas, mercadorias produzidas em massa e experiências individuais infinitamente reproduzidas – que engendram identidades e conformidades no cotidiano das pessoas, mas não a solidariedade social, nem um nível novo de consciência coletiva e, logo, nenhuma maneira de despertar do sonho que as envolve.

Esse sonho mercadológico, que não é realizado pelas maiorias, suscitou inquietações em Benjamin (1994), que descreve a genialidade e instabilidade material de Baudelaire como consequência das condições de trabalho na sociedade capitalista. Esse poeta vivia de uma forma poética, altamente criativa, mas, ao mesmo tempo, destrutiva, visto que se adaptava às privações materiais, embora não se conformasse com as injustiças dessa modernidade. Ele era capaz de reconhecer o quadro emocionante produzido pelo espetáculo de uma multidão que considerava doentia pelo fato de, cotidianamente, tragar a poeira das fábricas, aspirando partículas de algodão, deixando-se penetrar pelo alvaiade, pelo mercúrio e todos os venenos usados na fabricação de obras-primas. Essa multidão se consumia pelas maravilhas, as quais, não obstante, não tinha acesso.

Por outro lado, a modernidade generalizou o acesso à escola. Mais do que em qualquer outro período da história, as sociedades liberais expandiram as oportunidades para que todos pudessem percorrer os caminhos do conhecimento, superando, assim, as visões míticas e livrando-se das formas pré-modernas de viver e sobreviver. Na modernidade, a multidão que produzia as maravilhas destinadas ao mercado constituía-se de heróis que deveriam ir à escola e, principalmente, continuar produzindo mercadorias e preparando-se continuamente para produzi-las cada vez melhor. Eis os heróis “oficiais” da modernidade.

Outros paradigmas, outras formas de heroísmo menos submissas aos governos e ao poder, foram retratados por poetas e artistas como Baudelaire, Balzac etc. Esta rebeldia, segundo Benjamin (1994), podia ser vista no espetáculo da vida mundana, nos milhares de vidas desregradas que habitavam os subterrâneos de uma grande cidade que abarcava criminosos e prostitutas, mostrando que precisávamos apenas abrir os olhos para reconhecer nosso heroísmo. No diálogo com a poesia de Baudelaire, Benjamin re-descobriu o amor lésbico de *As Flores do Mal*, lembrando que a modernidade do escritor entrelaçava-se com o passado de uma antiguidade romana com resquícios da Grécia.

A modernidade, na visão de Benjamin, é, assim, um misto de dureza e virilidade. Além das imagens evocadas pela visão da lésbica identificada na obra de Baudelaire, outros vínculos com a marginalidade foram percebidos no estilo de vida boêmio, que se recusava ao trabalho escravo aceito pelos outros homens (e mulheres) que se fizeram detentores das condições concretas de produção de riquezas, maneira típica da sociedade moderna.

1.1 O Flâneur e a prostituta brasileira

Benjamin estudou o *flâneur*, criação baudelairiana, personagem ocioso, oposto às normas, mas estudou também o “homem das multidões”, criação de Edgar Poe, que poderia tanto ser um alto funcionário da cidade de Londres quanto um bêbado que rasteja à noite pelas ruas da cidade. Embora em condições diferentes, ambos têm em comum um mesmo espaço social dominante - as grandes cidades - que expressa, de forma singular, uma época histórica - a modernidade. Além destes autores, Benjamin discutiu o *surrealismo* e sua perspectiva libertária e de renovação dos valores políticos, artísticos, morais e filosóficos. Nesta discussão, o autor expôs suas inquietações decorrentes de sua proximidade com o aspecto libertário do surrealismo, em contradição com o legado ideológico das concepções leninistas de disciplina e organização, as quais ele acreditava serem fundamentais para que se alcançasse êxito nas ações revolucionárias.

Benjamin ressaltou em seus escritos sobre arte e literatura a importância e a necessidade de transformação social. Para ele, o potencial revolucionário pode ser encontrado em lugares e em situações atípicas, como na poesia e na pintura e, assim como para os surrealistas, este potencial está também na embriaguez, não obstante seu caráter anárquico.

Alguns marxistas, a partir da interpretação de textos escritos por Marx²¹, consideram *lumpemproletários* os indivíduos que sobrevivem na marginalidade e que, mesmo não possuindo renda alguma, também não se dispõem a vender sua força de trabalho no mercado. Seriam indivíduos considerados “perigosos”, destituídos de honra e de valores e que, por isso mesmo, poderiam servir aos caprichos da classe dominante, fazendo o jogo da repressão frente aos movimentos revolucionários, já que estariam destituídos de qualquer potencialidade revolucionária. Benjamin, porém, se aproxima das concepções anarquistas, quando os percebe com capacidades transformadoras: “o homem que lê, que pensa, que espera, que se dedica à flânerie, pertence, do mesmo modo que o fumador de ópio, o sonhador e o ébrio, à galeria dos iluminados. E são iluminados mais profanos. Para não falar da mais terrível de todas as drogas – nós mesmos – que tomamos quando estamos sós.” (1994, p. 33).

Benjamin (1994) propõe que sejam mobilizadas para a revolução as energias da embriaguez, além de criticar os limites das produções literárias cujas características estão relacionadas com posições burguesas de esquerda, provenientes de uma irremediável articulação entre a moral idealista e a prática política. Para ele, desde Bakunin, não havia mais na Europa um conceito radical de liberdade como o criado pelos surrealistas, que liquidaram o fossilizado ideal de liberdade dos moralistas e dos humanistas. Isso porque conheciam o alto preço da liberdade e lutavam por sua essência, sem cálculos pragmáticos.

Com essas convicções, Benjamin se distanciou dos marxistas em geral e se aproximou de Bakunin que, na interpretação feita por Rago (1985), apostava muito mais nos deserdados do sistema, naqueles que nada tinham a perder. O teórico do anarquismo defendia o lumpemproletariado e até o banditismo na Rússia de sua época porque considerava o proletariado, por sua situação privilegiada em relação aos demais trabalhadores ou desempregados, vulnerável aos apelos da ideologia dominante.

²¹ - MARX, na obra *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann* (1978, págs. 70-71), analisa da seguinte forma a França do século XVIII: A pretexto de fundar uma sociedade beneficente o lumpen-proletariado de Paris fora organizado em facções secretas, dirigidas por agentes bonapartistas e sob a chefia geral de um general bonapartista. Lado a lado com *roués* decadentes, de fortuna duvidosa e de origem duvidosa, lado a lado com arruinados e aventureiros rebentos da burguesia, havia vagabundos, soldados desligados do exército, presidiários libertos, forçados foragidos das galés, chantagistas, saltimbancos [...], trapaceiros, jogadores [...], donos de bordéis, [...] trapeiros, amoladores de facas, soldados, mendigos – em suma, toda uma massa indefinida e desintegrada, atirada de ceca em meca, que os franceses chamam *la bohème*; com esses elementos afins Bonaparte formou o núcleo da Sociedade de 10 de dezembro. “Sociedade Beneficente” no sentido de que todos os seus membros, como Bonaparte, sentiam necessidade de se beneficiar às expensas da nação laboriosa; esse Bonaparte, que se erige em chefe do *lumpen-proletariado*, que só aqui

Na contemporaneidade, a perspectiva de transformação social apresenta-se ainda mais complexa. As mudanças que ocorreram no mundo do trabalho restringiram quantitativa e qualitativamente a chamada *classe trabalhadora*, inclusive no Brasil. Diferentemente do século XIX e das primeiras décadas do século XX, no século XXI diminui cada vez mais o número de trabalhadores que se encontram no mercado formal, paralelamente ao crescimento de homens e mulheres que sobrevivem do chamado “mercado informal”. Neste cabedal, encontram-se formas tradicionais de sobrevivência, mas são também inventadas, a todo o momento, novas maneiras de driblar a fome e a miséria, apesar da violência institucional.

As diferenças no perfil da classe trabalhadora, tecidas ao longo deste período, não impedem, entretanto, que haja semelhanças com as formas de representação e de repressão inerentes às classes dominantes do passado (no que concerne a homens e mulheres que sobrevivem nas cidades de forma marginalizada) que continuam, apesar de tudo, persistindo no presente. Nesse contexto do imaginário, encontramos *O cortiço*, de Aloísio de Azevedo, um importante escritor do Realismo/Naturalismo, do final do século XIX e início do século XX. Embora fosse considerado progressista devido a sua inserção na luta contra a escravidão, as injustiças sociais, o obscurantismo e o clero, criou uma representação dos pobres em meio a rudeza, selvageria, sexo e sujeira:

Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente [...]. A noite aos domingos ainda mais recrudescia o seu azedume, quando ele, recolhendo-se fatigado do serviço, deixava-se ficar estendido numa preguiçosa, junto à mesa da sala de jantar, e ouvia, a contragosto, o grosseiro rumor que vinha da estalagem numa exalação forte de animais cansados. Não podia chegar à janela sem receber no rosto aquele bafo, quente e sensual, que o embebedava com o seu fartum de bestas no coito. (AZEVEDO, 1993, p. 14).

A moradia e os hábitos dos pobres estavam especialmente relacionados ao lazer e ao sexo. A insalubridade e a indecência justificavam a intervenção planejada tanto das instituições de educação e de assistência quanto das instituições repressivas, que foram propostas por representantes do Estado, por industriais e também respaldadas ideologicamente por artistas e literatos como Aloísio de Azevedo. Rago (1985) afirma que alguns industriais e higienistas sociais da década de 1920 defendiam a construção de habitações confortáveis, higiênicas e baratas que fixassem o trabalhador não apenas no emprego, mas dentro do lar nos momentos de folga. O sonho

reencontra, em massa os interesses que ele pessoalmente persegue, que reconhece nessa escória, nesse refugio, nesse rebotalho de todas as classes a única classe em que pode apoiar-se incondicionalmente [...].

desta classe dominante das primeiras décadas do século XX era moldar os trabalhadores, tornando-os obedientes e cumpridores de seus deveres dentro de suas residências, longe da *energia revolucionária* das ruas e dos bares.

No Brasil do século passado, juntaram-se Igreja, Estado e Patrões numa poderosa aliança que incentivava o trabalhador a levar uma vida sóbria e regrada. Estes “incentivos”, evidentemente, incluíam formas sutis e, às vezes, explícitas de repressão aos que se insubordinassem. Segundo Rago (1985), através da organização do espaço urbano, a classe dominante podia vigiar e controlar o trabalhador cotidianamente, na vila e na fábrica. Certamente que aos donos das fabricas interessava a promoção do casamento monogâmico e a organização da família operária fixando os trabalhadores ao redor das fábricas e evitando, assim, que eles procurassem os cabarés, as pensões de meretrizes estrangeiras, mestras em todas as artes do gozo e no esvaziar de garrafas de champanhe e de uísque.

Os trabalhadores urbanos no Brasil deste período (início do século XX) eram vistos pela burguesia e seus ideólogos como seres incivilizados e infantilizados. Daí que todos os problemas de ordem material, como pobreza, mortalidade infantil, greves eram ideologicamente vinculados ao aspecto moral. Nesse sentido, a melhoria das moradias justificava-se frente à necessidade de regenerar as classes populares decaídas moralmente. É claro que essas “boas intenções” da burguesia tinham origem na compreensão de que a organização e a disciplinarização dos operários, dentro da fábrica e fora dela, poderiam retirar ou, no mínimo, dificultar as lutas por mudanças sociais, prejudiciais à burguesia.

A rua das grandes cidades, no imaginário de alguns poetas e literatos do século XIX e XX, foi também descrita com um potencial revolucionário. Nas obras dessa época, aparece a rebeldia contra as leis e as normas de um poder arbitrário que criou, na Inglaterra, a chamada *Lei dos Pobres* (1843), que buscava impedir a liberdade e transformar todos os seres em assalariados ou, pelo menos, em indivíduos cadastrados. Benjamin (1994), pesquisando as imagens de Paris nos jornais da época, apresenta algo muito semelhante às ruas de qualquer grande cidade do século XXI que retratam, por exemplo, um boêmio (ou morador de rua) dormindo com a cabeça inclinada para frente, a bolsa vazia entre as pernas, ao lado de seus acessórios domésticos e de toalete que, colocados em torno de si de forma organizada, sugerem intimidade. Essa ociosidade do *flâneur* é uma demonstração pública, uma revolta contra a divisão do trabalho.

Benjamin (1994) encontra elementos para construir essa imagem indiferente e cruel que caracteriza as relações sociais nas grandes cidades em diversos artistas da literatura. Baudelaire, por exemplo, em *Os Foguetes*, escreveu que o homem está sempre em estado selvagem e que os perigos da floresta e das grandes planícies não significam nada se comparados aos conflitos diários do mundo civilizado.

A intolerância contra os que não se submetem à alienação e à divisão social do trabalho encontra-se tanto na obsessão de personalidades como Taylor e seus discípulos, como nos lembrou Benjamin (1994), quanto na ação repressiva de indivíduos ou grupos que, nas sociedades capitalistas, se propõem a realizar a devida “assepsia” nas ruas e praças das grandes cidades. Escritores contemporâneos no Brasil retrataram a crueldade para com aqueles que vivem nas ruas (vagabundo, sem teto, morador de rua, desocupado). No romance *A grande Arte*, de Rubem Fonseca, é narrada a história de um ex-morador de rua:

Certa época, quando eu não tinha onde morar e dormia na soleira das portas, surgiu na cidade um matador que jogava gasolina nos mendigos que dormiam e ateava fogo. Matou um monte. Eu senti que ele ia me pegar, sabe, tive aquele pressentimento. E ele quase me pegou mesmo. Acordei com o corpo todo molhado de gasolina, ele tentando acender um fósforo e jogar em cima de mim, com a cara de quem está acendendo o gás de um fogão. Corri como um louco. E depois daquele dia passei a dormir dentro de um bueiro. As baratas passeavam em cima do meu corpo, mas eu sabia que não iam me fazer nenhum mal, no máximo chupar um pedacinho de lábio aqui, uma pelinha do dedo ali, mas com elas eu estava seguro, a morte estava lá fora, tinha duas pernas, dois braços, uma cabeça, como eu, feita à imagem e semelhança de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo. (FONSECA, 2004, p. 260).

Da mesma maneira, na vida real, em plena década de 1960, no então Estado da Guanabara, governado por Carlos Lacerda, veio a público, segundo Pinheiro (2001), junto com a política de deslocamento das populações faveladas cariocas da zona sul para zonas industriais distantes criadas com o propósito de desocupar áreas já valorizadas, o caso dos mendigos jogados no rio Guandu. De acordo com um jornal da época, apareceu boiando no rio da Guarda, perto do rio Guandu (na divisa com o antigo estado do Rio), o corpo de um homem amarrado, com perfurações de balas na nuca, enquanto outro sobreviveu e foi à delegacia de Santa Cruz relatar que a própria polícia o tinha atirado no rio. Em busca de respostas para a denúncia, os jornais da época procuraram o Secretário de Segurança Pública que explicou: ‘como vem muito mendigo para o Rio, de vez em quando dão uma limpeza assim na cidade e devolvem os mendigos para as terras de origem’ (PINHEIRO, 2001, p. 287) Logo depois, um inquérito concluiu que, no Serviço de Recuperação de Mendigos, um funcionário havia formado um pequeno esquadrão da morte que recolhia os

mendigos e os levava para o rio da Guanabara; lá, eles eram amarrados, mortos a tiros e jogados dentro d'água. Para o autor, tanto a remoção das favelas como a limpeza da cidade e os assassinatos de mendigos eram práticas que tinham como denominador comum a mesma motivação de profilaxia social.

Mas “o homem das multidões”, de Poe, não é um “excluído”, morador de rua, ele pode ser, ao contrário disso, um profissional altamente qualificado que contempla a multidão. Os sentimentos direcionados a esse tipo de indivíduo não são os mesmos que inspiram aqueles que, geralmente, são tratados como vagabundos. Aos primeiros, não se destina a hostilidade de uma sociedade que cria normas e instituições com a pretensão de manter as diferenças hierárquicas. De paradoxos como esses é constituída a modernidade, onde a miséria convive com a opulência.

Benjamin (1994) descobre um Baudelaire para quem a sarjeta das grandes cidades é como um leito fúnebre que guarda o segredo dos esgotos. Neste cenário, as pessoas se acotovelam se esbarram, mas não se tornam amigas e nem, ao menos, se reconhecem como semelhantes. Em vez disso, se empurram e o que se vê por toda parte é a lama e a escuridão. Por que então falar de progresso a um mundo que se afunda na rigidez cadavérica? Esta é a indagação feita por Baudelaire para quem Poe produz do mundo descrições incomparáveis. O conceito de progresso em Benjamin e em Baudelaire funde-se com a idéia de catástrofe, cujos significantes são a injustiça e a opressão.

Segundo Benjamin (1989), neste ambiente, o homem adota, cada vez mais brutalmente, a fisionomia da mercadoria. Ao mesmo tempo, a propaganda ofusca o caráter mercantil das coisas e a enganadora transfiguração do mundo das mercadorias contrapõe sua desfiguração no alegórico. A mercadoria, assim, procura olhar-se a si mesma na face, ver a si própria no rosto. Além disso, o misticismo permanece na modernidade, mas é um encanto arisco que se apresenta na forma de um amuleto semelhante à mentira entre as prostitutas. A mercadoria assumiu o lugar da forma alegórica da intuição nas grandes cidades, por isso a mulher não aparece apenas como mercadoria, mas (à moda fordista) como artigo de massa, o que se expressa por meio do disfarce artificial através da maquilagem. Na interpretação da obra de Baudelaire por Benjamin, este aspecto da meretriz se tornou sexualmente determinante para o artista, pois nele as múltiplas evocações da prostituta têm como pano de fundo a rua e nunca o bordel.

Embora a condição da prostituta no Brasil, em um primeiro olhar, pudesse apresentar semelhanças com essa boêmia, bastaria um maior aprofundamento nesse universo para perceber

sua desvalorização social ao longo da constituição da modernidade, marcando profundas diferenças com o *flâneur*. Rago (1991), que penetrou no espaço ocupado pela prostituta, no período citado pelos referidos autores, afirma que sua aparição no cabaré era solene, teatralizada, exuberante, projetando-se com elegância para a sociedade. Nesse momento histórico, o cabaré e suas derivações – o bar, a pensão de artistas, o bordel de luxo e, posteriormente o rendez-vous - com todos os equipamentos modernos de prazer e conforto que a cidade fornece, introduziram um nível mais sofisticado e diversificado de vivência erótica.

A autora lembra que a época em questão reivindicava o status de adiantada e também que, nesse período, investia-se na tecnologia e na noção de progresso, daí o cabaré ser considerado um empreendimento capitalista moderno que veio para suprir as exigências da demanda por novas formas de consumo sexual. A prostituição se tornou, por isso, mais visível, possibilitando a compra de um momento de contato físico e de prazer sexual em suas múltiplas versões. Ao mesmo tempo, este processo, no início do século XX, era mais velado e mais secreto, havendo toda uma fetichização dessa nova mercadoria exposta no mercado. Assim, enquanto aos homens era permitido circular livremente pelas grandes avenidas ou passagens parisienses, as mulheres que também estavam na condição de *flâneur* eram consideradas objeto em exibição, em busca de um novo comprador/consumidor.

Diferente de Baudelaire e Benjamin, o palco privilegiado de observação de Rago (1991) é o bordel e não as ruas. Neste lugar, prevalece a divisão do trabalho rejeitada pelo *flâneur*. A autora reflete e concorda com as analogias de outros autores entre as condições do operário na fábrica e as da prostituta no bordel. Cotidianamente, esta precisa encenar no interior do quarto a personagem que o freguês procura, precisa aprender a ler os seus desejos e preencher suas expectativas. Assim, sua disponibilidade de representação deve ser absoluta. Nesta condição, seu corpo é totalmente fragmentado, sugado e esvaziado de toda subjetividade e de emoções, podendo cada parte ser utilizada como peça da engrenagem sexual, da mesma forma que, no mundo da fábrica, seu ritmo de trabalho e produtividade devem ser intensos.

Não obstante as profundas diferenças entre as prostitutas e o *flâneur*, a não fixação delas em um único bordel, sua condição nômade e sua constante mudança de identidade as aproximam dessa personagem. Rago (1991) observa que o amor da prostituta pelo ócio e pelo luxo, assim como seu desejo de fuga irritaram bastante os médicos brasileiros do passado. Eles se empenharam em definir o caráter dessas mulheres, embora não o tenham conseguido devido à inconsistência de seu

modo de vida. Mesmo que a condição nômade da prostituta fosse uma arma de sedução, atraindo o freguês em busca de novidade, assim como o flâneur, ela era invisível e, portanto, não classificável, seja pelo saber médico, seja por qualquer outra instituição.

Em alguns aspectos, o modo de vida do próprio Baudelaire foi discutido por Benjamin, que reconhecia no poeta vestígios do *flâneur* que o tornavam um herói pelo avesso:

Nos primeiros anos de sua existência como literato [...], seus amigos podiam admirar a descrição com que banira de seu quarto todos os vestígios de trabalho, a começar pela escrivaninha. Naquela época aspirava simbolicamente, à conquista da rua. Mas tarde, ao abandonar paulatinamente sua existência burguesa, a rua se tornou cada vez mais um refúgio. Desde o início, porém, havia na *flânerie* a consciência da fragilidade dessa existência. Ela faz da necessidade uma virtude e nisso mostra a estrutura que, em todas as partes, é característica da concepção do herói em Baudelaire. (BENJAMIN, 1994, p. 70)

Quem seriam então, os heróis da modernidade? Apenas os trabalhadores que se submeteram à condição de escravos de outros homens por não possuírem as condições concretas para desenvolverem autonomamente sua criação. Por isso defenderam uma ordem social que lhes era hostil, mas também uma boêmia, um estilo de vida que, como pensava Benjamin (1994), encontrava-se em sintonia com os conceitos desenvolvidos por Marx quando este, criticamente, lembrou que, embora o trabalho fosse a fonte de toda a riqueza e de toda cultura, tanto a exploração mental quanto manual dos indivíduos somente interessava aos burgueses.

Segundo Benjamin (1994), Baudelaire considerou como heróis os trabalhadores, sujeitos da modernidade. Por meio de metáforas, Benjamin mostrou a transformação até mesmo do artista ou do gladiador em assalariado, remetendo a Engels quando este, em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, descreveu as condições (de sua época) da cidade de Londres que, em sua imensidão urbana, sua beleza e singularidade, escondia o reverso da civilização: uma sociedade que se encontrava permanentemente envolvida numa guerra social de todos contra todos, tanto que as pessoas não se consideravam reciprocamente senão como sujeitos utilizáveis. Na realidade das grandes cidades, reinava uma indiferença bárbara, egoísta de um lado, e miséria indestrutível de outro. A solução encontrada para a guerra social que prevalece ainda hoje em toda parte foi a transformação das residências de cada um em estado de sítio. Não importam as idiossincrasias, todos se consomem diante das maravilhosas mercadorias quase sempre inúteis porque inacessíveis, estando, por elas, dispostos a grandes sacrifícios. Por tudo isso, para viver a modernidade, é preciso possuir uma natureza heróica.

Benjamin acreditava que a população pobre era o pano de fundo no qual se destacava o perfil do herói moderno. Para o autor, infelizmente, a maioria dos poetas se ocupou de temas oficiais – as vitórias e o heroísmo político - embora sem muita convicção, apenas para cumprir ordens e receber honorários. Eles deixaram de lado temas da vida privada bem heróicos, como o espetáculo da vida mundana e das milhares de existências desregradas que povoavam os subterrâneos de uma cidade grande: criminosos e mulheres da vida, reconhecendo apenas o heroísmo oficial.

De acordo com a crítica da obra de Baudelaire realizada por Benjamin (1994), os poetas poderiam encontrar no lixo da sociedade, nas ruas e no próprio lixo a temática heróica para suas produções. Com isso, a imagem distinta do poeta parece reproduzir uma imagem mais vulgar, a qual deixa transparecer os traços do trapeiro tão presentes na obra de Baudelaire. Antes mesmo do poema *O Vinho dos Trapeiros*, o artista descreveu em prosa essa estranha figura que habita, até os dias de hoje, nossas ruas. Aparentemente, trata-se de um trabalhador qualquer que tem de recolher na capital o refugo do dia que passou. Tudo o que a cidade jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu é reunido e registrado por ele que compila os anais da devassidão, o cafarnaum da escória e faz uma seleção inteligente, procedendo como um avaro com seu tesouro. Na verdade, esta descrição refletia os sentimentos de Baudelaire em relação ao poeta de sua época, pois, trapeiro ou poeta, ambos se encontravam na condição de escórias. Poetas que vagavam pela cidade à cata de rimas eram semelhantes aos trapeiros que, a todo instante, se detinham no caminho para recolher o lixo em que tropeçavam. Suas vidas eram solitárias, pois trabalhavam nas horas em que os demais se entregavam ao sono.

O poeta busca no lixo da sociedade moderna sua “aura” perdida, sua autenticidade original. Nesta busca solitária, seus passos cruzam-se com os do trapeiro, numa sociedade que pôs fim à narrativa como forma tradicional de transmitir as experiências. Na abordagem sobre a morte, Benjamin identifica-se com Baudelaire, sugerindo em um de seus textos que a modernidade deve se manter sob o signo do suicídio, não como renúncia, mas como uma paixão heróica. Rochlitz (2003) acredita que, dessa forma, Benjamin ressalta em Baudelaire um aspecto surrealista, acentuando os limites da lucidez do poeta. O heroísmo moderno é caracterizado pelo trapeiro, pela lésbica e pelo dândi. Descrevendo-os, Benjamin demonstra que Baudelaire abstraiu fenomenologicamente as figuras de quem se recusava a perceber a gênese econômica. Para Rochlitz (2003), quando Benjamin evoca o dândi, o herói em sua última encarnação, confronta a

estilização baudelairiana com suas origens históricas, reduzindo o tique mundano do dândi a uma careta satânica que perde, assim, o seu encanto. Benjamin mostrou, contudo, que todas essas encarnações do herói são apenas “papéis”, revelando-se a modernidade um drama no qual todos os trabalhadores são heróis.

Tanto em Baudelaire quanto em Benjamin, a crítica política e ideológica caminham junto com a poesia, o que revela uma profunda descrença destes pensadores nas alternativas à modernidade. Eles identificam nos gestos desesperados e na dignidade dos oprimidos uma grandeza sem esperança, ingrediente necessário para a transformação social. Essa solidariedade para com os vencidos pode constituir o elo entre o *flâneur*, a prostituta e todos os marginalizados de qualquer parte do mundo.

Capítulo II –Socialização, valores e violência

Neste capítulo, temos como pressuposto a idéia de que a socialização oferecida às novas gerações não renunciou, em muitos casos, à utilização das várias modalidades de violência (física, sexual, simbólica). Acreditamos que o desenvolvimento científico e técnico, ou seja, o projeto de modernidade que, supostamente, representaria o progresso em todas as esferas da vida, não rompeu com o uso da violência como mecanismo de obtenção do consenso e da transmissão de valores ou objetivos coletivos. Os valores e/ou os desvalores tornam-se legítimos ou perdem sua razão de existir, de acordo com a possível correlação de forças existente entre formas sociais cristalizadas e formas sociais inovadoras no interior das representações componentes de modelos culturais, consideradas indispensáveis para a vida em sociedade.

Sabemos que a socialização das crianças, em longos períodos da história das civilizações, não prescindiu da violência, tanto física quanto simbólica. Inúmeras formas de violência semelhantes às que são tratadas nas narrativas do presente estudo já foram objeto de atenção em diferentes modalidades de literatura: *A história social da criança e da família*, de P. Áries; *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freire; *Los niños olvidados: relaciones entre padres y hijos de 1500 a 1900*, de Pollock; *Ordem médica e norma familiar*, de Jurandir Freire Costa; e mesmo na literatura de ficção: *Os irmãos Karamazov*, de Dostoiévski; *Carta ao pai*, de Kafka; *Infância*, de Graciliano Ramos; *A confissão de Leontina*, de Lygia Fagundes Telles. A sociedade, em regra, manteve-se em silêncio nestes períodos, isto quando não aprovava explicitamente o uso da violência, acreditando em seu poder de produzir a obediência e, assim, afastar o perigo do caos que poderia acontecer diante da não adaptação das novas gerações às normas e valores ou, em outras palavras, diante de sua não submissão ao padrão de socialização vigente.

Ainda que de forma marginalizada, a criança ocupa um lugar na estrutura social do mundo moderno. Segundo Miranda (1994), independentemente de sua origem social, a criança passa por um processo de maturação biológica, no qual é imprescindível a mediação do adulto, e que pode ocorrer de maneiras diferenciadas, dependendo da condição social da criança. A infância do indivíduo sofre influência direta de sua origem social, não existindo, assim, uma natureza infantil,

mas uma condição de ser criança, socialmente determinada por fatores que vão do biológico ao social e que produzem realidades concretas.

Desde que nasce, segundo Miranda (1994), a criança já sofre um processo de socialização através do qual sua origem social determina sua condição de ser social. Ela, no processo de formação de sua personalidade social, não passa primeiro por um estágio individual para depois se socializar, pois, mesmo possuindo características específicas, ela é sempre socializada. Afirmar o contrário é acreditar numa capacidade própria do indivíduo – natural - para a socialização, podendo a marginalidade social, assim, ser facilmente explicada pela incapacidade de adaptação do indivíduo às normas da sociedade.

Na perspectiva repressiva, conforme interpretação feita por Berger & Berger (1978), a socialização é vista principalmente como uma série de controles exercidos de fora e apoiada por um sistema de recompensas e castigos. O mesmo fenômeno, todavia, poderia ocorrer de maneira mais saudável, constituindo-se a partir de um processo de iniciação por meio do qual a criança pode desenvolver-se e expandir-se a fim de participar de um mundo que está a seu alcance. Sob este ponto de vista, a socialização significa parte essencial do processo de humanização integral e plena realização do potencial do indivíduo.

Segundo Berger e Luckmann (1974), sociedade é um empreendimento de construção do mundo, sendo ela mesma um produto humano, assim como é o homem um produto da sociedade. Este mundo construído compõem-se de uma ordem significativa, *nomos*, que representa a ordenação dos sentidos resultante da socialização, e seu oposto, anomia, que traz implícitos a ausência de sentido, o perigo, o medo do caos. É contra o medo do perigo e a ausência de sentido que a socialização age na tentativa de eternizar a realidade socialmente construída. Neste contexto, vários elementos atuam no processo de nomização, sendo a religião, por exemplo, uma poderosa força para legitimar condutas socializantes.

As condutas humanas que instituem, na vida cotidiana, a complexidade da realidade social, desenvolvem-se a partir das significações que se constroem no senso comum. Berger e Luckmann (1974) consideram que a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e impregnada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente. Nesta vivência do dia-a-dia, os indivíduos se encontram diante de inúmeras realidades, as quais se apresentam como evidentes, normais ou mesmo naturais. Dessa forma, fica oculto o fato de que,

sendo o mundo uma criação humana, os valores culturais também o são e é na própria cotidianidade que a criação humana se perpetua, constituindo-se como o centro real da *práxis*.

Evidentemente, o indivíduo não nasce violento ou amável e, embora o processo de socialização possua raízes concretas em sua condição histórico-social, ele tem a possibilidade de recriar seu processo de socialização, interferindo, através dele, na realidade social. Isso pode ser observado nas diferentes formas (às vezes opostas) de participação da criança na vida cotidiana. Enquanto as crianças dos setores médio e alto da sociedade dedicam-se exclusivamente aos estudos e às brincadeiras, as crianças pobres começam a trabalhar muito cedo. Como mostrou Miranda (1994), as crianças e adolescentes representam, ainda hoje, no Brasil contemporâneo, um importante contingente de trabalhadores, quase sempre subempregados e explorados. Por outro lado, as crianças dos diversos segmentos das classes médias são consumidores bastante significativos, pois, como filhos de consumidores, são sempre lembrados pela publicidade, pela indústria de brinquedos, discos, livros etc. Assim, tanto a criança trabalhadora quanto a consumidora participam ativamente como ser social, atuando mais ou menos conforme seu estágio de desenvolvimento físico.

No interior das instituições (como a família e a escola), a criança internaliza padrões de comportamento, normas e valores de sua realidade social. Este processo ocorre necessariamente pela mediação do outro que estabelece vínculos básicos e essenciais entre a criança e o mundo social, de forma que ela passe a se reconhecer e a reconhecer o outro numa relação de reciprocidade. Este processo de internalização, segundo Miranda (1994), é viabilizado pela mediação do outro e possui raízes concretas nas condições sociais específicas da criança. Nessa mediação, os valores exercem um papel fundamental, pois, como mostraram Ribeiro & Ribeiro (1993), todas as ações e comportamentos partilhados intersubjetivamente por um grande número de pessoas constituem-se como valores.

Compreendemos, portanto, que as visões de mundo, os valores, as condutas constituem-se apenas aparentemente como opções isoladas ou como criações autônomas, pois os processos de socialização e de sociabilidade desenvolvem-se em todas os campos ou setores heterogêneos da sociedade. Segundo Viana (2002), os valores não são atributos inerentes aos seres humanos, ao contrário, são atributos fornecidos a eles pelos próprios seres humanos. De acordo com o autor, os seres humanos, nesta sociedade, fornecem valorações às coisas justamente porque estas não são consensuais, daí a distinção feita por ele entre valoração primária e valoração derivada. Embora

ambas tenham como foco os seres humanos e as relações sociais, apenas a valoração primária representa os valores fundamentais do indivíduo ou grupo, enquanto que a valoração derivada é constituída por ela.

Segundo Heller (2000), os homens não escolhem valores, assim como não escolhem o bem ou a felicidade. Escolhem sempre idéias, finalidades e alternativas concretas, estando seus atos (concretos) de escolha naturalmente relacionados com sua atitude valorativa geral, assim como seus juízos estão ligados a sua imagem do mundo. Além disso, sua atitude valorativa, reciprocamente, se fortalece no decorrer dos atos concretos de escolha, sendo estas escolhas pautadas por normas de ações consideradas adequadas e que expressam valores, os quais não se localizam no campo da ciência ou da racionalidade, mas encontram-se em um mundo mediado por afetos e emoções. Na medida em que os valores implicam numa adesão afetiva, em outras palavras, num consentimento e numa partilha intersubjetiva que significam a obtenção de um consenso, é que eles se tornam fatos reais.

Quando, neste estudo, nos propomos a refletir sobre as jovens prostitutas que, ainda adolescentes e, portanto, em idade escolar obrigatória, escolheram viver e sobreviver da prática prostituinte, pressupomos que as lembranças da violência, ou melhor, de uma socialização mediada pela violência, atuaram na constituição de indivíduos para os quais a violência não é algo anormal e perigoso que se deva temer e evitar. Ao contrário, ela é banal e corriqueira e a adesão à prostituição significa somente a experiência com outras modalidades de violência.

Na perspectiva de Heller (2000), os valores podem ser compreendidos como os componentes da essência humana: o trabalho (a objetivação), a socialidade, a universalidade, a consciência e a liberdade – uma essência humana que não é estática, mas que está relacionada às possibilidades próprias dos setores de produção, relações de propriedade, estrutura política, vida cotidiana, moral, ciência, arte, contribuindo para o enriquecimento dos componentes da vida. Desvalor seria tudo aquilo capaz de rebaixar ou inverter o desenvolvimento alcançado pela sociedade. Valor, portanto, é uma “categoria ontológica social” e, como tal, é objetiva, ou melhor, possui objetividade social, mesmo que não independente das atividades dos homens, já que é a expressão resultante de relações e situações sociais.

Dentro deste contexto, Heller (2000) aponta para o fenômeno da *discrepância entre possibilidade e realidade*, defendendo a idéia de que o critério de desenvolvimento dos valores não é apenas a realidade dos mesmos, mas também sua possibilidade. Para a autora, os valores não são

dotados de continuidade linear, pois, ao atingirem um determinado estágio, em algum campo da sociedade, pode ocorrer, dependendo da estrutura social, que na época seguinte este estágio seja perdido, para iniciar-se um processo de deformação, de perda de importância.

No entanto, para Heller (2000), em nenhum campo a obtenção de um valor pode vir a ser inteiramente anulada pela perda de um dos seus estágios. A realização é sempre absoluta, enquanto a perda, ao contrário, é relativa. Se fizermos uma analogia entre esta assertiva da autora e a perspectiva de se realizar a socialização das novas gerações, priorizando-se o diálogo e não a violência, poderemos dizer que este valor existe como possibilidade, embora, para o conjunto da sociedade, não seja real.

Podemos perceber que a preservação de determinados valores permanece também como possibilidade para as mulheres prostitutas, embora a realidade de suas existências inviabilize sua concretização. Essa dicotomia entre possibilidade e realidade pode ser percebida de forma expressiva em algumas importantes pesquisas realizadas no Brasil sobre a prostituição²² nas quais foram feitas referências a uma possível separação entre o corpo e a subjetividade das mulheres prostitutas, porque elas, ao se relacionarem com um freguês, o fazem somente com o corpo e a partir do estabelecimento de limites que lhes possibilitem preservar seu verdadeiro “eu”. Consideramos que essa preocupação emerge dos próprios sujeitos pesquisados, embora seja assumida pelos pesquisadores, os quais buscam demonstrar a preservação dos valores através de uma separação improvável entre corpo e alma. Em outras palavras, o sujeito, ao ter o corpo separado artificialmente de sua subjetividade, espera preservar valores interiorizados.

Trata-se, na verdade, de um deslocamento de valores, ou melhor, de uma inovação cultural. Fonseca (1996), por exemplo, defende a legitimidade da prostituição como qualquer outra modalidade de trabalho. Todavia ela própria reconhece que, em suas pesquisas nos morros de Porto Alegre, não encontrou nenhuma mulher que pensasse na prostituição como eixo de um projeto de realização pessoal. Todas elas, inclusive as empregadas domésticas e balconistas, sentiam-se desvalorizadas por não poderem realizar o sonho (o valor) de serem noiva – mulher – mãe.

Assim, inspirando-nos em Heller (2000), lembramos ao leitor que uma escolha seria tanto mais valiosa em sua totalidade quanto mais valores permitisse realizar e quanto mais intensa e rica fosse a relativa esfera de possibilidades. Como os indivíduos escolhem alternativas concretas, seus

atos de escolha estão naturalmente relacionados com sua atitude valorativa, assim como seus juízos estão ligados a sua imagem do mundo. Por outro lado, sua atitude valorativa se fortalece no decorrer dos atos concretos de escolha. Segundo a autora, muitas vezes, as diferenças que compõem a realidade dificultam a decisão sobre qual, dentre as alternativas dadas, é a escolha que dispõe de maior conteúdo valioso; e essa decisão, na medida em que é necessária, nem sempre pode ser tomada independentemente de quem a pratica.

Não podemos, entretanto, nos esquecer de que, por mais que consideremos os valores dentro de um contexto genérico de valores solidificados e interiorizados por séculos de civilização, devemos levar em conta as particularidades. Como afirmou Heller (2000), as paixões e sentimentos orientados para o “eu” não desaparecem, apenas se dirigem para o exterior, convertendo-se em motor da realização do homem-genérico, ou então permanecendo em suspenso - na medida em que inibem a ação moralmente motivada – enquanto duram as ações correspondentes. Por outro lado, uma decisão moral, neste sentido, deve sempre ser avaliada como uma *tendência*, pois não é possível distinguir, de modo rigoroso, as decisões, as ações cotidianas e aquelas moralmente motivadas. A maioria das escolhas e ações têm motivação heterogênea, sendo que as motivações particulares e as genérico-morais encontram-se e unem-se, de modo que a elevação acima do particular-individual jamais se produz de maneira completa, nem jamais deixa de existir totalmente, ocorrendo em maior ou menor medida. Não há uma distância intransponível entre as esferas da cotidianidade e da moral. Apenas os moralistas utilizam motivações morais puras e, ainda assim, o fazem mais no plano teórico do que no da prática.

Em um âmbito diferente de escolha, Beauvoir (1980), discutindo o problema da mulher logo após a revolução burguesa, acredita que a mulher burguesa não se interessava em romper seus grilhões porque supunha que eles fossem a única maneira de manter seus privilégios de classe. Para ela, as mulheres desta classe pressupunham que sua emancipação seria um enfraquecimento deste modelo de sociedade, pois, ao libertarem-se do homem, teriam, necessariamente, que trabalhar para sobreviver. Naquele período, a mulher ainda não tinha o direito de possuir propriedades, a não ser de forma vinculada ao homem (pai, irmão ou marido). Para Beauvoir, as reclamações das burguesas contra a dependência financeira do marido não as levavam, no entanto, a criticar radicalmente as relações de poder. Suas críticas não atingiam a propriedade e, se tivessem que renunciar a ela, preferiam a própria submissão.

²² Ariento (1979); Pasini (2000); Silva (2004).

Conceituando as relações de poder já na contemporaneidade, Maffesoli (1981), também descreve um profundo desejo de submissão. Por isso, para o autor, não se trata simplesmente de analisar a atomização dos indivíduos na sociedade moderna, mas de agregar as análises sobre o conformismo coercitivo à discussão da conformidade (conformismo) procurada, fenômeno que é perceptível, em particular, nos grupos de jovens ou de marginais. Dessa forma, esse processo de conformismo, no qual percebe-se um elemento importante do desejo de submissão, manifesta a necessidade do estabelecimento de relações sociais ou a necessidade de enraizamento social que poderia impedir a quebra da segurança tradicional.

Na visão de Maffesoli (1981), a relação entre proteção e submissão se sustenta na sociedade atual devido, principalmente, à extrema especialização do trabalho, cuja condição de submissão à autoridade garante ao poder legitimidade. Essa condição não é, contudo, um privilégio apenas desta civilização, pois é bastante amplo o campo de investigação desse desejo de submissão que funda o poder. E mesmo que a força social fosse a eterna reação a esse processo, não se pode explicar pela coerção a permanência da ordem, posto que existe uma aprovação dessa ordem que a justifica. Assim, o poder não pode ser percebido somente como abstração legalizada.

Dessa forma, para o autor, o termo relação de força, frequentemente empregado quando fala-se de uma situação de poder, qualifica adequadamente a ‘arte de governar’, a qual pode resumir-se numa fórmula simples: aplicar um sistema de forças a outro. Esta relação permite estabelecer uma passagem entre o desejo de submissão e a ordem estrita do poder, cuja preponderância é o princípio da autoridade. Na contemporaneidade, a particularidade do princípio de autoridade reside em seu caráter legalista que codifica e estabelece um campo sem limites, ficando, assim, o espaço-tempo, em toda a sua extensão, sob sua legislação. Trata-se, pois, do desenvolvimento de uma gestão da sociedade racional e burocrática própria dos especialistas. É por meio deste controle generalizado que funciona, pelo prisma da racionalização, a lógica da dominação.

Guimarães (1996), que se utilizou do referencial teórico de Michel Maffesoli para compreender a dinâmica da violência escolar, identifica como resultado da dominação o controle do indivíduo por si mesmo, o que ocorre principalmente através do processo educacional, quando este aprende a regular as pulsões da vida, adaptando-se a normas e padrões sociais, ao mesmo tempo que adquire o hábito de controlar as emoções, os impulsos e a imaginação.

A violência, portanto, apresenta múltiplos aspectos que nem sempre estão ligados à dominação. Contraditoriamente, ela pode apresentar e, efetivamente, apresenta um caráter instrumental e destrutivo; outras vezes expressa aspectos de insubordinação de indivíduos em estado de total degradação, impossibilitados de se expressarem por meio da fala. Nestas condições, a violência representa uma desobediência, uma reação, talvez a única possível. Isso ocorre mesmo tendo os indivíduos adquirido o hábito de controlar seus impulsos, adaptando-se aos padrões de socialização que condenam atitudes de rebeldia, principalmente quando se expressa mediante a utilização de alguma forma de violência.

Refletindo sobre o pensamento da Antiguidade, Arendt (1995) lembra que o espaço público era considerado pelos gregos como o *locus* do discurso e da ação política, entendida como espaço da palavra e da persuasão, portanto, espaço público, onde se inscreve a história do ser político, do ser histórico. A violência, assim, refletiria uma situação de ausência de diálogo. Para a autora, a palavra é uma ação política que só existe como atividade de pessoas em relação umas com as outras e, para que signifique uma ação política vinculada à esfera pública da vida, deve permanecer longe da violência.

“Somente a pura violência é muda, e por este motivo a violência, por si só, jamais pode ter grandeza” (ARENDT, 1995, p. 35). Advém daí seu caráter arbitrário e indigno, baseado não na grandeza da ação política que liberta, mas na capacidade de destruição que pode se estender a todos os setores sociais, impedindo a fala, tornando-a o oposto do diálogo.

Segundo Arendt (1995), o surgimento da sociedade de massas aproximou os homens entre si, embora isso tenha ocorrido numa relação de controle, numa espécie de aproximação solitária, onde as pessoas, mesmo juntas, permanecem separadas pelo hábito da ausência de palavras, pelo comportamento conformista imposto por normas de conduta que as qualifica com uma falsa igualdade. Para a autora, nessa forma de igualdade, o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana.

Nesta relação solitária, numa realidade vacilante, a ação e o discurso prendem-se à esfera privada, numa clara manifestação de declínio da esfera pública. Na passagem do público para o privado, marca-se o aniquilamento do espaço onde os indivíduos, anteriormente, agiam uns em relação aos outros com capacidade para verem, ouvirem e também serem vistos e ouvidos. Isso representa a incapacidade de homens e mulheres se relacionarem dentro de um espaço visível - com relações visíveis e diversificadas - onde se articula a experiência de pessoas comuns. Esta

experiência, segundo Telles (1990), seria a comunicação intersubjetiva, por meio da qual as opiniões se formam e os julgamentos se constituem.

Assim, quando já não se pode discernir a mesma identidade do objeto, segundo Arendt (1995), nenhuma natureza humana comum e, menos ainda, o conformismo artificial de uma sociedade de massas pode evitar a perda do mundo comum, que é quase sempre precedida pela destruição dos muitos aspectos nos quais ele se apresenta à pluralidade humana. Isso pode ocorrer nas condições da própria sociedade de massas, onde é comum as pessoas se comportarem como se fossem membros de uma única família, cada um a manipular e prolongar a perspectiva do vizinho. Nesse contexto, os indivíduos tornam-se inteiramente privados, isto é, privados de verem e ouvirem os outros e privados de serem vistos e ouvidos por eles. Para a autora, todos tornam-se prisioneiros da subjetividade de sua própria existência singular, que permanece singular, embora a mesma experiência seja multiplicada várias vezes. O mundo comum termina quando é visto apenas sob um aspecto e só permite aos indivíduos uma perspectiva.

Essa privação da vida e da própria existência humana significa, para o indivíduo, um processo de desresponsabilização de existir, de agir, revelando sua individualidade e expressão em relação a si mesmo e aos outros, de modo que ele se conforma em viver numa realidade falsa, solitária, sem diálogo. Para Almeida (2001), essa ausência de comunicação intersubjetiva impossibilita o exercício da ação e dos discursos próprios e criativos com importância e consequência reconhecidas, ao mesmo tempo que viabiliza, cada vez mais, a linguagem codificada para cada realidade transgressora, marginalizada. Dessa forma, os indivíduos perdem o interesse uns pelos outros e, principalmente, a capacidade de interagir e comunicar, a qual é substituída por atos violentos, consciente ou inconscientemente utilizados para fazer valer os interesses (privados) de quem os comete.

Numa abordagem que não privilegia a discussão público-privado da violência denominada por Suárez & Bandeira (1999) de desconstrutivista, as críticas se dirigem ao dualismo indivíduo – sociedade, a partir da justificativa de que o código de sentir não é apenas uma criação do indivíduo, mas uma manifestação, nele, dos hábitos emotivos coletivos. Assim, a violência seria um fenômeno substantivo que ocorre no lugar de encontro entre o indivíduo e a sociedade, embora a complexidade do fenômeno da violência aponte para a importância de se procurar ampliar o âmbito das discussões, evitando reducionismos que não ajudam na compreensão das múltiplas formas de manifestação da violência.

Nesse sentido, retomamos as análises de Maffesoli (1981) sobre a violência na sociedade moderna, porque, para ele, cabe à burocracia o exercício da violência, uma violência totalitária que se expressa pela visão de que o povo precisa ser educado por serem suas paixões e sentimentos imprevisíveis, infantilizados, convindo levar-lhes de fora a consciência das suas necessidades e aspirações. A lógica que abarca este poder, na visão deste autor, considera que a vida é uma coisa muito séria para ser deixada aos cuidados dos que a vivem, daí a necessidade do controle social que pretende, nos mínimos detalhes, ocupar-se de tudo: da formação, do lazer, da cultura, do trabalho. Compreendemos, assim, que a violência tanto física quanto simbólica ou moral, organizada pelo Estado, existiria para enfrentar a resistência dos oprimidos.

Mas como explicar, a partir desta teoria, a violência como forma de solucionar os conflitos que envolvem as relações de pais e filhos, as relações de gênero e tantas outras formas de relacionamentos interpessoais? Para alguns, esses conflitos seriam decorrentes da própria natureza humana. Assim, a consciência ou a razão, as idéias morais e religiosas se converteriam em realidades sólidas e independentes. Contrapondo-se a essas idéias, Horkheimer (1990) defende que estas teorias vinculam-se aos poderes da própria sociedade. Para ele, a chamada natureza social, o integrar-se numa ordem estabelecida, mesmo que se justifique pragmática, moral ou religiosamente, origina-se, em essência, da recordação de atos de coação pelos quais os homens se tornaram “sociáveis”, civilizados, sendo ainda hoje ameaçados por esses atos, caso se tornem por demais esquecidos.

Essa forte relação entre socialização e violência já havia sido refletida por Nietzsche (1999) no texto: *culpa, má consciência & companhia*. Para o filósofo, o conceito de “consciência”, encontrado em sua mais alta e quase surpreendente configuração, possui uma longa história, pois, ao contrário do que se poderia pensar, não foi com modos delicados que se tornou possível para a humanidade contornar os problemas relacionados com a ausência de memória dos indivíduos, precisamente no que se refere a comportamentos, hábitos e valores que se quer hegemônicos. Por isso,

Imprime-se algo a fogo para que permaneça na memória: somente o que não cessa de fazer mal permanece na memória. [...] Poderíamos mesmo dizer que por toda parte onde agora sobre a terra há ainda solenidade, seriedade, segredo, cores sombrias na vida de homem e povo, persiste algo do efeito da terribilidade com que outrora, por toda parte sobre a terra, se prometeu, empenhou, jurou: o passado, o mais longo, mais profundo, mais duro dos passados, nos bafeja com seu sopro e ressurge em nós, quando ficamos ‘sérios’. Nunca nada se passou sem sangue, martírio, sacrifício, quando o homem achou necessário se fazer uma memória, os mais arrepiantes sacrifícios e penhores (entre os quais o sacrifício do primogênito), as mais repugnantes mutilações (por exemplo, as castrações), as mais cruéis

formas rituais de todos os cultos religiosos (e todas as religiões são, em seu fundamento último, sistemas de crueldade) – tudo isso tem origem naquele instinto que advinha na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica. (NIETZSCHE, 1999, p. 347-348).

Na visão de Nietzsche, a violência ocupou espaço fundamental no processo pelo qual se forjou a *natureza humana*. Além disso, segundo Horkheimer (1990), o papel da coação ou da violência, que caracteriza não apenas o começo, mas também a evolução de todas as formações políticas, não pode sequer ser subestimado quando explica a vida social ao longo da história. Para o autor, este papel consiste não só nas punições impostas a qualquer um que fira a ordem estabelecida, mas também na fome do indivíduo ou de seus filhos, o que o obriga a sempre sujeitar-se às condições dadas de trabalho, das quais faz parte seu bom comportamento na maioria das esferas da vida.

Quanto menor era a capacidade do indivíduo de guardar na memória os modos dominantes de comportamento, maior e mais cruel era a violência²³. A transformação dos valores em princípios estruturados e institucionalizados representa o próprio processo de socialização. Daí que a inculcação e a disseminação dos valores deixou de se realizar pelo viés predominante da violência. Cristalizados os valores, a violência física passou ao papel de coadjuvante, sendo, então, utilizada apenas como complemento ou considerada como desvio de conduta.

A consciência moral, o senso e a concepção do dever desenvolveram-se em ligação muito estreita com a coação, transformando-se, por isso, em forças interiorizadas que formam a *ser social*. Estas forças, no entanto, possuem especificidades com base nas quais os indivíduos não só se submetem ao existente, mas também, em certas circunstâncias, se opõem a ele. Os mecanismos culturais de diferentes épocas têm buscado fortalecer nos próprios dominados a necessidade da dominação, tendendo estes indivíduos, conseqüentemente, a acreditarem nas figuras que representam autoridade. Para Horkheimer (1990), esta é a condição que constituiu na história um motor humano, em parte produtivo, em parte obstrutivo.

Em épocas anteriores ao que se chama modernidade, como por exemplo, no Brasil colonial, a violência física ou simbólica que se exercia, em geral e em particular, contra a mulher,

²³ - Segundo Nietzsche (1999), quanto menor era a memória (internalização das normas e da repressão), mais terríveis eram os aspectos de seus usos; a dureza das leis penais dá, em particular, uma medida de quanto esforço a memória teve de fazer para chegar à vitória sobre o esquecimento e manter umas tantas exigências primitivas do convívio social.

em nome da “educação dos sentidos”²⁴, era consideravelmente superior²⁵. Dessa forma, é claro que houve mudanças que contribuíram para retirar a mulher do obscurantismo a que estava condenada. Não podemos, todavia, afirmar que, através da “racionalização” do mundo moderno, foram abandonadas as formas violentas de se obter consenso, tanto que o fascismo (sem dúvida, uma das formas mais violentas de exercício do poder político) foi analisado por Adorno e Horkheimer (1985) como expressão da própria racionalidade moderna. Além disso, o contexto que envolve as práticas da prostituição, constituído de novas características nas grandes metrópoles, por meio da apresentação da prostituta moderna como um artigo de massa viabilizado pelas modas e cosméticos, somente dissimula novas formas de violência.

Essas novas e diversificadas formas de violência (em plena modernidade) foram identificadas na pesquisa de Engel (1988), na caracterização desenvolvida pelo discurso dominante da atividade da prostituta como “carreira da devassidão”, tendo por base os “desarranjos das faculdades mentais”, as “fraquezas de espírito” ou a “ignorância”. Segundo a autora, o predomínio do instinto sobre a razão foi qualificado por meio de imagens simultaneamente reveladoras do delírio (loucura) e da degradação moral (pecado). Não havia, contudo, uma delimitação precisa entre o pecado e a loucura, além do que tais noções se encontravam diluídas num mesmo universo semântico, definido pela idéia de doença. A noção de pecado encontrava-se lado a lado com o discurso “científico”. Na classificação dos espaços da normalidade e da anomalia, o pecado era incorporado como substância básica para a construção do sentido moral do corpo doente.

Em sintonia com a discussão sobre a perspectiva classificatória da prostituição, a pesquisa de Rago (1985) retrata a violência simbólica ou moral expressa nas atitudes dos médicos sanitaristas brasileiros, no final do século XIX e início do século XX. Estes profissionais, de acordo com a autora, invadiram o submundo da prostituição, classificando as mulheres como degeneradas e procedendo investigações sobre seus hábitos e gostos para, no final, difundirem o estereótipo da puta, situado no campo da anormalidade sexual e social. Assim, os bordéis foram transformados em laboratórios de estudos, semelhantes a hospitais e prisões destinados às “mulheres perdidas”, a

²⁴ - Segundo Priore (1993) este termo foi utilizado por Peter Gay na obra “A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud”.

²⁵ - Recolhidas à domesticidade, encolhidas em sentimentos mais piedosos do que amorosos, mergulhadas numa sexualidade fria e adormecida, as mulheres faziam bonito como ‘vergonhosas’. A pudicícia funcionava como sinônimo de prudência e resguardo, mas também de obediência, honradez e de segurança dada pelo casamento. E a sexualidade ‘vergonhosa’, tal como a mulher recatada, devia circunscrever-se à casa, ao lar, à família, abandonando a rua, a praça, as atividades fora do fogo doméstico [...]. (PRIORE, 1993, p. 149).

fim de que se pudesse elaborar simultaneamente técnicas de saber e estratégias de poder para censurar as práticas sexuais extraconjugais.

Além da violência simbólica ou moral, a autora refere-se também à violência física utilizada pela repressão policial contra as prostitutas, as quais eram frequentemente presas, espancadas e tinham suas cabeças raspadas. Estes procedimentos, de acordo com ela, eram comuns no início do século XX e ainda persistiam na sociedade brasileira em plena década de 1980, época em que realizou sua pesquisa.

Muitas mudanças ocorreram entre o final do século XX e início do século XXI. A própria Constituição Brasileira em vigência proíbe procedimentos como os que foram descritos por Rago. Podemos, no entanto, afirmar que a contemporaneidade redimensionou e inovou as formas de violência contra as mulheres prostitutas, permanecendo a violência sob nova roupagem: *Uma vez, como era menor de idade fui pega pelo Juizado de Menores [...] mas aí transei com o comissário do Juizado, [...] e ele me liberou e também liberou a dona. Ele tinha ido lá pra averiguar [...] Daí ele transou comigo e o outro comissário transou com a outra menina [...]*²⁶.

É evidente que a prostituição, uma atividade estigmatizada e que ainda hoje é alvo da repressão policial²⁷ e da censura da sociedade, não poderia simplesmente eliminar de seu cotidiano o exercício da violência sem romper com a gênese desta. Defendemos, desta forma, a idéia de que a própria discriminação das mulheres prostitutas tanto quanto a discriminação de indivíduos de outras categorias de trabalho²⁸, constitui, por si, uma forma de violência bastante comum nas sociedades contemporâneas. Estas discriminações, que são também violências, não são eliminadas com a difusão de novas tecnologias (celular, internet etc) e nem, tampouco, com sua popularização. Trata-se de uma lógica do próprio capitalismo, a qual, ao mesmo tempo, gera e mantém formas de inserção marginal na divisão social do trabalho. Essas formas de trabalho, embora não sejam tipicamente capitalistas, são parte integrante do processo de acumulação.

²⁶ - Trecho recortado da história de Andréia.

²⁷ - Embora a prostituição no Brasil não seja considerada uma atividade ilegal, outras atividades a ela vinculadas o são, tais como o lenocínio, o rufianismo e o tráfico de mulheres.

²⁸ - Existem hierarquias diferentes para a discriminação das ocupações. Citamos, como exemplo, as empregadas domésticas, as faxineiras, os lavadores de carros etc.

Capítulo III –As narrativas

Enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos, não poderá haver libertação.

Michael Lowy

Neste capítulo, apresentamos as histórias de *Andréia*, *Luana* e *Juliana*, três mulheres jovens, envolvidas com a prostituição num contexto típico da modernidade²⁹. Além disso, elas tiveram uma socialização mediada pela violência, pelo abandono da escola, concomitantemente ao ingresso na prostituição, e também à vivência no espaço social da cidade de Goiânia. Embora as entrevistas tenham sido realizadas dentro de um prazo relativamente pequeno, entre setembro e novembro de 2004, foi longa a trajetória anterior, ou seja, o período em que se deram os primeiros contatos com as jovens.³⁰ Outras duas entrevistas foram realizadas, mas optamos por não incluí-las no trabalho, porque consideramos que elas não convergiam, em alguns aspectos, com as histórias aqui apresentadas.

Esclarecemos, ainda, que as entrevistas foram realizadas com base em um roteiro semi-estruturado, utilizando como eixo a história de vida das entrevistadas, cujas narrativas tiveram como fio condutor sua inserção no mundo da prostituição. Tivemos, contudo, o cuidado que, na concepção de Minayo (1996), deve-se ter na realização de entrevistas prolongadas. Buscamos constantemente interagir com as narradoras no sentido de intercambiar experiências, de acordo com o sentido dado por Benjamin (1996) a este processo.

Depois das entrevistas, realizamos a transcrição das fitas, a partir da compreensão de que transcrever é passar literalmente o que foi dito pelas narradoras para a grafia. Na fase seguinte, procedemos à supressão da voz do entrevistador para que permanecesse somente a voz de cada narradora, o que, na perspectiva de Meihy (1991), significa ultrapassar a mera transcrição para a

²⁹ - Defendemos neste trabalho (especialmente no primeiro capítulo) a idéia de que a prostituição, embora seja uma atividade que existe desde a antiguidade, possui características específicas no capitalismo.

³⁰ - Os primeiros contatos com mulheres cujo ingresso precoce (antes dos 18 anos) e cuja trajetória de vida infanto-juvenil, marcadas por várias modalidades de violência (física, simbólica, sexual etc), coincidiam com as características requeridas para este trabalho foram feitas em março de 2004.

textualização. Segundo este autor, textualização é um estágio mais graduado na feitura de um texto de história oral. Consta desta tarefa a reorganização do discurso, obedecendo à estruturação requerida para um texto escrito.

Procedemos também à identificação das palavras-chave em cada história de vida. Cada uma delas sintetiza a condição de sua narradora, e há, entre as três histórias pontos em comum. As palavras *destruição e violência* dão à tônica da narrativa de Andréia. As palavras *consumo, aventura e violência* traduzem a narrativa de Luana, cuja inserção na prostituição ocorreu motivada, principalmente, pelo “desejo de consumo”. No que diz respeito a Juliana, sua condição fica expressa nas palavras *gravidez, abandono e violência*.

Optamos por não recortar as narrativas para análise, de forma a não instrumentalizar a interpretação do leitor. Entretanto elas foram organizadas em subtítulos-temáticos, referentes ao núcleo narrativo, os quais delimitam acontecimentos importantes de suas vidas, pontuados por trechos de obras literárias e/ou comentários nossos, que não se propõem a um viés analítico e, sim, reflexivo.

3.1 História de Andréia: destruição, abandono e violência

A primeira personagem que apresentamos é *Andréia*, uma jovem que, na época da entrevista³¹, estava com 20 anos. De forma semelhante a tantas outras, ela tentava voltar à escola depois de ter abandonado os estudos com treze anos de idade, período em que ingressou no mundo das drogas e da prostituição. Antes disso, sua breve infância já fora marcada pela violência.

As primeiras experiência com a violência: herança de família?

Andréia retrata, inicialmente, aspectos da vida cotidiana bastante comuns: um casal de namorados que teve uma filha, os conflitos que envolveram a “posse” da criança:

Sou filha de pais separados, aliás meus pais nunca viveram juntos, só namoraram. Eles namoraram durante um tempo, aí minha mãe engravidou e ela teve que se virar praticamente sozinha, pois meu pai nunca podia ajudar com quase nada.

³¹ - A entrevista com Andréia foi realizada nos dias 16 e 20 de setembro de 2004.

Convivi com meu pai durante um tempo, só que ele nunca acreditou que eu fosse filha dele. Ele achava que eu era filha de outra pessoa. Achava que a minha mãe tinha tido um outro relacionamento durante o tempo em que estava com ele. E aí eu morei com a minha mãe durante um tempo e vivi com ele durante algum tempo também, então eu ficava muito na casa de um e na casa do outro. Eu não tive quando era criança um lugar fixo pra viver. Eles brigavam muito, então a arma que eles tinham era eu. Se meu pai me pegava na casa da minha mãe, minha mãe se revoltava. Se a minha mãe me pegava, meu pai se revoltava.

Eu tive uma infância complicada. A coisa que para mim era mais difícil era que a minha mãe bebia muito. Além disso, por eles [meus pais] não viverem juntos, a minha mãe teve outros relacionamentos e todas as pessoas com quem ela se envolvia maltratavam ela muito. E, depois ela teve uma outra filha no casamento, mas não viveu com essa pessoa também. Nós somos de família muito pobre. A minha mãe é filha de pessoas que moram no interior. Ela veio pra Goiânia muito jovem, com treze anos de idade pra trabalhar de doméstica.

Quanto vale uma pessoa? Ou melhor, quanto vale uma carroça?

[...] Tratei de explicar, mas ela mudou de assunto sem transição: Seja como for estou de olho em outra um pouco mais velha, bela e também virgem. O pai quer trocá-la por uma casa, mas dá para discutir algum desconto. [...]

GABRIEL GARCIA MARQUES

No livro *Memória de minhas putas tristes*, de Gabriel Garcia Marques, o narrador, um homem no dia de seu aniversário de 90 anos, resolve dar a si mesmo de presente uma noite de amor com uma virgem. Para tanto, solicita a colaboração de uma velha amiga, Rosa Cabarcas, uma cafetina que, embora considere essa uma tarefa difícil, se dispõe a procurar uma moça nas condições solicitadas pelo freguês/narrador. Na primeira tentativa, Rosa consegue uma adolescente de 14 anos, mas, por várias razões, o encontro parece fracassar. É então que, numa segunda tentativa, a cafetina apresenta a proposta de uma outra menina, cuja virgindade o pai pretendia trocar por uma casa.

Ela estudou pouco. Ela conta que veio pra Goiânia porque quando ela tinha treze anos, o meu avô queria trocar ela por uma carroça e ela não queria viver com aquele homem porque ele era muito velho. Meu avô ia entregar a minha mãe para esse homem em troca de uma carroça e de uma égua e minha mãe ia ser a mulher dele. Foi por isso que ela fugiu pra Goiânia. Aí ela morou na casa de um, na casa de outro, trabalhando de

doméstica e, aí, com dezessete anos, ela engravidou de mim. Então, da minha infância mesmo eu não tenho muitas recordações, muitas lembranças. Até mesmo porque eu acho que eu quis esquecer muitas coisas que eu vivi. Mas eu também tive coisas boas na minha vida, não foi só coisas ruins, meu pai não era pobre como minha mãe, por isso quando eu morava como ele ganhava as coisas.

Como nossos pais?

A modernidade e sua perspectiva de progresso nem sempre representaram desenvolvimento em todas as esferas da vida social. Durante os últimos séculos, muitas vezes, a ciência ocupou o imaginário social como um novo mito capaz de livrar a humanidade da miséria e da opressão. A cultura, todavia, não é isenta da barbárie, assim como também seus meios de transmissão. Continuam presentes no cotidiano das pessoas formas rotineiras de reprodução da violência.

Estudei em escola particular do maternal até a 4ª série e quem pagava era meu pai. Depois fui para a escola pública porque a escola que eu estudava só tinha até a 4ª série. Nessa época, ele [meu pai] me dava tudo que eu precisava. Só que meu pai sempre foi uma pessoa muito agressiva. Ele sempre foi uma pessoa que desconfiava até da própria sombra e era também muito violento. Meu pai não bebe, não fuma, não tem vício algum, só a violência, só é uma pessoa agressiva, ele vive para o trabalho. A vida dele é trabalhar. E durante a minha infância, como ele nunca casou e como na casa dele sempre moraram outras pessoas, irmã, irmão, cunhado, sempre tinha alguém na casa do meu pai, por isso eu ficava lá. E assim eu lembro que naquela época muita gente falava que eu não gostava dele, que eu gostava das coisas que ele me dava. Mas não era verdade. Era porque, sei lá, ele não era um pai carinhoso, ele batia muito no meu rosto. Qualquer coisinha que acontecia ele batia no meu rosto.

Tive muitas histórias de violência, mas duas delas eu não consigo esquecer: A primeira que eu me lembro, eu vinha do colégio e parei na porta da casa de uma vizinha porque tinha uma boneca jogada no lixo. Uma boneca de porcelana que estava meio quebrada e jogada no lixo da casa de uma vizinha. Aí eu fui e peguei aquela boneca pra mim. Mas quando eu cheguei em casa e ele perguntou onde que eu tinha arrumado aquela boneca de porcelana eu disse onde foi que eu tinha pegado a boneca. Ele falou: “Então vamos lá que eu quero saber se essa história é verdadeira”. Chegando lá, ele chamou a mulher e ela confirmou: “Eu joguei fora mesmo, está quebrada, eu não gosto de ficar juntando lixo dentro de casa. Pode deixar a menina levar, tem outras aqui”. E aí ele falou: “Não, ela não precisa disso, não”.

Aí quando chegou em casa, ele me bateu tanto, mas ele me bateu tanto com cordas de *nylon*, aquelas cordas, é *nylon* mesmo, e a ponta da corda tinha sido queimada. E *nylon* quando queima fica uma coisa grossa, uma textura bem forte. E ele me bateu com aquilo. E naquela época as minhas pernas tinham ficado totalmente

feridas. Estava na carne viva. Inchou, infeccionou todas as feridas. Ele me bateu muito, muito mesmo. Isso eu tinha uns seis anos. Eu lembro disso nitidamente e aí ele disse que nunca mais ia me bater. Aí, algum tempo depois, ele tornou a me bater, me deu um tapa no rosto porque eu tinha sentado no colo de um primo dele, que já era um homem adulto. Ele veio me cumprimentou e aí eu fui e sentei no colo dele. Isso também foi numa certa idade que eu ainda era criança, só que eu não lembro direito quando.

Do jeito que ele chegou, ele meteu a mão na minha cara, meu rosto inchou muito... Essas duas vezes marcaram muito a minha vida, minha infância, sabe? Eu olhava pra ele eu não conseguia sentir nada, sentimento nenhum e aí eu não conseguia viver na casa da minha mãe também, porque nessa época a minha mãe já tinha um novo relacionamento com a pessoa com quem ela está vivendo até hoje, que é uma pessoa muito agressiva, totalmente desestruturada. Um homem que maltrata ela constantemente. Já bateu nela diversas vezes e sempre que eu conversava com ela, eu falava: “Mãe, por que a senhora não larga dele? Por que a senhora não deixa esse homem?” “Aí, ela falava: “Ah.... ele me ameaça, diz que vai me matar, que vai fazer isso e isso comigo...” E eu falava pra ela que ela podia dar um jeito. E meu pai morria de antipatia por esse homem, não conseguia nem conversar com ele.

Além disso, minha mãe era também agressiva, mas só quando ela bebia. E eu me lembro que a minha mãe gostava muito de pinga, porque quando ela teve a minha irmã, ela estava desempregada, eu tinha cinco anos e ela não tinha condições de cuidar da minha irmã e nem de mim. E aí ela mandou nós duas para a casa da minha avó no interior. Na época, minha irmã tinha seis meses e quando ela foi buscar a gente, um ano depois, eu vim com ela pra Goiânia, só que minha irmã não veio, ela já estava com um ano e seis meses, muito apegada à minha avó. E, aí, por ela não trabalhar, estar desempregada e a gente estar passando muita falta das coisas em casa, muitas vezes não tinha o que comer e meu pai, por birra, não ajudava, porque dizia que ela tinha que se virar.

Minha irmã, que hoje está com dezesseis anos, não é filha do meu pai. Então, as coisas foram acontecendo, acontecendo e ela começou a beber muito. Ela bebia todos os dias, até que ela conseguiu emprego na COMURG³² onde ela trabalha até hoje. Ela tirava o sábado, limpava a casa, porque lá em casa tinha dois cômodos, uma casa muito humilde, chão, terraço mesmo, não tinha nem cimento grosso. A parede era levantada com tijolos de barro sem cimento, sem areia, nada disso, só barro, só a terra quase caindo na cabeça da gente. Aí, ela começou a beber e bebia, bebia. Ela me batia muito, por qualquer coisa ela me batia, porque era só eu que estava lá com ela. Era como se eu estivesse atrapalhando ela a viver algo que eu não sabia definir o que era, mas hoje eu sei. Hoje, às vezes, eu questiono isso. Será que era por que ela era muito nova e eu atrapalhava que ela saísse? Por que eu estava em casa? Ou eu atrapalhava por que ela queria namorar? Porque, nessa época, ela já estava trabalhando. Entre minha mãe e meu pai, a minha mãe

³² - Companhia Municipal Urbana de Goiânia-GO.

foi quem mais me bateu. Me bateu muito, muito, muito... Todos os dias eu apanhava da minha mãe, todos os dias. Minha mãe chegava do serviço e se eu não tivesse feito o café pra ela, ela me batia. Eu não entendo o porquê disso.

Então, eu fui ficando uma pessoa amarga, eu sempre tive objetivos, eu sempre tive ideais. Eu tinha vontade, quando eu era criança, de ser pediatra. Nossa! Minha paixão era ser médica e cuidar de criança. E aí, depois, eu comecei a ter interesse por crianças com problemas, com dependência química, coisas assim do tipo. Eu falava: “O dia que eu for médica, eu vou ter que ganhar muito dinheiro e vou comprar um lugar pra mim morar e construir uma casa e encher de criança que não tem mãe, que não tem pai”. Eu ficava viajando em novelas, em desenhos, sabe, e falava que um dia eu ia ser médica. Só que enquanto eu continuava com todos esses desejos, aconteceu de eu ser estuprada pelo meu tio, quando eu tinha sete anos de idade. Eu morava com minha mãe, aí era férias do colégio e eu tinha viajado pra casa da minha avó pra passar as férias do mês de julho, porque lá tinha festa na cidade e eu gostava muito de ir pra lá e, depois que isso aconteceu, eu comecei a mudar totalmente os meus objetivos, eu não queria mais ser médica.

Não aconteceu nada com o meu tio. A gente denunciou ele, só que, naquela época, as leis não eram como hoje. Para uma pessoa naquela época responder um inquérito, ou seja, um processo, ela deveria ser pega em flagrante ou que isso tivesse acontecido a pouco tempo. Mas eu demorei muito tempo para fazer exame de corpo de delito, demorei dois anos. Eu não contei pra ninguém. Eu fiquei machucada, minha vagina sangrava muito. Só que eu não contei por medo, porque quando ele fez isso comigo, ele me ameaçou. Ele disse que se eu chegasse a contar isso pra alguém, ele ia me levar pro meio do mato e ia fazer tudo aquilo de novo e ia me matar. Então eu tive muito medo, muito medo mesmo disso acontecer.

Dois anos depois, indo pro colégio, eu passei numa banca de revista para comprar gibi, eu sempre gostei e ainda gosto muito de ler gibi. Além disso, naquele dia tinha um trabalho da escola com gibi, era para fazer tipo uma historinha. Então, o dono da banca começou a pegar no meu corpo e no corpo de duas meninas que estavam comigo. Só que naquela hora que ele começou a fazer aquilo, eu senti uma coisa tão estranha que eu não consegui sair lá de dentro. Eu senti um medo tão grande, era como se eu estivesse colocando aquela imagem do dia em que eu fui estuprada naquele momento ali. Eu fiquei paralisada e as meninas me deixaram lá sozinha. Ele ficou me mostrando uma revista pornô. Fiquei ali paralisada porque eu queria ver aquelas fotos que ele estava me mostrando e, ao mesmo tempo, eu queria sair, mas não conseguia. E aí chegou uma senhora para comprar uma revista, eu aproveitei a oportunidade e saí junto com ela, foi quando eu tive forças.

Nesse dia eu não consegui estudar, fiquei sentada no ponto de ônibus das nove horas da manhã até ao meio dia pra voltar pra casa. Isso foi numa quarta-feira. Quando foi no domingo, como lá em casa não tinha televisão, eu fui pra casa de uma vizinha assistir o programa dos Trapalhões, e uma dessas meninas que estava comigo contou pra mãe dela e a mãe dela foi lá em casa e contou pra minha mãe. Só que esse senhor,

apesar de tudo, ele não fez nada comigo. Ele pegou em mim, só no meu corpo, mas ele não chegou a fazer mais nada, além disso. Aí a menina contou pra minha mãe isso que tinha acontecido e ela me bateu. Nossa! Como ela me bateu! Ela me bateu com esses fios de eletricidade. Gente, mas ela me bateu, me bateu tanto nesse dia, tanto.

Primeiro, ela me colocou pra ir tomar banho e ela me bateu dentro do banheiro, eu estava pelada. Depois, ela me deitou na cama e perguntou para mim, ela veio com aquela coisa psicológica, sabe? “Quem fez isso com você? Quem fez isso com sua vagina?” Só que a minha vagina estava totalmente cicatrizada, e a única pessoa que tinha tocado na minha vagina era o meu tio, então foi a única pessoa que veio na minha cabeça naquele momento e aí eu contei pra ela: “Olha, mãe, foi o meu tio, ele quem fez isso comigo”. Aí ela entrou em pânico, começou a chorar. Falou que ia vender a casa, que ia matar meu tio e perguntou por que eu não tinha contado pra ela sobre isso. Então, eu falei que não tinha contado porque meu tio disse que se eu contasse o que aconteceu ele ia fazer isso e isso comigo.

Um novo ciclo de violência

Horroriza-nos o embrutecimento da vida, mas a ausência de todo e qualquer costume objetivamente obrigatório força-nos por toda a parte a modos de comportamento, falas e avaliações que são bárbaros de acordo com o critério do que é humano, e desprovidos de todo tacto, até mesmo segundo o duvidoso critério da boa sociedade.

THEODOR ADORNO

Em *Mínima Moral*, Adorno discute o embrutecimento da vida que se desenvolveu a partir da idéia de privacidade. Como fruto de uma hipotética conquista dos tempos modernos, essa privacidade, entretanto, isola os indivíduos e lhes subtrai a dignidade, ao mesmo tempo que coloca em seu lugar a ideologia da boa educação, que teria por base a não interferência nos assuntos privados das famílias.

Logo depois, meu pai ficou sabendo e, aí, veio, me pegou e me levou pra casa dele. Disse que minha mãe não tinha competência pra me criar, que ela era totalmente irresponsável e nisso a minha mãe já havia me levado na delegacia feito exame. A gente fez exame de corpo de delito no IML³³ e ficou dele responder processo, só que nunca foi. Se ele recebeu alguma intimação, ele nunca compareceu. Aí, eu fui morar com meu pai, eu tinha nove anos. Morando com meu pai eu estudava, só que eu não tinha amizade com ninguém,

³³ - Instituto Médico Legal.

eu ficava trancada dentro de casa. Ele me levava e me buscava na escola todos os dias. Ele me trancava. Eu ficava trancada dentro de casa. Eu não podia sair, eu não podia assistir televisão, eu não podia fazer nada. Tinha que ficar dentro de casa.

Não sei dizer o porquê disso. Um dia, na escola, eu fui escolhida para ser a noiva da quadrilha, porque eu era magrinha e loira, dos olhos claros, meu cabelo era bem clarinho. Eu fui pra quadrilha e um dos meus colegas subiu em cima das minhas costas, que era uma brincadeira, tipo uma dança que tem na quadrilha, um passo que tem, e aquilo pro meu pai foi o fim do mundo. Ele me bateu na frente de todo mundo, gritou comigo e disse que eu era sem-vergonha igual a minha mãe, que eu ia ser uma prostituta igual a minha mãe e eu fiquei sem entender. A diretora da escola chamou ele e conversou com ele. Ele falou: “Fiquei nervoso, estou passando por uma fase difícil.” Até que ficou tudo resolvido. Só que ele, eu não sei, sabe? Eu não sei te explicar como que ele era. Meu pai me levou para fazer exame de virgindade não sei quantas vezes, mas ele sabia que eu tinha sido estuprada, sabia que eu não tinha hímen.

Pra quê ele queria saber? Pois é, ele me levava porque minha tia, que era também minha madrinha, trabalhava no CAIS³⁴ do Setor Finsocial³⁵. Então, ele conversava com ela e ela entrava comigo no consultório do médico pra ele dar o laudo, mas hoje eu sei que fazer isso é proibido. Então, eu associei as coisas: ela entrava comigo justamente pra isso, pra ouvir o médico dizer que meu hímen já tinha sido rompido. E todas às vezes meu pai me batia. Ele me levou três vezes e todas às vezes ele me batia. Eu não entendia aquilo, por que ele estava me batendo. Ele, às vezes, me batia porque ele queria ouvir uma mentira da minha boca, mas eu falava a verdade e ele falava que a minha verdade era uma verdade falsa. E eu tinha que assumir uma coisa que eu não havia feito. Eu tinha que assumir e ele acabava me batendo porque eu não assumia. Acho que ele queria me ouvir dizer que eu quis transar com meu tio, que eu gostei. Ele queria também ouvir eu contar pra ele que eu tinha relação com outra pessoa sendo que eu não tinha. Parece que era isso que ele queria.

Eu falava pra ele: “Não, eu não tenho, pai, eu nunca tive relação com ninguém”. Ele virava pra mim e falava assim: “Você é uma mentirosa, você é uma pilantra”. Essa palavra eu não esqueço, ele me chamava de pilantra. Que eu era uma pilantra igual a minha mãe, sabe? Em casa, eu dormia na cama e ele dormia na rede ao lado da cama, como se ele fosse meu segurança. Não tinha como eu descer da cama sem acordar ele, até pra ir ao banheiro eu tinha que pedir pra ele. Quando foi um dia, eu levantei da cama e acendi a luz. No que eu acendi a luz para ir fazer xixi, ele já veio com todas as pedras, me agredindo, dizendo que eu estava fugindo, que eu tinha marcado encontro com homem. São coisas tão estranhas que ele fazia que eu não consigo entender.

³⁴ - Centro de Atendimento Integral de Saúde.

³⁵ - Bairro periférico de Goiânia.

Um dia, eu acordei com ele tocando o meu corpo, meus seios, minha vagina. O meu pai, eu não quis acreditar naquilo e falei: “Pai, o senhor está ficando louco? O que o senhor está fazendo?”. Aí, ele falou: “Desculpe o papai... Papai não quis fazer isso, não” Naquela noite não dormimos mais, nem ele nem eu. No dia seguinte, ele comprou duas caixas de bombons, uma roupa que eu queria muito, um par de sapatos, um vidro de perfume e um relógio. Quando entregou os presentes, pediu que eu não contasse a ninguém e prometeu nunca mais me tocar de novo. Na época, eu tinha treze anos, ia completar quatorze anos em janeiro, e isso aconteceu no mês de outubro. Eu estava morando com meu pai desde os nove anos e nesse período eu não via minha mãe. E ele nunca mais fez isso, foi só essa vez. Só que eu não queria mais morar na casa com ele. Eu queria ir embora, mas também não queria contar pra ninguém o que tinha acontecido. Eu ia mais uma vez me calar, aí eu fui morar com a minha mãe.

Pedi para ele me deixar ir embora, mas ele não deixou porque, até então, esse tempo todinho que eu morei com ele, dos nove aos treze, eu não via a minha mãe. Pra eu ver a minha mãe, uma amiga dele tinha que me levar no terminal pra encontrar com ela, lá no terminal mesmo, porque ele não me deixava ir à casa da minha mãe, de jeito nenhum. Então liguei pra uma amiga minha que estudava comigo e morava onde a minha mãe morava pra ela falar para a minha mãe ligar na escola onde eu estudava, que eu estava precisando falar com ela. A minha mãe me ligou na escola e eu pedi para ela me buscar, que eu não queria mais ficar lá. Aí ela foi me buscar e eu fui morar com ela e meu pai se revoltou por isso. E nisso, no que eu fui morar com ela, meu padrasto fez umas coisas, acho que um assalto, um latrocínio. Foi um homicídio duplo doloso, um negócio assim, é um homicídio, ele matou uma mulher gestante, duas pessoas, tirou duas vidas e foi preso. Quando ele foi preso, eu já estava morando com a minha mãe. Então começou toda aquela história, a minha mãe sempre na cadeia visitando ele e os assaltantes começaram a ameaçar a gente lá em casa. Porque quando ele matou essa mulher, a polícia não sabia dos assaltos que eles já haviam feito antes. Depois da prisão dele descobriram os assaltos e ele denunciou todo o resto da quadrilha. Por isso, eles começaram a ir lá em casa ameaçar e deixar recados para ele, que se continuasse falando as coisas não ficariam boas para ele, que eles iam mandar todo mundo pro espaço. Então, minha mãe pediu a um dos irmãos do meu pai pra mim morar com ele, então eu fui morar com esse tio meu.

Quando fui morar lá, eu não tinha liberdade e era tratada feito uma empregada, mas não tinha salário de empregada, até que consegui um emprego de doméstica de verdade. Comecei a trabalhar de doméstica quando ainda tinha treze anos, mas continuei estudando porque um mês depois que eu saí da casa do meu pai, meu padrasto foi preso e eu já fui morar com meu tio foi uma coisa assim bem rápida. Continuei estudando. Morei com meu tio durante três meses. Morando com meu tio, na casa dele, eu comecei a trabalhar e, então, quinze dias depois que eu estava trabalhando de doméstica, meu pai foi lá no meu serviço e xingou meu patrão. O homem me mandou embora na hora e falou: “Não, eu não quero você aqui não”.

Não sei dizer por que meu pai fez aquilo. Ele saiu puxando meus cabelos no meio da rua e chegando na casa dele, me bateu. Aí falei assim: “Você não é nada.” A gente brigou e foi aí que eu contei pra todo mundo o que ele tinha feito comigo. Eu joguei na cara dele, dos irmãos dele. E falei pra ele: “Até agora, eu prestava, pai. Eu sempre prestei, eu nunca dei motivos para o senhor reclamar, tudo que eu fiz era certo. Muitas vezes eu tinha que mentir sobre as coisas pra não apanhar. Muitas vezes eu tinha que assumir coisas que eu não tinha feito pra não apanhar do senhor. Só que agora as coisas vão mudar. E um dia eu vou ficar muito mais adulta e eu vou matar o senhor e essa sua família todinha”. Nesse dia eu estava muito revoltada. Eu falei de colocar bomba lá. Então, eu voltei pra casa da minha mãe e comecei a beber, comecei a fumar, comecei a usar drogas com treze anos.

Quantas Andréias perambulam pelo Brasil?

O Artigo 227 da Constituição Brasileira estabelece: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

Saí da escola automaticamente. Neste ano, eu lembro, estava fazendo a 7ª série e passei porque eu era uma boa aluna. Eu já tinha passado no segundo bimestre, as minhas notas já davam pra passar de ano. No terceiro bimestre, eu já tinha feito as provas e os testes, então, eu já tinha passado. Eu ia lá na escola uma vez na vida, assistia uma aula só, e olha lá. Na casa da minha mãe, eu bebia, bebia todo dia, todo santo dia. Comecei a usar droga e a transar. Só que eu fiquei muito dependente da merla, e, depois que eu fiquei muito dependente dessa droga, eu conheci uma menina que me chamou pra fazer programa e eu fui. Aí começou. Eu tinha treze anos.

Prostituição e sonho

Os jovens do mundo contemporâneo perseguem, a todo custo, maneiras de não serem excluídos, sendo símbolos de inclusão as roupas de grife, as tatuagens e os *piercings*. A liberdade almejada, não obstante, permanece imensuravelmente presa aos objetos fabricados sob o domínio do trabalho alienado e da fetichização. Neste contexto, as ilusões não chegam, sequer, a serem

sonhos e a juventude, que outrora se configurava pelos sempre novos impulsos para a liberdade, parece se conformar com a ética dos meios.

O primeiro programa³⁶ que eu fiz, acho que foi no dia 20 de dezembro de 1996 ou foi 97, foi um ano desses aí, não tenho certeza, mas eu lembro que foi no dia 20 de dezembro. Eu conheci muitas pessoas boas na prostituição. Eu saí de casa, comecei a usar merla, comecei a fumar maconha, usei todos os tipos de drogas que existem. Eu nunca injetei, até mesmo porque eu nunca encontrei, mas se eu tivesse visto e encontrado, eu teria injetado também para saber qual que era a loucura dela. Eu comecei assim e as coisas foram ficando estranhas na minha vida. Eu saí de casa e fui para o apartamento de uma dona de boate daqui de Goiânia. Ela tem uma boate lá na saída de São Paulo. Fiquei no apartamento dela e logo eu saí de lá também, fiquei muito pouco tempo lá. Aí eu comecei a ir pra casas fechadas, nunca freqüentei rua, mas eu também nunca fiquei quieta num lugar só.

Então fui pra um prostíbulo e conheci muita gente. Um dos meus primeiros programas foi o João Francisco, um senhor que hoje deve estar com uns setenta anos. Naquela época, ele devia ter uns sessenta e cinco e era tudo de bom. Uma pessoa maravilhosa, tudo que eu precisava ele me dava. Todas as vezes que eu queria chorar ele me ouvia. Ele, às vezes, me tirava de dentro do salão pra me levar pro quarto e a gente passava o tempo todo conversando. Foram pessoas boas, por isso eu não julgo a prostituição como a pior coisa, eu acho que foi a melhor fase da minha vida quando eu estava me prostituindo. Melhor do que com o meu pai e com a minha mãe. Hoje eu consigo enxergar que minha mãe me ama, mas antes eu não acreditava nesse amor, não. Nem no dela, nem no do meu pai. Até hoje eu não acredito no amor do meu pai.

Eu fui me transformando numa pessoa amarga, sem sentimentos, eu não conseguia me apaixonar, não conseguia me envolver. E a única forma que eu achava que tinha era a de ter relação sexual por dinheiro mesmo. Era unir o útil ao agradável. Eu tinha grana, eu tinha tudo. Eu tinha dinheiro, eu tinha droga, eu era respeitada. Meus pais e meus tios passaram a ficar com medo de mim, não sei como que eu posso te explicar esse medo. Mas eles conversavam com medo de mim, eles falavam baixinho comigo e antes não. Antes, eles gritavam comigo, eles me tratavam como se eu fosse uma burra, uma idiota que não sabia de nada. Eu lembro que uma vez passou na televisão que ia passar aquele filme “A lagoa azul”, aí estava lá assim: inédito. Só que eu tinha assistido em uma outra emissora. Aí eles começaram a “curtir” comigo, me chamando de burra porque inédito significava que nunca tinha passado em lugar nenhum. Eu lembrava que eu já tinha assistido esse filme mas quando eu falei todo mundo começou como diz meu pai, a “mangar” de mim, a “curtir” com a minha cara.

³⁶ - O que caracteriza um “programa”, segundo os sujeitos desta pesquisa, é o contato sexual mediante pagamento em dinheiro.

Por isso, até hoje, eu não sou uma pessoa totalmente amável, eu não consigo ser, eu não consigo amar, eu não consigo gostar das pessoas. Eu consigo respeitar e brincar, então o meu vínculo, a minha afeição com as pessoas é até o momento que eu acho que elas estão me tratando bem, quando começam a me tratar mal, aí já começo a me descontrolar totalmente. As pessoas me perguntam: “Por que você tem isso?” Não sei, eu não sei por que eu sou assim. E aí eu passei a me sentir mais segura na rua. Eu era eu, se alguém falasse alto comigo eu já caía de faca na mão e falava: “E daí, vai falar o quê?” Então as pessoas tinham medo de mim, as pessoas me respeitavam. Uma vez, eu que só trabalhava em boates fechadas, fui num posto de gasolina pra fazer programa e vieram três travestis conversar comigo. E perguntaram pra mim o que eu estava fazendo ali e eu expliquei. Aí elas disseram: “Então tá liberado, pode ficar de boa, aqui ninguém põe a mão em você”. Todo lugar tem os homens que gostam de travesti e eles não ficam com mulheres e os homens que gostam de mulheres não ficam com travestis.

Então, não tem esta questão de eu tomar os fregueses delas e elas tomarem o meu. É, independente. Só que as mulheres não, elas queriam me bater e eu falei: “Agora é o seguinte: vai ficar caladinha, não vai encher o saco não! Porque se o ponto fosse seu, você deveria ter colocado uma placa com o seu nome escrito. Você não tem que mandar aqui. Você tem é que ficar de boa. Aqui está todo mundo lutando pela sua sobrevivência.” Aí, essas travestis que estavam lá, todas de Goiatuba, de Morrinhos, de Rochedo, que é onde tem a usina, elas todas falaram assim: “Ah, Sarinha³⁷, você é boa demais, você tem que colocar ordem mesmo no galinheiro.” Aí eu senti que eu era respeitada, que as pessoas se preocupavam comigo. Eu bebia e ficava muito violenta, entendeu? É o mesmo perfil da minha mãe quando ela bebe. Eu brigava com qualquer pessoa.

Uma vez, como era menor de idade, fui pega pelo Juizado de Menores de Piracanjuba³⁸, mas aí transei com o comissário do Juizado quando ele chegou pra me buscar e ele me liberou e também liberou a dona. Ele tinha ido lá pra averiguar se tinha menor e fechar a casa e viu que tinha eu e uma outra menina. Daí ele transou comigo e o outro comissário transou com a outra menina. A proprietária deu R\$ 300,00 pra eles. Toda minha trajetória na prostituição foi antes de completar dezoito anos, eu saí da prostituição com dezessete anos. Mesmo quando eu estava casada eu ainda saía com meus clientes, só que meu marido nunca sonhou com isso. É que eu fui me acostumando a ter aquele dinheiro, eu estava desempregada, precisava de grana. Depois que eu tive a minha filha eu mudei muito, eu deixei de fazer muitas coisas.

Quando eu bebia, eu ficava muito violenta, até já fui presa. Eu brigava com todo mundo, eu arrancava a roupa no meio da rua, ficava louca, louca da cabeça. Só que eu nunca gostei de beber cerveja, minhas bebidas sempre eram whisky, conhaque, pinga, era sempre coisa forte e tudo misturado com droga. Sempre. Então, nesse tempo, as meninas cuidavam de mim. Elas me levavam para casa, me colocavam pra dormir,

³⁷ Sarinha era o nome utilizado por Andréia nas atividades de prostituição.

³⁸ Cidade próxima a Goiânia.

no outro dia sempre conversavam comigo. Eu me lembro que uma das mulheres com quem eu trabalhei foi a dona de um restaurante que tem aqui no trevo de Piracanjuba, e ela falava sempre assim pra mim: “Andréia, você é tão bonita, você já está nessa vida, junta seu dinheiro, faz alguma coisa. Não fica nessa vida perdendo tempo, não, se drogando”.

Eu fui pra muitos lugares, eu não ficava parada. Fui pra São Paulo, conheci o Nordeste inteirinho fazendo programa. Fiquei numa boate em Pernambuco, numa em Fortaleza, fiquei numa aldeia hippie que tem em Salvador, fiquei em feira de Santana, fui pra Olinda, Aracaju. Eu ia de carona com os caminhoneiros, eu saía daqui aberta, dando pra eles até no final da BR. Quando chegava no ponto onde eu queria, eles me deixavam normalmente numa boate que eles conheciam e falavam que dia passariam pra me pegar de novo. Passavam, me pegavam, íamos pra outro lugar. Eu transava na cabine do caminhão, andava só com caminhoneiros, pela carona. Fui pra Mato-Grosso, conheço vários lugares, tudo por causa da prostituição. Fui porque eu fazia programa, mas eu não me arrependo, não. Acho que fui feliz.

Às vezes, eu acho que a gente cria tantas expectativas em cima de uma coisa que nos faz sofrer. Eu não sei, às vezes, é porque preciso fazer uma terapia ainda pra superar, porque eu não consigo lembrar do meu pai e não sentir raiva. Às vezes, eu digo que não, mas está marcado dentro de mim. Da minha mãe não sinto raiva, porque desde aquela época eu senti que a minha mãe gostava de mim. Porque eu vi que ela sofreu por me ver na situação em que eu estava. Quantas vezes eu cheguei em casa totalmente drogada e ela dizia pra mim: “A culpa é minha, filha. Se eu tivesse te dado um pouquinho mais de atenção, você não estaria do jeito que você está.” Hoje em dia nós temos um relacionamento muito bom, nós conversamos sobre tudo. Hoje, nós moramos juntas. Depois que eu separei do meu marido, fui morar com a minha mãe, eu não quis mais morar sozinha, não gosto da solidão.

Quando eu saí de casa, fui trabalhar na casa de uma mulher num setor próximo a minha casa, só que, na realidade, eu não estava me prostituindo, estava só ajudando. Mas como a filha dela, que era uma menina muito linda e se chamava Cida, já tinha entrado na prostituição fazia algum tempo, ela falou que eu tinha que fazer programa também pra ajudar na despesa da casa. Então, ela começou a me levar junto com a filha dela e foi aí que eu comecei a viajar. Pra Brasília eu fui com ela, agora, pra São Paulo e pro Nordeste, fui com a Jaqueline, uma outra amiga. Na viagem, nós chamávamos a Cida de Sara, foi daí que eu puxei esse nome fictício pra mim também. Então, quando paramos de andar juntas, todo mundo me conhecia como Sara. Eu comecei a freqüentar as casas, eu nunca consegui ficar em rua. Eu fui um pouco pela própria questão de querer ter alguma coisa, sabe? Estava viciada em drogas, queria manter o meu vício, queria ser independente, ter uma vida legal.

O primeiro lugar que eu fui foi o “Canto dos Caminhoneiros”, que é um lugar que fica em Goianira³⁹. Só que quando eu cheguei lá, o cara me ofereceu R\$ 20,00 pelo programa, eu entrei em desespero. Eu tinha, não sei se quatorze ou quinze anos. É claro que eu não quis. “Eu não vou ficar com você por vinte reais de jeito nenhum. Não fico, não fico, não fico.” Então fui pra um outro local, que era a Estância MM, é uma outra casa de prostituição que tem aqui em Goiânia. Eu fui ficando lá, trabalhando pra proprietária da casa, fiquei em um apartamento que ela tem aqui no Setor Bueno⁴⁰. Aí eu tirei algumas fotos, que ela mandava pros clientes e comecei a fazer programas no apartamento. Os caras chegavam com interesse de sair comigo e ela mandava pro apartamento que ela tem, deve ser dela, eu não sei.

Então, ela começou a pegar um pouco do meu dinheiro, Eu vi que eu não estava me saindo bem. Aí eu fui pra Brasília com outra garota e a gente começou a namorar uns caras de lá que roubavam carro. A gente se envolveu com essa gang e ficava na boate, mas dormia no apartamento deles, com eles. Então, eu fiquei numa casa lá muito tempo, até arrumaram a minha identidade como se eu tivesse dezoito anos e eu fiquei lá alguns meses fazendo programas. Eu não gostava de ficar presa como muitas das proprietárias querem. Aí, aconteceu um negócio em Brasília comigo, que eu não posso falar e eu vim embora pra Goiânia de novo.

De Goiânia, eu comecei a viajar para o interior, cidades próximas e, depois, comecei a ir mais longe, bem mais longe. Comecei a ir pra São Paulo, mas antes fui pra uma cidade chamada Professor Jamil⁴¹, fui pra uma casa de prostituição. Era época de natal e eu conheci um homem, um fazendeiro de lá, muito bom pra mim. Foi uma pessoa que passou pela minha vida e que eu considero uma pessoa maravilhosa. Ele me dava de tudo, ele me bancava de todas as formas. Sei o que ele na realidade queria de mim, mas ele me ajudava muito. Tinha noite que ele não me deixar ficar na casa, ela falava assim: “Você vai deitar e dormir. Eu estou indo embora mas você vai dormir. Esse dinheiro aqui é para você”. E me dava a quantia exata em dinheiro de uma noite fazendo programa, só para que eu pudesse dormir e descansar. Muitas vezes, ele me procurava não pra transar, mas pra conversar e me dava muitos conselhos. Ele era o João Francisco e devia ter uns sessenta e poucos anos, mas aparentava mais novo.

A paixão e os preconceitos

O filho da dona dessa casa era lindo e tinha dezessete anos. Me apaixonei perdidamente por ele, me apaixonei de tal maneira que chorava toda hora. Aí, quando começamos a conversar, eu até me propus a não fazer mais programa pra ficarmos juntos. Só que um dia eu saí com o João Francisco durante o dia e ele me deu trezentos reais, eu fui à cidade comprei roupas, comprei sapato, ele pagou salão pra mim, eu cortei e

³⁹ Cidade pequena próxima a Goiânia.

⁴⁰ - Bairro da cidade de Goiânia.

⁴¹ Cidade pequena próxima a Goiânia.

pintei meu cabelo, escovei e fui para casa. Quando eu cheguei, fui com esse menino pro meu quarto e ficamos namorando. A mãe dele, então, entrou e nos flagrou namorando. Ela não gostou, e por isso, mandou ele de volta pra Brasília. Eu entrei em desespero. Antes dele viajar, fomos para um córrego tomar banho. Foi maravilhoso.

Acho que foi uma das poucas relações em que eu tive afeto mesmo, afinidade e, naquele dia, nós namoramos muito na beira desse córrego, bebemos muito, tudo que podíamos fazer fizemos. Eu me lembro que quando eu cheguei, esse João Francisco tinha deixado um presente para mim, um pedaço enorme de carne pra mim e eu fiquei muito feliz com aquilo tudo. Aquilo ali era um sonho, quando você acha que a pessoa realmente gosta de você, você acha que a pessoa realmente te trata daquela maneira porque tem amor por você. Eu me lembro que ele falava das dificuldades com a família e às vezes me comparava com a filha dele. Falava que eu tinha idade para ser filha dele e que ele ficava me olhando, às vezes, e imaginando se fosse ela que estivesse ali. E me fez muitas propostas, mas eu estava apaixonada pelo Michel e o Michel foi embora pra Brasília.

Assim que ele foi embora pra Brasília, eu comecei a usar mais drogas ainda. A família dele é toda de Brasília, só que a mãe dele morava nessa cidade, Professor Jamil, pra lá um pouquinho do trevo de Piracanjuba. Aí eu fiquei desesperada e fui pra Uberlândia com uma amiga, uma coroa que eu tinha conhecido lá, ela tinha trinta e cinco anos. Eu chamava ela de coroa porque normalmente todo mundo era bem novinha. Aí nós fomos pra Uberlândia e lá eu comecei a fumar pedra, apaixonada, apaixonada. Então a gente voltou pra Professor Jamil. Quando viemos embora, eu tinha umas economia, que era o dinheiro que o João me dava, e dei o dinheiro para ela e ela alugou uma casa. Ela tinha um amante e ele mobiliou a casa. Fizemos um prostíbulo para nós, só que, na realidade, era dela, porque eu sei que ela me explorava.

Hoje eu sei que ela me roubava, porque eu lembro que uma vez eu fiz um swing com dois homens e eu sei que tudo ficou em cento e quarenta reais, só o meu lucro. Então, eles assinaram um cheque e deram o cheque pra ela de duzentos e pouco, com o valor de todos os gastos da casa e ela não me passou um centavo, muito pelo contrário, ela comprou várias cervejas, comprou lençóis, viróis que a gente estava precisando e não me deu nada. Eu fiquei revoltada com aquilo. Aí o Michel chegou de Brasília com a namorada, uma prima dele.

Um dia, ele foi lá em casa pra conversarmos e eu estava com outro rapaz, o Gordinho, cheirando cocaína. Ele se ofendeu e falou pra mim que tinha vindo conversar comigo, estava gostando de mim, só que eu era muito fácil. Aquilo para mim foi o cúmulo. Chorei até. Eu tentei conversar com ele também, mas ele não quis ouvir. Eu acho que, na verdade, ele estava bem certo. Às vezes isso doía. Essa relação que eu tive com ele foi a que mais me doeu, porque eu estava precisando viver aquilo e eu simplesmente perdi tudo por um programa, por causa de um programa, mas eu não sabia que ele tinha chegado de Brasília. E eu me perguntei: “Por que eu sou fácil?”

A prima dele é uma menina de família, como se diz, entre aspas. De família porque nunca trabalhou em prostituição. Ele já veio namorando com ela. E logo em seguida a mãe dele já alugou uma casa na cidade e colocou ele para morar com ela na casa pra ele cuidar das irmãs dele que eram crianças, hoje já são todas adolescentes. Nessa época, eu sofri muito com isso, com essa questão das pessoas falarem. Porque lógico que o sonho que eu tinha desde criança era casar, aquele conto de fada. Mas quando eu fui abusada isso acabou para mim. Eu já não tinha esse objetivo na vida, mas eu tinha outras vontades, outros sonhos.

Projetos de vida, sonhos

Não confessava nem pra Rubi mas no fundo do coração cheguei a esperar que de repente aparecesse alguém que gostasse de mim de verdade e me levasse embora com ele. Podia até ser alguém que me falasse em casamento. E em toda minha vida nunca quis outra coisa. Mas Rubi que parecia adivinhar meu pensamento me avisou que tirasse o cavalo da chuva porque nenhum homem quer casar com uma mulher que fica atracada a noite inteira com tudo quanto é cristão que aparece. Os tipos que transavam pela zona eram todos sem futuro.

LYGIA FAGUNDES TELLES

Esse trecho foi recortado do conto *Confissões de Leontina*, de Lygia Fagundes Telles, cuja protagonista, Leontina, apesar de sobreviver de atividades ligadas à prostituição, sonhava secretamente em casar-se com alguém que a retirasse daquela vida. Tanto ficção quanto realidade se constituem a partir de valores, os quais, como ressaltou Heller (2000), dependem não só das avaliações dos indivíduos mas também das atividades dos homens, já que expressam e resultam de relações e situações sociais.

Esses dias eu estava até pensando. Sabe qual o sonho de uma mulher que trabalha numa casa de programa? O primeiro sonho que ela tem é que um dia vai chegar um cara, vai fazer um programa com ela e que vai dar muita grana pra ela, uma grana alta, tanto assim que ela nunca mais vai precisar fazer programa. O outro sonho é que ela vai conhecer alguém lá, o famoso príncipe encantado que vai se apaixonar e vai tirar ela daquela vida, vai dar tudo aquilo que ela sempre sonhou: roupas, calçados, uma casa legal, comer bem, poder passear, poder sair sem precisar ter vergonha. Então esses também eram os meus sonhos. Eu queria viver com ele, eu não pensaria duas vezes, naquela época eu queria. Hoje não, mas naquela época eu queria. Eu também pensava em voltar pra escola, tanto que eu cheguei a me matricular em uma das escolas de lá. Eu não tinha concluído a 8ª série. Só que aconteceu que quando eu fui pra a escola todo mundo sabia onde é

que eu morava. Então os meninos sempre conversavam comigo, mas eu sabia qual era o interesse deles. As meninas não, elas não conversavam comigo. Os professores me tratavam bem, eu acho que nem todos sabiam, porque eu era nova na cidade. Os alunos eu acredito que todos sabiam porque nas festas eu sempre estava com as meninas que trabalhavam lá com a gente, então eles sabiam. Eu não sei como que era isso, eu só sei que eles me tratavam naturalmente, só que eu percebi que, dentro da sala de aula, tinha um tipo de barreira. Quando tinha trabalho em grupo, acontecia de alguns deles falar que iriam fazer comigo, outros não. Então eu resolvi não continuar, até porque eu começava a beber cedo, por isso sempre faltava à escola. Acho que eu parei também por vergonha, porque embora garotas de programa como eu admitam pra todo mundo que fazem aquilo porque gosta, elas repetem pra todo mundo que não se importam com a opinião dos outros, mas no fundo todas se importam sim. No fundo, isso machuca. Lembro que quando eu saía para ir em alguma festa, ficava olhando aquelas meninas que estudavam comigo com seus namorados e aquilo me dava uma certa inveja, uma vontade de ter alguém pra mim, de alguém que cuidasse de mim e eu não estava vivendo desse jeito. Então, eu bebia muito, aprontava muito. Até que abandonei a escola e continuei só naquela vidinha.

Um dia, o Michel brigou com a mãe dele e foi dormir lá em casa. A Fátima, a mulher que abriu a casa junto comigo, já conhecia a mãe dele há muitos anos. E a mãe dele era a dona da outra casa, a primeira casa que eu fiquei. A Fátima era amiga da mãe dele há muito tempo, só que ela usava drogas, ela fumava maconha, cheirava cocaína, ela era tão louca que matou o primeiro marido dela e esfaqueou o segundo, e o último marido ela jogou álcool e botou fogo, o rosto dele é todo deformado. Esse que ela esfaqueou era o Deley, ela falava nele o tempo todo, ela esfaqueou ele porque ele tinha discutido com o pai dela em Uberlândia.

Até que a Fátima saiu pra casar com outro cara e eu não sei se ela matou esse. Não sei como ela está hoje. Mas eu sei que essa mulher era louca e a mãe do Michel já tinha tido uma outra casa de prostituição no Rochedo, já viu falar na Usina? Na BR, lá no Rochedo, lá tem muitas casas de programa, tem uma de travestis, mais duas de mulheres. São três casas ao todo, só do lado de fora na BR. A Fátima morou lá com ela muito tempo, então o Michel era criança na época e, por isso tinha muito carinho pela Fátima, ele tratava ela um pouco como mãe. No dia em que ele brigou com a mãe dele e foi lá pra casa, nós não abrimos a casa porque estávamos todas drogadas e cansadas, tínhamos bebido a noite inteira. Eu e a Mara bebemos pinga, depois conhaque e whisky. Ele chegou lá e a Fátima estava dormindo no quarto dela com esse homem com quem ela foi morar, a Brisa estava no quarto dela dormindo com outro homem e a Betúlia estava dormindo no mesmo quarto que a Baiana e a Jaqueline, porque elas estavam todas se drogando nesse dia. Então o que aconteceu? Sobrou o meu quarto para ele dormir.

Foi a última vez que ficamos juntos, já tinha uns quatro meses que a gente não ficava junto, que quase não conversava. Eu lembro que eu estava deitada virada pra parede e ele deitou na beirada e se virou de costas pra mim também. Falei assim: “Deixa pra lá, eu também não estou nem aí pra você.” Então, ele me virou de

uma vez e começou a me beijar e aquilo pra mim era como se fosse um sonho, como se tivesse sido a minha primeira vez. Depois disso, nunca mais, mas continuamos conversando. Hoje ele é casado com uma outra menina, é pai de três filhos. Ele é novinho, é quase da minha idade, vinte e dois anos.

Fiquei morando nessa casa, em Professor Jamil, um ano. Tenho várias histórias pra contar dela, muita coisa, muitas brigas entre homens e mulheres. A Jaqueline é louca, ela esfaqueou o namorado dela lá, mas não foi uma coisa assim desesperadora, só esfaqueou. Foi lá, fez um curativo e foi embora pra casa, no outro dia eles já estavam dormindo juntos. Ele com o curativo e tudo, as coisas eram assim. Nesse ano que eu morei lá, fiquei um tempo em São Paulo. Depois voltei de São Paulo e aí a Fátima foi embora, mas ficamos três meses na casa. Éramos cinco mulheres, mas todo mundo lá dentro ajudava, no final de semana fazíamos as contas com o dinheiro de todo mundo de quanto gastamos. Todo mundo ajudava, dividíamos todos os gastos.

Depois tivemos problema com o proprietário que queria a casa de volta e, por isso fomos para o trevo de Piracanjuba e alugamos outra casa lá, uma casa grande. Ficamos lá um tempo e a Baiana tomou conta da casa, ela sempre teve a cabeça muito no lugar, ela era maior de idade, mas era um pouco loucona. Ela é do Pará, Paragominas. Lembro que quando ela fumava maconha, ela “viajava” que eu era a filha que ela tinha abandonado quando ela era adolescente. Eu falava: “Não, Baiana, não é assim, não.” Ela falava: “Mas por que, minha filha, por que você está aqui ?” Era coroa, uma mulher bonita, mas era muito estranha.

Depois, fui com a Betúlia pra Barra do Garças - MT, voltei e depois fui para o Nordeste. No Nordeste, eu vi uma menina morrer. Foi horrível, tudo aconteceu por causa de um programa que o homem não pagou pra ela. Fomos primeiro pra Fortaleza. Por que fomos pra Fortaleza? Olha, eu nunca mais tinha visto meu pai depois que ele foi embora daqui de Goiânia e eu tinha vontade de ver o jeito que ele estava. Nessa época, eu estava andando quase nua. Saía curta, barriga toda de fora, só usava blusinha. Lá em Fortaleza, ficamos numa casa durante uma semana e eu conheci um homem que era de Santa Catarina, um velho e ele me deu, na época, quatrocentos e cinquenta reais pra eu ficar dois dias só com ele, este homem era dono de uma parte do CEASA⁴² de lá.

E ele me deixou perto de onde meu pai estava. Eu não sabia o endereço dele, só a cidade. Foi tão louco que pra chegarmos até onde ele morava, pegamos carona com quatro caminhões. E nós fomos, eu, a Betúlia e uma outra menina, a Rita, que tínhamos conquistado lá em Fortaleza e que estava vindo pra Goiânia com a gente. Só que depois ela roubou todas as nossas roupas nessa viagem. Malandra demais. Ela foi com a gente pra casa do meu pai, a fazenda do meu avô e nós ficamos lá por uns dias.

Então encontrei meu pai lá na cidade dele, uma cidade pequena. Chegamos e dormimos num posto, no chão. Estava tendo uma festa nesse posto e havia muitos parentes do meu pai, porque ele é cearense, natural da

⁴² - Centrais de Abastecimento S/A

cidade. Eu cheguei nesse posto e perguntei onde é que morava o Edézio Uchoa, e o homem me olhou e perguntou: “O que você quer com o Edézio Uchoa?” Aí eu falei: “Ele é meu avô, eu sou filha do Toninho.” E ele falou assim: “O Edézio é meu tio.” Ele me falou que ali estava tendo uma festa e que havia muitas pessoas da minha família, mas o meu pai não estava nesta festa. Então, dormimos lá e, no outro dia cedo, fomos procurar meu pai. Quando chegamos na fazenda, ele olhou pra mim e falou assim: “O que é que você veio fazer aqui?” Eu falei: “Eu vim te ver.” Só que a minha roupa era minúscula, o meu cabelo loiro curtinho, eu tinha quase rapado a cabeça. E ele então falou que tinha vergonha de mim, que eu tinha decepcionado ele. Então eu respondi: “Quer saber de uma coisa? Eu não estou nem aí pra você. Vou embora. Vamos embora, Betúlia.” A Betúlia falou assim: “Espera aí, Andréia, vamos conversar com seu pai.” E ele ainda se envolveu com a Betúlia, que era minha amiga. Ficaram os dois lá namorando na minha frente.

Ficamos uma semana com ele. Conversamos muito, ele comprou cigarro pra mim, coisa que ele nunca fez, eu fumei maconha perto dele, eu bebi. Ele me levou pro bar e pagou todas as cervejas pra mim. Eu falei pra ele das minhas angústias, pedi desculpas pra ele porque eu sei que muitas vezes eu decepcionei ele, mas eu falei pra ele que aquilo que tinha acontecido naquela noite, pra ele, pode ter sido uma coisa sem importância, mas que pra mim não foi. Muitas vezes, eu deitava e lembrava daquilo. Uma semana depois, eu falei: “Ah... vou embora.” Eu não estava mais agüentando ficar no meio do mato, cheio de mosquito, tinha que lavar as roupas no córrego, aquela coisa mais horrível do mundo. Minha avó era uma velha chata e a comida dela era horrível. Tudo ruim. Então ele chorou, mas ele não falou nada, ele só falou: “A gente erra, minha filha.” Eu falei: “Pois é, a gente erra, mas o senhor foi muito mau pra mim muitas vezes. O senhor nunca acreditou em mim.”

Então isso que eu fiz é como se eu tivesse carregando um peso nas minhas costas e eu precisava colocar o peso um pouco nas costas de alguém, desabafar, dizer as coisas que eu estava precisando dizer pra ele, mas numa boa, sentada num boteco, tomando cerveja. Ele não bebe, não fuma. Só pagava. Eu fui falando. E quando foi no dia de eu ir embora, ele chorou, mas levou a gente lá no ponto na BR pra pegarmos carona. Ele me deu dinheiro pra vir embora. Eu falei: “Eu não quero não, pai. Eu quero ir de caminhão, eu vou de carona.” E eu vim de carona.

De lá, nós fomos para Recife. Pegamos uma carona até Fortaleza e, de Fortaleza, pegamos outra carona pra Recife. Em Recife, como nós éramos três e o caminhão era pequeno, não dava pra levar as três, só cabe uma ou duas. Então, o que é que aconteceu? Primeiro, fui eu e a Rita num caminhão e a Betúlia foi sozinha, depois foi a Rita e a Betúlia e eu num caminhão sozinha. Mas sempre marcávamos lugar de encontrar. Perguntávamos para o caminhoneiro qual o caminho que ele ia fazer e se ele poderia parar num lugar mais ou menos de duzentos quilômetros depois, por aí. Ele parava e tal. Na última carona, a Rita, que era a menina que tínhamos conhecido em Fortaleza, foi sozinha no caminhão. Ela tinha levado toda a nossa

bagagem e marcamos de encontrar com ela num lugar e ela não apareceu lá. Esse foi o percurso de Fortaleza até Recife.

Quando chegamos em Recife, vimos que ela tinha sumido com tudo que tínhamos. Fomos então de carona com um caminhoneiro, um gaúcho lindo e ele nos levou até Salvador. Em Salvador, fomos pra uma aldeia hippie que tem lá, Arembepe. Passamos quinze dias em Arembepe. Um lugar muito bonito. Tínhamos dinheiro que ganhamos em Fortaleza e não gastávamos com besteira, só com drogas mesmo e esse caminhoneiro tinha droga e, então, ele dava pra gente e assim, não gastávamos. Ele pagava comida, pagava tudo, mas é lógico que ele tinha que receber algo em troca. Lógico que tínhamos que transar com ele, se a gente não transasse com ele nada disso acontecia. Um dia era eu, outro dia era ela, a gente revezava.

Depois fomos para o centro de Salvador procurar a zona pra ficar, mas não achamos. Não tínhamos comprado roupa ainda, porque tínhamos uma mochilinha menor que andava comigo e ainda tinha dois aparelhos de roupa, a que estava no corpo e a que estava dentro da mochila. Mas tem uma história mais louca ainda. Antes de sairmos daqui de Goiânia pra ir pra Fortaleza, fomos para a fazenda de um velho. Ele era velho, velho. Tínhamos vindo em Goiânia pra comprar sapato e não conseguimos comprar, então fomos para Caxambu. Ele tinha uma fazenda lá, e fomos pra casa dele. Depois ia ter uma festa em Caxambu e nós não tínhamos roupa. Então cada uma de nós vestiu uma roupa do velho, tudo até a cueca, uma calça daquelas antigas de tergal, uma camisa e, por isso, nossas roupas ficaram lá, nunca mais fomos buscar e viajamos com as roupa dele.

Mas voltando à história de Salvador, dentro da mochila tinha uma cueca desse velho que eu ainda estava usando. Assim que a gente parava em algum lugar, lavava e vestia de novo. Então, quando fomos procurar boate pra trabalhar, cada uma de nós, comprou dois aparelhos de roupa com o dinheiro que tínhamos e começamos a beber. Só que em todas as boates que a gente ia em Salvador, a dona olhava nossas roupas e, como estávamos sem roupas, não deixavam a gente ficar. E eu também era de menor e elas [as donas] não queriam que eu ficasse lá, falavam que as menores tinham que procurar fregueses na praia. Então fomos pra praia e lá saímos com uns caras de Salvador mesmo, logo depois resolvemos vir embora. Mas ao invés de irmos embora, fomos pra Feira de Santana e lá tinha um lugar, uma feira, onde vendia roupas bem baratas. Compramos muitas roupas, compramos toalhas, shampoo, nossa! Compramos muita coisa mesmo. Tivemos até que comprar uma bolsa para colocar tudo que compramos e ficamos mais alguns dias por lá. Trabalhamos e ganhamos muito dinheiro em Feira de Santana, graças ao caminhoneiro que deixou a gente na casa de uma dona que, além de muito bonita, era muito legal também. Mas depois brigamos com ela.

E nesse período eu me apaixonei pelo gaúcho que conheci em Recife, ele era muito bonito, todo cheio de tatuagem. Então eu e a Betúlia fomos procurar o gaúcho, fomos pra BR atrás dele. Nós ficamos na casa dessa mulher uns dias e depois fomos embora. Pegamos carona com outro gaúcho que era amigo do gaúcho que eu estava apaixonada. Ele foi fazer entrega em Aracaju e em alguns outros lugares do Nordeste mesmo

e fomos com ele. Pegamos carona com ele de Faria de Santana até uma cidade chamada Escada, no Pernambuco, próximo a Recife. Ficamos oito dias com ele andando de uma cidade pra outra e ele fazendo entregas. Ah! ele era um chato, como era! Mas ficamos porque ele jurava que nos levaria onde estava o gaúcho. Ele falou que Escada era a cidade onde o gaúcho ficava e por isso ficamos em Escada. E foi nessa cidade que eu vi essa menina morrer.

Ficamos nessa casa que se chamava Selva de Pedra. Linda essa casa. muito bonita. Lá era tão grã-fino que a mulher que mais fazia programa no mês ganhava um prêmio no final do mês. Lá era tudo computadorizado. Eu ganhava muito dinheiro, eu sempre ganhei dinheiro demais. Só que o dinheiro, do mesmo jeito que vem ele vai. Eu não sei o que aconteceu, eu não sei se era só porque eu era jovem, muito nova, mas era uma coisa diferente, uma coisa estranha. Eu gastava cem reais só em cachaça, só com coisa supérflua, coisas sem utilidade, pagava coisas pros outros. Em todo lugar que eu chegava, eu arrumava um homem que se apaixonava por mim e me dava tudo o que eu queria.

Entre o misticismo e a transgressão

Os bordéis são espaços contraditórios, onde permanece uma tensão entre o misticismo e as práticas consideradas pecaminosas pelas religiões. Mas a idéia de pecado não interfere na fé, pois as mulheres buscam a ajuda dos deuses sem se preocuparem com o que as instituições religiosas consideram pecaminoso. Apesar disso, permanecem as idéias relacionadas com a maldição do dinheiro ganho nestas atividades.

Quando a gente está nessa vida de “mulher da vida” tem muita religiosidade, tem a pomba gira que você começa a colocar bebida pra ela, colocar flor, como se fosse um templo. Você coloca cigarro pra ela de cabeça pra baixo pro cigarro queimar, como se fosse ela fumando, só que não tinha imagem, a gente colocava no canto do quarto. Colocava também vodca, bacardi, coisas assim... Você toma banho de rosas vermelhas, banho de açúcar. Daí, você fica cada dia melhor, mais atraente, isso puxa os homens. Nós acreditávamos muito nisso. Eu fazia isso e em todo lugar que eu chegava arrumava um velho que se apaixonava em mim.

E lá na Selva de Pedra conheci um coronel aposentado que me deu muitas coisas, muitas roupas... Ele me levou em Recife pra comprar roupa. Era viúvo. Me deu relógio, nossa! Ele me deu tanta coisa. Eu nem sei o que eu fiz com essas coisas que ele me deu. Eu sei lá, aquele lugar estava pequeno e esse gaúcho não chegava e até que, um dia, ele chegou com a namorada do lado. Eu queria morrer! E era sempre assim:

quem você queria não te queria. E quando te queria, só queria pra transar. Bem na noite em que o gaúcho chegou, saímos juntos, conversamos e fumamos maconha. A namorada dele ficou esperando no caminhão. Depois ele foi embora e eu comecei a beber, achei que ia enlouquecer. Eu estava bebendo campari e esse velho ficou comigo, esse coronel aposentado. Ele pediu a garrafa de campari e colocou na mesa e eu comecei a beber. Eu lembro que essa menina, essa que morreu, foi para o quarto com um homem. Eles fizeram o programa e, quando ela saiu, ela foi sentou-se na mesa com esse homem que depois matou ela. Eu não sei como foi que aconteceu, eu só sei que ela procurou o gerente pra conversar, mas eu não ouvi o que ele falou. Eu só vi a hora em que ela voltou pra a mesa e falou pro cliente: “Você não vai me pagar não? Você está achando o quê? Que eu vou transar com você de graça? Eu quero receber meu dinheiro. Paga logo meus cinquenta reais, anda logo.” Aí eu só escutei os tiros. Ele deu três tiros nela e ela caiu no chão. Tudo que eu tinha bebido desapareceu. Eu fiquei pálida, tremia muito. Não conseguia olhar todo aquele sangue no chão. Todo mundo gritando. Eu não tinha nenhuma reação.

No outro dia, ficamos sabendo que ele foi para o quarto com ela, fez o programa e disse pra ela que já havia pago o programa para o gerente. E aí ela foi no gerente conversar com ele pra saber do dinheiro do programa dela porque ela já ia sair com outro cara que já estava esperando pra fazer outro programa com ela. Ele disse que não, que o freguês não tinha pagado nada não e que ela tinha que resolver isso com ele porque coisa do programa dela ele não podia se responsabilizar. Ela foi tirar satisfações com o freguês e, como o homem tinha bebido e além disso, estava armado (pois quase todo mundo em Recife anda armado), aconteceu tudo isso. No outro dia eu vim embora pra Goiânia, fiquei cinco dias na estrada, mas cheguei.

Com dezessete anos, lá em Hidrolândia, fiquei grávida e casei, só que não foi com o pai da minha filha, não, casei com outro rapaz. Foi assim quando voltei, fui pra Hidrolândia e a Betúlia foi pra outro lado. Era sempre assim, essas amizades que a gente conquista nesse mundo sempre duram pouco tempo. São amizades que enquanto você está junto são verdadeiras, só que simplesmente tem um momento em que cada uma vai para um lugar, cada uma procura seu espaço. Lá em Hidrolândia, fui trabalhar na casa da Cida, ela ainda tem a casa lá. Aí a Cida começou a me pagar pra trabalhar no bar pra ela. Trabalhando no bar, eu ganhava 10% de tudo que vendia e tinha noite de eu tirar sessenta reais. Eu vendia seiscentos reais só de cerveja. Era assim, durante o dia as meninas subiam da boate pro bar. Em frente do bar tem o Posto Jaboticabal onde ficam os caminhoneiros.

Então eles também desciam pro bar para beber. As meninas lá são todas muito bonitas. E eu também ganhava muitas gorjetas, só que eu não fazia programa. Até que a Cida disse pra mim: “Se rolar um convite para fazer programa aqui, você desce pra boate e a Keila fica no seu lugar.” Eu falei que estava tudo bem. E eu fiquei um tempão trabalhando pra ela. Depois, resolvi abandonar o bar porque eu tinha que ficar lá o tempo todo. Até no domingo eu tinha que trabalhar até tarde, então eu não podia sair pra fazer programa. Por isso eu não quis mais e voltei para a boate. Lá na boate, eu engravidei. Eu fiquei enrolada com um cara

lá e enrolada também com a Keila que era a gerente da boate. Por isso eu tenho certeza que minha filha é também filha dele, porque dela não pode ser. Só descobri que estava grávida quando já tinha vindo embora para Goiânia, eu já estava de cinco meses. Voltei pra casa da minha mãe.

Daí conheci o Marcelo que foi meu marido durante quatro anos. Nos conhecemos num show de hip-hop, ele cantava Rap. Quando eu descobri que estava grávida, já tinha três meses que estávamos juntos, só que eu fui muito honesta com ele. Falei: “Não, a filha não é sua, eu não posso te dizer que é porque eu estou grávida de seis meses.” Além disso, contei toda a minha vida pra ele. Eu falei: “Olha, eu já fiz isso, já fiz aquilo, se você quiser ficar comigo bem, se não quiser, não posso fazer nada. Eu nunca fui dessas mulheres muito pegajosas, mas eu gostei muito dele, sofri muito, aceitei muitas coisas. Eu fui honesta com ele, mas aquilo estava me corroendo por dentro porque, se ele falasse pra mim que não me queria, eu iria me desesperar. Mas eu fui bem firme no que eu queria dizer. Me lembro que nesse dia que contei tudo, ele me mandou embora, eu estava na casa dele. Eu fui, mas quando estava na metade do caminho ele chegou, me abraçou e falou que me amava.

Então eu parei de fazer programa, só que depois ainda fiz alguns quando a gente estava separado. Nos separamos algumas vezes e eu saía pra fazer programa, ganhar meu dinheiro. Porque não adianta eu disser que deixei de fazer programa de uma vez, porque não é verdade, muitas vezes não saía com a intenção de fazer programa, mas acontecia. É uma coisa difícil de explicar, é muito difícil deixar de fazer programa. Agora já faz quase dois anos que eu não faço programa mesmo. Mas há dois anos atrás, mesmo quando estava casada, aconteceu. Sempre que eu encontrava um antigo freguês no centro de Goiânia, os homens com quem antes eu saía, eles me diziam: “E, aí? Vamos sair, rapidinho?” Então eu ia, porque estava precisando de dinheiro, precisando das coisas, ninguém agüenta a pressão. Mesmo estando empregada eu continuava a me prostituir, pois ganhava pouco e tinha sonhos que ainda queria realizar.

Se eu tivesse ouvido as pessoas que conversaram comigo naquela época, eu tinha um negócio próprio hoje em dia, nem que fosse um puteiro, mais eu tinha. Todo mundo falava pra mim: “Andréia, você ganha dinheiro demais, o que é que você faz do seu dinheiro?” Todo mundo falava, não é mentira não, mas esse é um dinheiro maldito. Você não vê o que você faz. Na mesma hora que você está com oitocentos reais no bolso, você está sem nenhum centavo. É um dinheiro maldito. É um dinheiro que não rende. Eu comprava três, quatro peças de roupa e já não tinha dinheiro. Eu não comprava roupa cara, não. A calça mais cara que eu já usei na minha vida foi de cinquenta reais. É que o dinheiro não rende e não tiro só por mim. É assim com todo mundo, com todas as meninas. Talvez seja porque eu gastava muito com drogas também.

Mas as donas das casas ganhavam dinheiro. Tinha dia que eu chegava lá em baixo e a Keila falava pra mim: “Você vai entrar pra dentro desse bar e não vai colocar o pé do lado de fora.” No mesmo minuto, eu entrava e ajudava ela. Depois eu fechava o bar e ia pra boate. Tinha dia que, quando fechávamos o caixa, tínhamos

feito dois mil reis, isso principalmente nos sábados. A noite que rendia menos rendia mil e duzentos Reais. Tudo só de quarto, cerveja, dose, cada cerveja custava três reais. O quarto era vinte.

Só que eu também tinha meus objetivos. Eu queria acima de tudo construir uma casa para minha mãe, eu tinha muita vontade de fazer isso, não só tinha como tenho até hoje. Construir uma casa boa pra minha mãe, ter uma casa pra mim e ter um carro futuramente e um negócio. Eu pensava em tudo, pensava em ter um salão de beleza ou montar um puteiro.

Depois que eu tive a minha filha, eu fiquei preocupada com algumas coisas que haviam acontecido. Eu fiquei com um certo medo, um certo receio. Tudo tem seu lado bom, mas também tem aquelas partes que foram tão horríveis que a gente quer esquecer. Eu lembro que numa das noites que eu estava numa boate em Escada, em Pernambuco, eu cheguei a quarenta e dois graus de febre porque eu estava com uma gripe fortíssima. Me lembro que o gerente chegou no quarto e falou que ele não era obrigado a dar comida pra puta ficar dormindo e mandou eu levantar. Então eu levantei queimando de febre porque eu estava muito gripada, talvez seja por causa da temperatura que muda totalmente daqui pra lá e também porque eu ficava noites e noites só bebendo, bebendo. Quando ele falou isso pra mim eu comecei a chorar. Mas eu nunca sofri nenhuma violência, só tive brigas com outras mulheres. Eu já fui ameaçada várias vezes, mas machucada não.

Quando voltei pra Goiânia, eu terminei a 8ª. série pelo Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA). Eu terminei a 8ª série e fiz o 2º grau, em Curitiba-PR. Eu só ia pra lá pra fazer trabalho e prova. Eu fiz tudo assim pelo ensino à distância. O rapaz ia, trazia material pra mim, eu estudava, depois fazia os trabalhos e as provas. Quando terminei, prestei vestibular na UNIP⁴³, fui a 3ª colocada. Também prestei vestibular na Católica⁴⁴ e fui a 11ª colocada. Prestei vestibular três vezes. Assim, comecei a ter objetivos na vida, inclusive hoje o meu dinheiro rende. Hoje eu sei cuidar dele. Eu não consegui construir a casa da minha mãe ainda, mas eu já tive uma casa, só que acabei tendo que vender. Eu comprei essa casa com o dinheiro que eu cheguei a depositar que foi pouca coisa e com uma parte do que o meu pai me deu. Meu pai me deu na época dez mil e eu tinha cinco mil, só que assim... Sabe quando você coloca dinheiro no banco e nunca vai lá pra ver? Pois é era desse jeito o meu dinheiro: eu nunca fui lá pra ver.

Eu vendi a casa quando me separei do meu marido. Porque se eu continuasse lá ele iria me perseguir tanto que eu acabaria voltando a viver junto com ele. Então eu já vendi e comprei um lote pra, se Deus quiser, construir. No final do ano, eu quero estar com a minha casa pronta. Mas eu quero ajudar a minha mãe. Hoje eu tenho outros objetivos: eu quero um carro, quero ser respeitada.

⁴³ - Universidade de São Paulo

⁴⁴ - Universidade Católica de Goiás

Depois que eu tive minha filha eu ainda bebi, só que nunca maltratei meus filhos bêbada. Depois que eu tive eles eu mudei muito. Eu bebo hoje em dia e não vou dizer que não bato nos meus filhos, não. Quando precisa, eu bato, principalmente no meu filho, que é terrível. Ele tem dois anos.

Minha mãe hoje é totalmente diferente. É ela que fica com eles enquanto eu trabalho e eu fico magoada porque hoje ela faz tudo o que eles querem. Então acaba que atrapalha também. Criança você não pode maltratar, mas também não pode ser fazer tudo que eles querem. Ela ama muito mais os netos do que os filhos. Hoje ela não bebe, ela fuma, mas ela não bebe.

3.2 História de Luana: consumo, aventura e violência

Luana tinha 18 anos quando nos concedeu esta entrevista, em 25 de outubro de 2004. Nosso primeiro contato com ela foi em seu próprio local de trabalho, um bordel, localizado em Campinas, antigo bairro de Goiânia⁴⁵. Em companhia de um educador, vinculado a uma Organização Não Governamental⁴⁶, fui visitar a “Casa Vip”, onde então trabalhava Luana. Chegamos no início da noite, pois, nesse horário, era pequeno o fluxo de fregueses, o que tornava mais fácil nosso acesso às meninas a quem pretendíamos propor a entrevista.

Apesar de nossas precauções, não tínhamos certeza de que elas se disporiam a falar conosco. A noite estava apenas começando, mas o ambiente da Casa Vip era sombrio e a iluminação fraca envolvia o lugar na penumbra. As meninas, cuja beleza contrastava com a decadência do lugar, já estavam “arrumadas” para a noite, vestindo roupas sumárias e todas muito desconfiadas. Elas se encontravam reunidas numa sala espaçosa, com várias mesas, que lembrava um bar da periferia, embora fosse um bar “privado”. Tentamos iniciar um pequeno diálogo com uma das garotas. Foi inútil, ela logo disse que não estava interessada. Naquele horário, havia apenas dois homens. Um deles, provável freguês, bebia cerveja com uma das moças. O outro, com quem tivemos a primeira conversa, era o gerente⁴⁷.

Ele se apresentou simplesmente como “Júnior” e nos explicou longamente que sua profissão não era desonrada. Alegou que sua atividade de gerente da “Casa Vip” em nada diferia

⁴⁵ - Neste bairro, que antecedeu a criação da cidade de Goiânia, localiza-se, ainda hoje, o “baixo meretrício”, o chamado *trottoir* ou prostituição de rua. Mas Campinas é conhecida também como a região da cidade onde se concentram os bordéis.

⁴⁶ - Esta ONG chama-se “Casa da Juventude”, está vinculada à Igreja Católica, e realiza trabalhos relacionados com os problemas da juventude.

⁴⁷ - O Gerente da “Casa Vip” informou-nos que é somente um assalariado. Ele considera seu salário bom, mas nos disse que rico é o dono do lugar, proprietário de várias outras casas de prostituição.

do trabalho de um gerente de supermercado. Para “provar” que estava certo, nos mostrou um caderno onde fazia o controle do trabalho das meninas a cada noite. Além disso, precisava controlar o tempo que cada menina ficava no quarto com os fregueses, devendo ainda ficar atento a qualquer violência que, eventualmente, pudesse ocorrer. Ele, veementemente, recusava o rótulo de cáften ou qualquer coisa do gênero. Por fim, Júnior confessou que quase não tinha estudo. Segundo ele, embora fosse experiente e se considerasse apto a exercer a função de gerente em qualquer estabelecimento, a ausência de escolaridade formal o impedia de conseguir um emprego que lhe possibilitasse ganhos semelhantes aos que obtinha na ‘Casa Vip’.

Depois, Júnior nos falou da perseguição aos bordéis de Goiânia desencadeada pelo Ministério Público. Disse que seu salário havia sido rebaixado em mais de cinquenta por cento devido à *perseguição* sofrida. De acordo com ele, essa onda “moralista” era inútil e apenas acabaria com a concentração das casas de prostituição em um mesmo local, no caso, a região de Campinas, espalhando-as dissimuladamente por toda a cidade. Nas palavras do próprio Júnior, “*Goiânia se tornará um grande prostíbulo*”, caso o Ministério Público insistisse nesta política. A nós pareceu que Júnior tentava sondar se éramos, de fato, pesquisadores ou agentes disfarçados do Ministério Público.

Por fim, pareceu se convencer de que nosso real propósito era mesmo a pesquisa. Explicamos-lhe por que queríamos entrevistar jovens cujas histórias de vida foram marcadas pela violência e que haviam ingressado na prostituição antes dos 18 anos. Ele, então, pediu que deixássemos o número de nosso telefone, pois falaria com algumas das meninas e depois nos ligaria. Ele também nos deu o número de seu celular. Júnior nunca nos procurou e, nas várias vezes em que lhe telefonamos, ou ele não atendia, ou atendia e nos dizia que ainda não havia falado com nenhuma garota. Até que um dia nos disse que uma menina, Luana, não se “importava” de nos contar sua história.

Luana nos atendeu durante a tarde, em sua residência, nas proximidades da Casa Vip. Explicou-nos que ela e as colegas haviam alugado aquela casa justamente por ficar próxima ao seu local de trabalho. Disse que não estava trabalhando naqueles dias na Casa Vip porque o namorado a estava ameaçando de morte e, de forma bastante cordial, se dispôs a falar sobre sua vida. Contou que nasceu em Goiânia e foi criada pelos pais até os cinco anos, quando eles se separaram. Começou a estudar com apenas quatro anos de idade, na escola “Aprender para Viver”, no Jardim

Curitiba⁴⁸. A memória da violência, direcionada a sua mãe, mas que nem por isso deixava de atingi-la, começou a ser forjada bastante cedo:

Meu pai bebia e era violento, mas só com minha mãe. O meu irmão mais velho que eu, quando tinha uns oito anos, queria entrar no meio, mas o meu pai falava que se ele entrasse iria apanhar também e por isso ele não entrava. Eu tinha quatro anos quando eles se separaram. Nesse tempo foi muito difícil porque a minha mãe trabalhava e nos deixava sozinhos e ainda tínhamos que fazer os deveres de casa: eu lavava as vasilhas e o meu irmão limpava a casa. E estudava.

Meu pai casou com outra mulher quando se separou da minha mãe e teve outra filha. Se separou desta mulher também nove anos depois pelos mesmos motivos, ou seja, por causa da violência. Ele batia muito nela e eu tenho uma irmã de nove anos deste outro casamento dele. E quando nós íamos para casa dele no final de semana, ele sempre batia na mulher dele, na nossa frente, de mim e de minha irmã. Por isso eles resolveram se separar. Depois desses nove anos, ele quis voltar pra minha mãe.

Eu já estava com dezessete anos quando meus pais voltaram a viver junto. Mas antes teve um final de semana que ele foi buscar eu e meu irmão. A mulher dele não estava em casa e ele bebeu muito, ele sempre bebia muito. Agora ele não bebe mais. E ele só ficava violento se provocassem ele, caso contrário, ele era normal. Fomos pra casa dele, mas a mulher dele estava viajando. Então ficamos assistindo uns filmes e ele bebendo.

Eu não me lembro o que aconteceu, só lembro que ele bateu muito em meu irmão. E isso me gerou uma mágoa tão grande que, depois disso, eu não conversei com ele mais. E antes dele voltar pra minha mãe ele ficava assim de três em três meses, de dois em dois meses indo lá em casa, querendo voltar e a minha mãe falava que ele podia voltar porque ela ainda gostava dele.

Só que eu falava que se ele voltasse eu saía, era ele entrar por uma porta e eu saía pela outra. Minha mãe não acreditou muito não. E no dia em que ele voltou, eu falei: “Olha, eu sou independente e ninguém manda em mim pra nada. Eu vou e volto pra onde eu quiser e, se ele entrar aqui, ele vai querer me puxar e eu não vou deixar.”

Nessa época, eu ainda estava estudando, fazia o 2º ano colegial no Colégio Militar. Eu queria ser psicóloga. Mas a minha mãe foi me mostrando que o curso era muito caro. Então eu resolvi que queria passar pra Comunicação Social na Universidade Federal. Então vieram as dificuldades, prestei vestibular e não passei. Por isso desisti.

Bom, mas meu pai voltou e nós sentamos e conversamos. Ele falou que não ia acontecer nada, que a minha vida iria continuar normal, eu poderia ter meus namorados do mesmo jeito. Eu trabalhava de garçõete num

⁴⁸ - Bairro da periferia de Goiânia

bar perto de casa, lá no Jardim Curitiba. Antes eu já tinha trabalhado em uma loja também de vendedora. Como eu trabalhava só de quinta a domingo à noite, nos primeiros quinze dias eu acordava e já estava tudo arrumado. O almoço pronto, o que eu quisesse tinha. Eu sempre amei batata frita e todos os dias tinha. Ele voltou desempregado, então tinha tempo e fazia tudo o que eu queria.

Depois começou implicar com o meu namorado, dizia que ele era folgado, que isso e aquilo. Eu falei: “Não está do jeito combinado.” Eu só conversava com a minha mãe, eu nunca conversava com ele. Foram tantas implicâncias que acabei terminando com o meu namorado por causa disso, mas logo comecei a namorar com outro. Então ele começou a implicar também. Falei: “Eu vou sair de casa.”

No outro dia, eu saí e fui morar com a Elizângela que tinha trabalhado junto comigo no shopping. Nós moramos nove meses juntas, até que eu engravidei desse último namorado, o Rodrigo. Depois que engravidei, ele não queria que eu trabalhasse no bar porque era à noite e estava me prejudicando bastante. Então saí. Fiquei sem trabalhar. Como eu morava de aluguel e não estava podendo pagar, a minha mãe foi na minha casa e disse: “Se você quiser voltar, você pode voltar.” Eu voltei. Eu estava grávida de dois meses.

No começo, eu fiquei sem graça porque eu saí e depois voltei. Nos primeiros quinze dias foi horrível, parece que todo mundo me olhava de lado por eu estar grávida e ter voltado pra casa. A minha mãe não, ela era a única que me apoiava. E por eu estar grávida de uma pessoa que o meu pai não gostava, veio a implicância. Eu passava muito mal e queria que o meu namorado me levasse ao médico. Mas quando ele chegava em casa o meu pai já fechava a cara, não conversava e devido a essas pressões todas, faltando dois dias para completar três meses de gravidez eu perdi o bebê e a minha mãe me deu a maior força. O meu pai já estava se acostumando, mas achou melhor assim. Eu recomecei a trabalhar e falei que iria sair de casa de novo. Eles não acreditaram.

Não voltei para o bar onde eu trabalhava. Um dia, fui à casa da Elizângela e reclamei pra ela que eu estava sem trabalhar e ela falou que estava trabalhando num lugar que ganhava bem. Nós sempre conversamos sobre isso e eu sempre falava que se eu tivesse alguém que fosse comigo, eu iria, porque sozinha eu não tinha coragem de fazer programa. Foi quando ela me falou: “Eu estou indo ao lugar tal e se você quiser ir comigo...”. Mas eu falei: “Eu não tenho dinheiro nem pra ir.” Ela falou assim: “Eu pago a sua passagem”. Ela pagou e eu vim trabalhar, fazer programa.

Nessa época, eu estava namorando e morando na casa dos meus pais. E eu pensava: “Mas como é que eu vou falar que eu estou num lugar assim?” Geralmente é à noite. Então a Elizângela me falou que era só eu entrar a uma hora e sair cinco e meia, seis horas. No primeiro dia eu vim conhecer essa casa, a “Casa Vip”, à noite. Eu cheguei por volta de sete e meia e fiquei até duas horas da manhã e já fiz programa. Então eu me empolguei porque no primeiro dia já ganhei dinheiro. Pensei que nos outros dias seria melhor. Eu passei a

vir todos os dias a uma e meia da tarde e ia embora seis horas. No primeiro dia eu fiz um programa, no segundo dia eu já fiz dois, no terceiro dia eu fiz quatro programas e assim o dinheiro ia só rendendo.

Então eu fiquei empolgada porque para quem uns dias antes não tinha nem um real no bolso nem pra pagar o ônibus, eu já estava com muito dinheiro. Eu me lembro que na primeira semana eu falei pra minha mãe que eu tinha arrumado um serviço numa loja de bijuteria aqui em Campinas e para o meu ex-namorado, o pai do meu bebê, eu também falei que estava trabalhando em loja.

Mas já estava ficando difícil aquilo de fazer programa e viver se escondendo, fiquei com medo de um dos amigos dele descobrissem e contassem e, assim ele poderia até querer me matar, sei lá. Eu fiquei pensando nisso e terminei com ele. Todos os dias eu ficava até sete e meia, oito horas, às vezes ficava até nove horas, eu ligava pra minha mãe e inventava uma desculpa. Quando eu queria ficar até de madrugada, falava que iria viajar com a minha patroa e ficava até duas, três horas da manhã e dormia lá na casa mesmo. O Júnior, o gerente da casa, dormia lá, dormia todo mundo lá. Então fui ganhando dinheiro e mais dinheiro e fiquei empolgada com aquilo.

Foi então que as meninas falaram que nós poderíamos alugar uma casa aqui em Campinas porque ficaria mais perto. Achemos essa casa aqui e alugamos. Antes eu já tinha ficado até uma semana sem ir em casa. Eu falava pra minha mãe que estava na casa da minha patroa, que estava na casa das meninas, que tinha um churrasquinho tal dia, que isso e aquilo e só ia lá em casa buscar roupas quando ela não estava. Eu telefonava e quando era meu pai que atendia, eu nem falava e desligava o telefone. Mas aí ele arrumou um serviço bem aqui pertinho. Meu pai é motorista.

Um dia eu falei pra minha mãe que a gente ia num aniversário do primo do Júnior, só que ela sabia que a Elizângela namorava o Júnior e que ele era gerente de uma casa de programa. Só que não tinha aniversário nenhum, eu estava na casa. Daí quando eu estava sentada na área externa da casa, meu pai passou e me viu lá dentro. Como eu já falei, ele trabalhava lá perto, na rua Jaraguá. Ele me viu só que não disse nada.

Como eu estava de costas, eu não vi ele, só ele me viu. No outro dia à tarde, eu estava em casa e ele me ligou: “Por que você mentiu pra sua mãe?”. Eu falei: “Menti pra minha mãe?” Então ele falou que tinha me visto na *casa vip*. Eu fiquei desesperada e na hora inventei uma desculpa, que era aniversário realmente e que nós passamos pela casa só para esperar um rapaz que substituiria o Júnior pra ele ir à festa. Ficou por isso mesmo. Umas duas semanas depois, alugamos a casa para morar, eu deixei então de dar explicações para os meus pais, tudo ficou mais fácil. Eu ficava na Casa Vip até de madrugada. Um dia um amigo da minha mãe passou e me viu lá dentro.

Ele contou pra ela e ela me ligou: “Mas o que você estava fazendo naquela casa?” Eu falei: “Eu conheço as meninas de lá e só vou lá pra conversar, jogar baralho e tal.” Ela perguntou: “Mas você não trabalha lá?” Eu falei: “Não, eu não trabalho lá.” O assunto morreu. Então eu comecei a namorar outro cara. Ele me conheceu na Casa Vip e começamos a namorar. Ele era muito legal, brincalhão, mas responsável. Tinha 23

anos. Levei ele pra conhecer meus pais. Foi o único que o meu pai gostou de conversar, de cumprimentar e tal. Passamos a ir na casa dos meus pais todos os domingos.

Eu continuei trabalhando. Um dia, eu estava no trabalho e ele me chamou pra sair. Eu concordei e então ele falou: “Eu vou em casa tomar banho e você vai pra sua casa. Eu volto e te pego dez e meia. Não trabalha hoje mais não”. Só que eu e as meninas estávamos com um plano de comprar uma geladeira e faltava a minha parte do dinheiro. Justamente quando ele foi embora, pintou um programa e eu fui fazer. Fiz o programa e assim que eu saí já tinha outro me esperando. E eu fui fazer o programa. Quando deu dez e meia, ele chegou e eu ainda estava lá. Ele brigou comigo, me xingou e falou que eu nunca fazia nada que ele me pedia. Fui explicar que eu precisava do dinheiro pra comprar a geladeira e ele falou: “Era só você me pedir o dinheiro que eu dava pra você”. Falei: “Mas eu nunca te pedi nada, por que eu vou pedir agora?” Então ele falou: “Ah, é? Se o dinheiro vale mais do que nós dois, então está bom”. Ele tirou seiscentos e cinquenta reais do bolso e me entregou. Falou assim: “Toma aqui, fica com o dinheiro. É dinheiro que você quer? Então fica com o dinheiro e nunca mais olha na minha cara. E nós vamos sair.” Eu concordei e devolvi o dinheiro dele.

Violência e bordel

Aproximei-me dela. Comecei por arrancar-lhe das mãos os pacotinhos de miçangas e atirei-os longe. Em seguida, agarrei-a pelos cabelos e esmurrei-a tanto, mas tanto, que quase quebrei minha mão. Ela pôs-se a gritar e só se calou no instante em que a joguei com um safanão sobre a cama. Disse-lhe então as coisas mais duras, mais cruéis. Ela enrolou-se nas cobertas, como um bichinho apavorado, escondendo o rosto que sangrava. E não me respondeu..

LYGIA FAGUNDES TELLES

Este é um trecho do conto “Um coração ardente”, de Lygia Fagundes Telles. Trata-se de uma história sobre os mistérios do “coração ardente” de um velho. Na narrativa, ele fala de sua angústia por ter transmitido este tipo de coração ao próprio filho que, com isso, sofreu, vindo a se suicidar. Em sua juventude, conta o velho, muitas vezes procurou “salvar o mundo”. Certa época, depois de ter abandonado as ilusões da luta partidária para transformar a sociedade, resolveu que sua missão seria “libertar” uma prostituta do “inferno” do mundo da prostituição. Dirigiu-se, então, a um prostíbulo, um casarão situado no alto da Ladeira da Glória, pardo, velho e cheio de ratos. Nele, conheceu Alexandra, uma jovem completamente analfabeta e, com paciência e obstinação,

colocou seu plano em prática. Precisava, primeiro, prepará-la para que ela renunciasse ao comércio *maldito*.

Quando, por fim, Alexandra lhe disse que não queria sair, que gostava da vida que levava, o ardente coração do narrador explodiu em violência e ele a agrediu brutalmente, pois ele não conseguia compreender como a prostituição, para sua pupila, poderia tratar-se de uma escolha. Seria assim tão misterioso o coração das pessoas?

O amigo que ia sair com a gente já estava esperando. Eu fui até em casa, me arrumei e saímos. No caminho do bar ele ligou pra umas quinze meninas. Vi que ele estava querendo implicar comigo e quando chegamos no bar eu comecei a fumar pra implicar com ele também. Ele falou assim: “Se você fumar eu vou dar um tapa na sua cara”. Eu não acreditei, então ele ergueu a mão pra me bater e eu joguei o cigarro fora. Ele então me mandou sentar perto dele, eu sentei, e ele me disse: “Não trabalha mais não.” Eu falei: “Como que eu não vou trabalhar mais, sendo que eu tenho que comer, tenho que me vestir, tenho que pagar meu aluguel, tenho as minhas contas?” Ele falou: “Eu vou te dar um carro. Eu vou dar o que você precisa pra você não trabalhar. Com o tempo livre, você faz uns currículos, entrega, sei lá, arruma um trabalho. Enquanto você não arruma trabalho, eu vou te bancar.” Falei assim: “Então tá.” E ele disse: “Mas eu não quero que você coloque mais os pés naquela casa”.

Só que ele nunca bebia e nessa noite ele já tinha bebido uma “margarita” e eu não acreditei muito não. Ele é casado e jura pra todo mundo que não gosta da mulher dele. Mas enquanto ele está na rua ou aqui comigo, a esposa está lá trabalhando mas eu sou a mulher que ele gosta. Nesse dia, ele falou pra eu dar um tempo que ele ia resolver nossa situação, ou seja, se separar dela e casar comigo.

Ele dormiu lá em casa nesse dia. No outro dia cedo ele falou: “Aquilo que eu falei pra você ontem eu não esqueci não. Vou cumprir minha promessa. Isso aconteceu numa sexta-feira e eu não fui trabalhar, fiquei a semana toda sem trabalhar. Na outra semana, na quinta-feira, liguei pra ele e falei: “Olha eu vou descer lá na Casa Vip....” Porque eu ficava em casa sozinha todos os dias, o dia inteirinho e a noite. Ele vinha aqui todos os dias, mas era coisa de meia hora, uma hora e ia embora. As meninas iam pra lá e eu ficava sozinha. Não tinha televisão, não tinha som, nada.... Eu expliquei pra ele: “Eu vou descer lá porque eu estou aqui sozinha e é horrível. Só vou conversar um pouco com as meninas.” Ele falou: “Não é pra você ir não”. Eu desliguei o telefone e pensei: “O que é que tem eu ir lá? Eu não vou fazer nada, ele tem que confiar em mim.” Então eu mandei uma mensagem para o celular dele: “Estou descendo lá só pra conversar, ficar em casa sozinha é entediante, confie em mim.” E desci.

Eu fiquei lá fora, na área, conversando com o Júnior e com a Elizângela e jogando no celular. Ele chegou e olhou pra mim. Não tinha ninguém na casa, só tinha nós mesmo. Ele ficou pálido, saiu de novo e voltou,

pegou no meu braço e me levou pra dentro do banheiro: “Eu falei que não era pra você vir pra cá”. Eu respondi: “Mas eu te mandei mensagem falando que eu viria porque lá em casa estava ruim sozinha.” Ele disse: “Eu falei que não era pra você vir pra cá, você não acredita no que eu falo?”. Ele tinha me falado que se me pegasse lá dentro ele iria me matar. Ele falou: “Não olha mais na minha cara, não me liga mais, o dia que você me ligar eu venho e te mato”.

Eu saí de dentro do banheiro e sentei lá fora. Ele saiu supernervoso, pegou no meu braço e falou assim: “Se eu fosse você, eu iria embora agora”. Eu levantei e fui. Quando eu cheguei na primeira esquina, ele estava atrás de mim e eu mexendo no celular. Eu não me lembro no que eu pensei, mas eu ri. Pra quê? Ele atrás de mim falou: “Você está rindo de mim?” Então deu um tapa na minha cara e eu caí, meu celular caiu, minhas coisas caíram. E ele: “Você não acredita no que eu falo, mas agora você vai ver com quem você está brincando. Não é com moleque não, é com homem”. E começou a me puxar, a me bater, a puxar meu cabelo. Ele me levou de volta pra casa e começou a brigar comigo, a me xingar de vagabunda. E eu falando que ele tinha me conhecido lá, que eu não estava fazendo nada, estava fazendo tudo direitinho, estava até parecendo uma esposa de tanto que eu estava na linha.

Ele continuou puxando meu cabelo e falou: “Se arruma que vamos sair”. Falei: “Sair com um louco desses? Um psicopata? Não vou, não.” Eu estava com uma blusinha branca, com uma calça jeans e com sandália. Quando eu disse que não ia sair com ele, ele falou: “Vai, sim. Vai se arrumar ou então você vai desse jeito que você está”. E saiu me puxando pelos cabelos e me empurrou até na Casa Vip: “Você não quer ficar aqui? Então você vai ficar aqui”. Tentei voltar pra casa, eu estava descalça, toda suja e a minha blusa tinha ficado marrom porque eu tinha caído no chão. E ele começou a me puxar para a avenida Castelo Branco.

Ligou pro irmão dele vir trazer o carro, me pôs dentro desse carro falando que ia me matar, que eu ia ver, que eu não estava brincando com moleque, era com homem e eu ligando para as meninas da Casa Vip desesperada, que ele ia me matar. Fomos para um lugar horrível, uma escuridão. Acho que era uma invasão⁴⁹ que tem por ali perto do Parque Industrial. Ele me levou pra casa de um amigo dele, que é um monstro de horrível, mas não achou esse homem. Então ligaram pra ele falando que as meninas estavam com a ROTAN⁵⁰ atrás dele porque ele tinha me pegado e me levado e ninguém sabia aonde é que eu estava. Como ele tinha desligado meu celular, ligaram para o celular dele. Ele ligou para o irmão dele pra ele ir levar a moto. Como falaram que a polícia estava atrás do carro dele, ele quis trocar pela moto para despistar.

Então ele disse: “Agora nós vamos dar umas voltas, nós vamos sair, você vai passar a maior vergonha da sua vida.” Eu estava toda suja, descalça, descabelada e ele indo para o rumo da BR. Falei: “Pra onde é que

⁴⁹ - O termo “invasão”, na linguagem usual dos moradores de Goiânia, significa favela.

⁵⁰ - A ROTAN faz parte da corporação da polícia militar do Estado de Goiás e é responsável por operações especiais de repressão ao crime.

nós vamos?” Ele apontou para o lado da Eclipse e eu falei: “Não vou, olha o jeito que eu estou.” Ele falou: “Você vai. Eu vou te jogar lá dentro”. Eu quis pular da moto. Eu fiz menção de pular, mas ele me segurou pelo cabelo e eu caí de lado na moto. Ele falou: “Você monta nessa moto agora ou você quer que eu te mate aqui?”. Eu montei na moto de novo, daí fomos pra uma casa que ele tem lá no Setor Solar Bougainville. Ele falou que eu iria tomar banho, trocar de roupa e nós iríamos sair.

Chegando lá, ele já estava mais calmo e falou: “Pode ficar tranqüila que por enquanto eu não vou te matar não, mas você gosta de puteiro, não é? Então, vamos fazer de conta que você está num puteiro. Lá você bebe não bebe?” Aí ele abriu uma latinha de cerveja e eu falei: “Você sabe que eu não bebo.” Eu não bebo cerveja, só vinho muito raramente. Eu sou pirracenta também. Eu estava ali quase morrendo, mas não fiz o que ele queria. Ele falou: “Ou você bebe ou eu vou jogar na sua cara”. Eu falei: “Não bebo.”

Ele pegou o copo pra jogar na minha cara e aí eu bebi um pouquinho. Ele falou: “Fuma também”. Eu tinha parado de fumar por causa dele e falei: “Você sabe que eu parei de fumar.” Ele falou: “Pois agora você vai ter de fumar. Você não voltou para o puteiro? Então você bebe e você fuma. Sorte sua que eu não comprei cigarro, senão eu ia fazer você fumar um atrás do outro”. Então ele pegou uma coisa, acho que era mato, sei lá o que e enrolou num papel. Falou: “Agora você vai fumar.” Eu disse: “Não vou não.” E ele: “Ah, você não vai fumar, não? Então deixa que eu bebo e fumo. Eu não bebo e não fumo, se eu beber, como será que eu vou ficar, vou ficar doido, não vou?”.

Eu estava chorando, desesperada, com medo dele porque eu nunca tinha visto ele daquele jeito. Então ele apagou o cigarro que ele tinha feito e falou: “Vai tomar banho”. Falei: “Não vou.” Eu vi que ele estava mais calmo. Ele pegou a toalha e levou pro banheiro para eu tomar banho. Eu tomei banho rapidão mesmo, bem rápido e ele falou: “Volta porque você não tomou banho direito. Pode ir tomar banho. Pode ficar calma, eu não estou nervoso não”. Tomei banho de novo. E ele: “Não, você não lavou o cabelo, você não tomou banho”. Então eu pensei que ele não estava mais nervoso não porque já está fazendo graça.

Ele falou: “Eu vou te ensinar como é que se toma banho. Eu vou te dar banho”. E ele foi tomar banho junto comigo. Eu chorando com medo dele fazer alguma coisa comigo. E se ele me matasse ali dentro do banheiro? Ninguém saberia aonde é que eu estava. Só nisso que eu pensava. Ele foi lavar o meu cabelo. Eu comecei a chorar e ele começou a me beijar. E eu falei: “Você é doido.” Ele falou: “Você que é. Você brinca com fogo”. Terminei de tomar banho, vesti a roupa ele falou assim: “Eu vou te levar pra sua casa”. Eu falei: “Mas fez essa tempestade toda e nem pra me matar?”

Ele me trouxe e quando chegou aqui e ele falou: “Como é que a gente vai ficar?” Eu estava toda roxa, meu braço todo roxo. Falei: “Como é que a gente vai ficar? A gente não vai ficar. Eu não estou doida.” Eu desci da moto rápido, vim entrando, abrindo o portão e ele: “Pare aí. Volte aqui”. E eu com medo de voltar: “Tchau, amanhã a gente conversa.” E ficou por isso mesmo.

Ele foi embora e eu fiquei em estado de choque. Chorei a noite inteira desesperada. E as meninas todas me ajudando, me consolando. Dois dias depois, ele apareceu com a maior cara-de-pau e pediu desculpa, pediu perdão. Disse que eu não sabia com quem eu estava lidando e que me amava. Eu nem queria ver a cara dele. Um dia eu estava na Casa Vip, ele chegou, me viu lá e não fez nada. Me cumprimentou e ficou mandando mensagem para o meu celular: “Eu te amo, eu te amo, sim.” E eu: “Ama nada, quem ama não faz o que você fez.” Mas ele continuou insistindo e mesmo depois de tudo que ele fez comigo eu ainda gosto dele. Não sei por que, mas eu ainda gosto dele.

Depois disso, eu continuei fazendo programa escondido. Eu acho que se ele souber vem aqui e faz escândalo. Nessa época, eu conheci um amigo do Júnior, o Fernando. Eu fiquei fã dele, ele já era meu fã e ele me chamou pra sair. A gente trocou telefone e eu saí com ele. Fiz programa com ele agora há pouco tempo, assim sem ninguém saber. Ele me pagou e tal. No sábado seguinte foi aniversário do filho da minha amiga e a gente comemorou aqui em casa. Esse meu namorado, inclusive, veio.

De pirraça, eu comprei um vinho e comecei a beber. Ele deu vinho pra todo mundo e não me deixou beber. Então comprei outro vinho. Aí ele viu que eu tinha dinheiro, só que também não me perguntou. Ontem ele veio aqui. Quando abri o portão, meu celular tocou em cima da mesa. Era o Fernando. Ele quis saber quem era. Eu falei: “É um amigo meu.” Ele atendeu: “Oi, aqui é o namorado da Luana. O que você quer?”. O Fernando desligou. Meu namorado ficou bravo demais. Eu falei pra ele: “Mas por que você falou que era meu namorado? Você não é meu namorado, você não é nada meu. O que você quer?”.

O Fernando então ligou de novo e eu disfarcei. Desliguei o celular e continuamos discutindo aqui. Ele se acalmou e eu falei pra ele: “Nós dois não temos nada a ver mais, eu só te chamei aqui pra te comunicar que eu vou voltar a trabalhar. Minhas contas estão vencendo, meu aluguel está vencendo, não tenho dinheiro pra pagar o aluguel, não tenho dinheiro pra fazer nada e eu não posso esperar as contas vencerem pra depois arrumar o dinheiro não. Tenho que arrumar o dinheiro antes.” Ele perguntou: “Que dia que o aluguel vence?” Respondi: “Daqui há dez dias.” Ele perguntou quanto que era o aluguel, eu falei o preço e ele disse: “Você vai voltar por causa disso?” Falei: “Vou, vou voltar por causa disso porque lá pelo menos eu ganho dinheiro.” Ele falou que se eu voltasse ele me matava”. Eu respondi que ele não me dava nada, não me assumia, era casado e ainda queria mandar em mim. Que isso ele não ia fazer mesmo.

Então ele falou que iria contar pra minha mãe que eu era puta, que eu era vagabunda e onde é que ele tinha me encontrado. Falei que ele podia contar, mas fiquei morrendo de medo. No outro dia ele me ligou: “A que horas sua mãe chega do trabalho? Eu vou lá conversar com ela”. Pedi pra ele não me ligar mais e liguei na mesma hora pra minha mãe. Ela veio aqui e contei pra ela tudo que havia acontecido. Contei que ele tinha me batido e contei que eu estava lá na Casa Vip. Ela perguntou se eu estava trabalhando e eu falei que estava. Abri o jogo pra ela. Contei tudo. Ela ficou muito chateada, magoada, lógico.

Esse meu namorado ficou sabendo pela minha amiga que eu já tinha contado tudo pra minha mãe. Então ele disse que só tinha falado aquilo pra me passar medo, que não ia contar nada. Todos os dias a minha mãe me ligava pedindo pra eu não voltar a fazer programa e eu dizia que não tinha voltado. Mas agora, infelizmente, eu vou ter que voltar a fazer programa. Até que não é ruim, nunca passei nenhuma dificuldade lá dentro, eu me sinto segura lá. Nunca passei por nenhum transtorno, tipo alguém me xingar ou me desrespeitar só porque eu estou naquele lugar. Todos os meus clientes me tratam super-bem. Eles sempre pagaram o preço que pedi, entendeu? Por isso que eu juntei uma coisa com outra: lá eu me sinto bem e ganho dinheiro. Então pra mim está sendo difícil ficar sem ir lá.

Eu deixei de trabalhar na Casa Vip mais por medo dele. Porque desde que a gente começou a se envolver eu gostei dele. Se ele não interferisse de nenhuma forma, eu continuaria indo do mesmo jeito, com ele ou sem ele eu iria do mesmo jeito. Eu ainda tenho meus projetos de vida. No momento eu só queria mesmo fazer um curso de telemarketing que eu adoro. Penso também em fazer vestibular. Queria começar a fazer Comunicação Social, mas no momento não vai ter como. É como ele falou pra mim: “Você tem que traçar um plano, um objetivo e chegar nele”. Mas no momento eu estou tão sem esperança de vida que eu não estou nem conseguindo planejar. Eu quero é só me livrar das minhas dívidas e ficar bem, comprar alguma coisa pra mim.

Eu tinha um sonho de comprar uma moto Bis, ter as roupas que eu sempre quis, essas coisas mais supérfluas mesmo. Depois que eu entrei nessa vida, a moto eu não consegui comprar por lerdeza minha mesmo porque gasto muito dinheiro à-toa. As meninas falam que dinheiro que vem fácil vai fácil. Não é questão de dinheiro fácil, que vem fácil e vai fácil. Não vem fácil de maneira nenhuma. A questão é que hoje a gente ganha R\$100,00, aí a gente vê uma blusa de R\$110,00, compra a blusa e fica devendo os R\$10,00. Só que a gente não imagina que amanhã não vai ter dinheiro pra comprar. Se hoje a gente ganhou R\$100,00, amanhã pode ganhar R\$150,00. Dá pra pagar tranqüilamente. Por isso a gente não mede as conseqüências dos gastos.

Eu, por exemplo, ganhava numa semana R\$ 700,00. Se tivesse guardado uns R\$ 400,00 eu já estaria andando de BIS. Mas a questão é que quando eu trabalhava e ganhava um salário mínimo, comprava blusinha de R\$10,00 e uma sandália de R\$5,00 porque eu economizava. Quando passei a ganhar muito dinheiro, comecei a comprar blusinha de R\$15,00 e sandália de R\$70,00. Queria andar bem vestida, bem arrumada e não media preço. Eu já gastei muito dinheiro à-toa, principalmente com comida. Mas não é que o dinheiro vem fácil e vai fácil. É porque a gente não tem controle. Mas tudo que eu quis, assim em relação a roupa, sapato, celular, jóias, eu tenho.

Mas acho que vale à pena. Você não precisa pedir dinheiro para ninguém. Você quer ir comer alguma coisa, você vai lá e come. Se você quiser sair você sai, se tiver chovendo no lugar em que você está e você estiver de ônibus, você pega um táxi. Não precisa de ninguém pagar, você mesmo paga. É a independência que o

dinheiro dá e o conforto também. No momento eu estou sem planos. Eu queria era casar. Na verdade eu não queria casar, eu queria ter um filho. Mas como eu fui criada sem pai (entre aspas), então eu não quero ter um filho sem pai. Eu queria ter o pai e o filho.

Gosto dessa vida, tem aventuras, a adrenalina é muita grande e, além disso, ganho mais do que já ganhei em todos os outros trabalhos que fiz. Lá na “Casa Vip”, o preço do programa depende da pessoa. Por exemplo, se chegar uma pessoa bem arrumada, nós cobramos caro. O preço mínimo do programa é R\$50,00 sem a chave do quarto⁵¹. Com a chave do quarto fica R\$60,00. Às vezes, o cliente pechincha e a gente deixa tudo por R\$50,00 mesmo e às vezes até por menos. O cliente tem que pagar o quarto e pode ficar com a garota até 45 minutos. Tem pessoas que nem perguntam o preço e já dão de R\$80,00 a R\$100,00, depende.

É tipo assim, você está lá e chegam vários homens e aí você pensa: qual será que se interessou por mim? Então ele chama, você vai, fica com ele e não tem aquele envolvimento, porque não tem tempo de pensar. É tão rápido que você nem se envolve. Você mente muito também. Fala que sente as coisas, mas não sente nada, você fala que foi bom, mas não foi bom nada. Fala que a pessoa tem muitas qualidades e não tem nada. A gente se sente bem de ver que eles se sentiram bem, de ter conseguido satisfazer eles. Já aconteceu com uma amiga minha, comigo nunca aconteceu de ficar só conversando e não acontecer nada. E já tiveram outras que ficaram lá os quarenta e cinco minutos e não conseguiram dar prazer para o homem. No primeiro programa que eu fiz, eu fiquei sete minutos no quarto, ou seja, foi tão rápido que eu me senti vitoriosa por ter ganhado um dinheiro em tão pouco tempo. E assim você não se envolve e fica conhecendo várias pessoas.

Essa adrenalina que eu te falei já vem com prazer e com medo, com perigo, porque já houve comigo casos de estourar a camisinha e de eu ficar super-preocupada e logo ligar para o farmacêutico e pedir o remédio porque a camisinha estourou. É adrenalina porque mistura o perigo com o prazer. Você está ali e não sabe se o cara é casado, se ele é solteiro, se ele tem filhos, se ele é viúvo. Não sabe nada dele e está ficando com ele e também não sabe se ele tem uma doença e se vai passá-la pra você. Eu só transo de camisinha e mesmo assim a gente corre um certo perigo. Imagine sem.

Um dia, eu fui numa festa com uns amigos meus da boate. Chegando lá, eu vi um ex-coordenador do colégio militar onde eu estudei. Os meus amigos todos sabiam que eu era garota de programa e esse coordenador me reconheceu: “Oi, tudo bem?” Eu respondi: “Tudo bem”. Quando eu saí, ele comentou com os meninos: “Nossa! Eu conheço essa menina há tanto tempo e não sabia que ela é garota de programa”. Quando eu estava na escola, eu já pensava em fazer programa, eu já conhecia a Cristiane, uma amiga minha

⁵¹ - A expressão “chave do quarto”, nas casas de prostituição, segundo as entrevistadas, significa que o freguês, além dos serviços sexuais, deve também arcar com o aluguel do quarto para a realização do “programa”.

que trabalha no Real Prive⁵². Ela não estudava lá, mas ia sempre na porta do colégio. Antes ela estudava lá, mas depois saiu. Mas já fazia muito tempo que ela era garota de programa. Agora ela já quebrou porque começou a usar drogas e virou lésbica. A idéia que nós temos do colégio militar é que é muito rigoroso, mas não tem nada a ver não, é só fachada. Drogas eu nunca usei nem pretendo.

3.3 História de Juliana: gravidez, abandono e violência

A particularidade de Juliana está na dimensão pública que a história de sua vida assumiu. Com apenas 12 anos, ela ficou grávida de um homem de mais de 50 anos. A imprensa local, assim que tomou conhecimento do fato, passou a persegui-la. Ávidos por histórias que ajudam a vender jornais, alguns meios de comunicação a assediaram, a ponto dela ter de abandonar a escola. Dessa forma, além da gravidez de risco (pela pouca idade e por estar esperando gêmeos) Juliana teve que enfrentar um julgamento moral que cerceou-lhe qualquer privacidade. Mais grave, no entanto, é o fato de ter sido o próprio Conselho Tutelar⁵³ quem forneceu o endereço de Juliana ao jornal que desencadeou o escândalo:

Eu nasci dia 26 de julho de 1985 em Goiânia, tenho dezenove anos. Eu morava com meus pais e meus três irmãos. Meu pai trabalhava de enfermeiro, minha mãe trabalhava como gari. Vivíamos muito bem. Estávamos na escola e tínhamos de tudo, não precisávamos procurar nada na rua. Mas quando eu estava com mais ou menos seis anos, quase sete, meu pai matou um homem, um colega dele e foi preso. Daí ele saiu do trabalho, a minha mãe também teve que sair, vendeu nossa casa, vendeu tudo pra tirar ele da cadeia. Quando ele saiu, foi embora e deixou a gente.

Ele ficou preso só dois meses e oito dias. Mas tivemos que vender tudo pra tirar ele. Ele não ficou muito tempo porque ele tem problema de hanseníase e não podia ficar. Os outros presidiários não aceitam quem tem hanseníase dentro da cela. Então o meu pai foi embora morar longe, no Mato Grosso. Nós ficamos com a minha mãe e começamos a passar muitas necessidades. A minha irmã foi morar com a minha tia, ficamos só eu e a minha irmã mais nova.

Na época eu tinha sete anos. Continuei indo pra escola e tudo, lá era muito bom, eu tinha muitos amigos. Mas estava sempre faltando coisas, faltando caderno, faltando comida... A minha mãe não tinha condições, trabalhava mas ganhava pouco e tinha que pagar aluguel, energia, água. A gente via as colegas andar bem

⁵² - O Real Privê é uma boate, localizada nos arredores de Goiânia, onde se pratica uma prostituição considerada de “alto nível”.

⁵³ - Órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado de zelar pelos direitos da criança e do adolescente. (Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 9º).

arrumadas e ficava cada dia mais triste. Eu não tinha nem mochila para carregar caderno. Nós somos três irmãs, só mulher. A mais velha, como eu já disse, foi morar com a minha tia e ficou só eu e a mais nova com a minha mãe.

Quando eu estava com nove anos de idade, meu pai apareceu de novo e foi morar mais perto de nós, por isso, um irmão do homem que meu pai matou me atropelou de moto. Acho que ele queria se vingar do meu pai. Eu estava com nove anos e quebrei a perna, quebrei todos os dentes da boca. A minha mãe se casou com outro cara. Tem agora a casa porque este segundo marido dela, morreu e deixou a casa pra ela. Então quando eu tinha nove anos o meu pai apareceu e tinha um amigo dele que na época era bem velho já, acho que ele estava com uns cinqüenta e oito anos mais ou menos quando eu conheci ele. E quando eu estava com onze anos eu comecei a sair com ele. Foi com ele que perdi minha virgindade. Em troca de transar com ele ganhava algumas coisas como balinha e, às vezes, uma roupa. Ele era o melhor amigo do meu pai. Ele começou a me dar as coisas e eu comecei a ir pra a casa dele. A minha mãe não sabia e nem meu pai. Ele morava sozinho.

Uma infância que não tem cara de infância...

[...] é a brincadeira, e nada mais, que está na origem de todos os hábitos. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se, devem ser inculcados no pequeno ser através de brincadeiras, acompanhadas pelo ritmo de versos e canções. É da brincadeira que nasce o hábito, e mesmo em sua forma mais rígida o hábito conserva até o fim alguns resíduos da brincadeira. Os hábitos são formas petrificadas, irreconhecíveis, de nossa primeira felicidade e de nosso primeiro terror. [...]

WALTER BENJAMIN

Este trecho pertence à resenha de Benjamin, intitulada *Brinquedo e brincadeira*, sobre a importância do livro *Brinquedos infantis dos velhos tempos: uma história do brinquedo*, do alemão Karl Gröber. Nesta obra, entre outros aspectos, o autor ressalta o mundo perceptivo da criança que, segundo ele, estaria marcado pelos traços da geração anterior e se confrontaria com eles; o mesmo ocorre com suas brincadeiras, as quais seria impossível situar puramente num mundo de fantasias infantis. Mesmo quando não imita os utensílios dos adultos, o brinquedo é uma confrontação, não tanto da criança com o adulto, como deste com a criança.

A importância do brincar também foi objeto de estudo de Silva & outros (1989), para quem brincar é fonte de crescimento, saúde, além de conduzir a relacionamentos grupais. Segundo as autoras, ao realizar essa experiência, o indivíduo pode deixar fruir sua criatividade e utilizar sua personalidade integral. Dessa forma, o brincar representa uma possibilidade da criança postular o seu “eu” em relação ao contexto.

Ele me dava balinha, bombom, às vezes me dava cinco reais e eu já achava bom porque eu não tinha nada. Começou a me dar roupas, calçados e a minha mãe me perguntava de onde aquilo vinha. Eu trabalhava numa confecção, mas não era nada da confecção. Era tudo que ele me dava mesmo. Na confecção eu ganhava pouco e o dinheiro que eu ganhava lá eu dava pra minha mãe pra ajudar. Eu era evangélica, mas conheci esse velho e ficava com ele porque ele me dava as coisas e a minha mãe não sabia. Às vezes eu falava que ia pra Igreja, mas eu ia era para a casa dele.

Quando eu estava com doze anos, eu descobri que estava grávida e não contei nada pra minha mãe. E era dele. Desse velho. Eu engravidei dele. Fiquei até quase os cinco meses de gravidez sem contar nada pra minha mãe. Mas eram gêmeos e não tinha como esconder mais a barriga. Só contei pra uma vizinha. Depois que eu contei para minha mãe, ela me levou ao médico e ele disse que achava que eram dois e tudo. Mas

não quis me atender por causa da idade e mandou a gente procurar o Hospital das Clínicas. Eu procurei. Eles fizeram o ultra-som e viram que eram dois mesmo. Então começaram a cuidar de mim.

Meu pai descobriu e quis me bater, não conversava mais comigo. A família teve que entrar no meio. E todo mundo se afastou de nós. Família por parte da minha mãe eu não tenho. Só tem a mãe dela, então só tenho família por parte de pai. Então todo mundo se afastou e começou a julgar a minha mãe falando que ela era culpada e não sei o quê. E ela não tinha nada a ver com isso porque ela não sabia. Mas ela se recusou a me colocar pra fora de casa como eles queriam. Ela é minha mãe. Então, eu também larguei o colégio, eu queria muito estudar porque o meu sonho era ser advogada. Achava muito bonito, nossa senhora! Quando meu pai foi preso eu passei a ter esse sonho por causa dele. Porque eu via aquilo ali e pensava se eu pudesse defender o meu pai, contar o que aconteceu porque eu estava junto no dia.

O amigo dele discutiu com o irmão por causa de uma mulher. O meu pai estava com uma arma, ele só andava armado. Ele estava com uma faca. O meu pai foi falar com o amigo dele pra ele não fazer aquilo, porque ele estava brigando, queria matar o irmão dele. Aí ele deu um tapa na cara do meu pai e meu pai falou pra ele: “Não faz isso não, Divino, nós dois somos muito amigos, não faz isso não” E a minha mãe puxando de um lado com a minha irmã no colo e eu falando: “Vamos embora, papai.” E chorando do outro. Aí ele deu o segundo tapa e o meu pai falou: “Se você der o terceiro eu vou te matar.” E ele falou: “Você não mata não, você não é homem.” Aí ele foi e deu o terceiro tapa e o meu pai deu três tiros nele. Dois acertaram no braço esquerdo e o terceiro acertou em cima do peito. Ele caiu no chão e já morreu. O meu pai foi preso, ele não correu, ficou lá e esperou a polícia levar ele preso.

Infância e gravidez

Existe na sua canção algo de uma infância breve e pobre, algo de uma felicidade perdida e irrecuperável, mas também algo da vida ativa de hoje, com suas pequenas alegrias, incompreensíveis mas reais, e que ninguém pode extinguir.

BENJAMIN APUD BUCK-MURSS

As experiências, é claro, marcam a vida de uma criança. Buck-Murss (2002) acredita que, em nenhum momento, Benjamin sugeriu que a compreensão da criança fosse verdadeira. Ele sugeriu, sim, que a infância era capaz de capturar os objetos históricos em uma rede de significados para que a geração adulta pudesse, subsequentemente, realizar um investimento psíquico neles, emprestando-lhes um grau maior de atualidade do que no passado. Para ela, em Benjamin, as imagens do inconsciente são formadas como um resultado das experiências históricas concretas, e não (como nos arquétipos de Jung) biologicamente herdadas.

Então, como eu estava dizendo, quando eu engravidei o meu pai não quis mais saber de nós, principalmente de mim. Ele culpava muito a minha mãe. Eu passei a ir ao Hospital das Clínicas e o Ministério Público ficou de resolver tudo, mas nunca resolveu nada. Quando ganhei os gêmeos, tinha dois meses que eu tinha completado treze. Quando o meu pai soube que eram dois meninos, ele ficou muito alegre porque ele não tem filho homem e então ele se aproximou, não tanto por minha causa, mas por causa dos meninos. Logo em seguida, mais ou menos quinze dias depois que meus filhos nasceram, eu conheci um cara que trabalhava com o meu pai. E quando tinha dois meses que a gente estava junto eu fui morar com ele.

Quando fiquei grávida eu fazia a 5ª série no Colégio Estadual Santa Marta, lá na Colônia Santa Marta. Eu parei no meio do ano porque eu não agüentava mais ir para o colégio. Os professores, às vezes, até que não falavam nada, mas os meus colegas falavam muito. Ainda mais quando saiu no jornal, todo mundo ficou abusando, me criticando, me apontando o dedo na rua. Eu já nem queria mais sair na rua, só chorava. Antes disso, eu tinha o sonho de ser advogada, mas aí acabou tudo. Fazer o quê? Eu estava com aquele barrigão e não podia ir pra escola. Nem tanto por causa da barriga, mas por causa das críticas, eu nem saía na rua. Só saía pra ir ao hospital mesmo.

Minha história saiu no jornal, no Diário da Manhã. Acho que eles me encontraram através do Conselho Tutelar. Foram lá em casa primeiro, mas eu estava no serviço da minha mãe na Colônia Santa Marta. Então eles foram lá. Começaram a conversar, perguntaram como era meu nome, se eu era mesmo a Juliana. Eu respondi que sim e eles falaram assim: “Tem como a gente fazer uma entrevista com você, tirar umas fotos e tal?” Eu falei: “Pra quê?” E eles: “É porque nós vamos te ajudar. Você vai ganhar uma cesta, vai ganhar o enxoval, a gente vai te ajudar.” Aí eu falei: “Mas eu não vou sair em lugar nenhum não, né?” Eles falaram: “Não, ninguém vai te ver, ninguém vai saber que é você e não vai ter nada. Então me colocaram no carro e foram lá pra casa. Chegando lá em casa, mandaram que eu vestisse uma roupa bem curta e eu vesti. Aí eles me deram uma boneca e começaram a tirar foto de mim no quintal. Perguntaram o que tinha acontecido e eu contei tudo. Que ele me dava coisas pra eu ficar com ele, quantos anos ele tinha e que eu estava grávida de gêmeos. Eles colocaram tudo no jornal e publicaram também muitas mentiras, muitas coisas que eu não falei. Depois disso veio o Goiânia Urgente⁵⁴ e eu saí no Goiânia Urgente. Aí veio também o Jornal Anhanguera e o Jornal do Meio Dia⁵⁵. Então eu passei a correr deles, não queria ver ninguém.

Depois que eu sai no jornal, os vizinhos do bairro, da escola de todo lugar ficaram sabendo de toda minha história. Então aquilo estourou como uma bomba porque antes ninguém sabia de quem eu estava grávida, mas depois do jornal todos ficaram sabendo, pois todo mundo onde eu moro conhecia ele, o velho, pai dos meus filhos. Quando colocaram no jornal acabaram com a minha vida porque eu não podia mais sair na rua, nem pra ir na igreja. Eu só via as pessoas me apontando o dedo, me criticando: “Olha a menina grávida do

⁵⁴ - Programa jornalístico, do gênero sensacionalista, veiculado por uma emissora de Goiânia-GO.

velho” Eu até falei que queria abortar, que eu não queria ter aqueles meninos, chorava bastante, queria entrar debaixo de um carro, não deixava o médico chegar perto de mim, nem minha mãe. Eu só ficava em cima da cama e não queria saber de nada. Eu pensava que dois nenéns dentro da minha barriga eu ia morrer, eu não sabia de nada. Aí começaram a me criticar demais no colégio e aí eu saí. Os meus colegas falavam: “Ah! Como é que você foi fazer isso?”

Na igreja também eu via assim que muita gente não falava nada, mas me olhava de lado e eu já não fui mais. Depois disso, eu tive os gêmeos, conheci esse rapaz que tinha vinte anos e fui morar com ele. Quando os gêmeos estavam com três meses, eu engravidei de outra menina e quando eu estava com cinco, seis meses de gravidez, comecei a apanhar dele. Apanhei bastante dele e a minha filha nasceu com problemas cardíacos. Nasceu e morreu depois de três dias. Ela nasceu dia 31 de outubro e morreu dia 02 de novembro. Eu engravidei pela segunda vez com treze anos e ganhei minha filha com quatorze anos. Acho que ela não sobreviveu porque ele me batia muito. Ele segurava no meu pescoço e dava murro só na barriga e eu não podia sair nem ir na casa da minha mãe. Ficava só dentro de casa. Ele fazia por ciúmes, por besteira. Qualquer coisinha era motivo de briga. A mãe e a irmã dele falavam mal de mim. Eu não podia sair de casa pra nada, não podia fazer nada.

Nós morávamos na casa da mãe dele e ela via, às vezes, ele me bater. Às vezes ele me batia escondido. Quando era na frente dela, ela se afastava, mas se ela entrasse no meio apanhava também. Minha filha nasceu e teve uma parada cardíaca quando estava nascendo. Em seguida, deu outra parada cardíaca e foi pra UTI com insuficiência respiratória. Ela morreu e a gente continuou vivendo junto do mesmo jeito ainda. Um ano depois, no dia 07 de setembro, ele me bateu tanto que estourou o meu baço e eu tive que operar. Foi ele que me levou para o hospital. Ele estourou o meu baço com um murro na costela. Os policiais vieram e me perguntaram o que era, mas eu tinha muito medo e falei que eu tinha caído e batido a costela na quina da cama. Até o médico falou: “A gente sabe que é mentira, você não quer falar a verdade”. Três meses depois que eu operei, eu engravidei dele de novo, da menina que eu tenho agora, a Gabriele.

Nessa gravidez nós conversávamos e eu sempre falava pra ele que depois que o bebê nascesse, eu não ia mais querer ele, ia me separar. E ele não acreditava. Quando ela estava com um mês de nascida, a gente se separou, eu voltei pra casa da minha mãe e ele começou a ir lá falando que era pra ver a Gabriele e já queria mandar em mim. Mesmo nós estando separado ele me batia. Depois eu descobri que ele estava namorando com a minha prima e que ela estava grávida dele. Então eu fui embora morar com meu pai, ele morava em Trindade. E quando minha filha completou dois anos, eu entreguei ela para o pai, porque eu estava sem trabalhar, morando com o meu pai que não tem muitas condições, pois ele é só um aposentado. Depois de

⁵⁵ - Programas jornalísticos veiculados por emissoras locais no início da tarde.

um tempo, eu voltei pra casa da minha mãe e continuei a passar muitas necessidades dentro de casa. Os meus filhos começaram a estudar, eu sem emprego até que conheci uma moça que trabalhava numa boate...

Depois que eu parei de estudar, na 5ª série, não voltei mais. Até tentei voltar umas duas vezes depois que eu já estava morando com o pai da minha filha, mas ele não deixava. Quando eu chegava do colégio ele até me batia. Eu ia trabalhar e quando eu chegava ele me batia. Não podia fazer nada, tinha que ficar só dentro de casa. Mas com a filha ele não é violento, ele não deixa ninguém gritar com ela. Acho que ele ficou com medo por ter perdido a outra, porque nessa gravidez ele não me bateu, nem encostou a mão em mim. Fazia tudo que eu queria, me tratou super-bem. Foi para o hospital comigo, coisa que ele não fez com a outra. Com a outra foi a minha sogra quem me levou, me deixou lá e foi embora. Com essa não, veio todo mundo, até a irmã dele. Ficou todo mundo junto dessa menina. Acho que por causa do que aconteceu com a outra filha. Ele só voltou a me bater depois que ela nasceu, até depois que a gente se separou ele ainda me bateu. Mas enquanto eu estava grávida não.

Me separei dele tem três anos e o que eu mais queria era voltar a estudar. Mas eu tinha que decidir entre escola e o trabalho porque eu tenho dois meninos pra cuidar e não é fácil. Eles já têm seis anos e estão estudando. Faz dois anos que eles me pedem uma bicicleta e eu não tenho condições de dar. Mas como eu ia dizendo conheci essa moça e ela falou que trabalhava numa boate e que lá ganhava muito bem. E que depois que ela tinha ido pra lá ela estava até morando sozinha e já tinha saído da casa da mãe dela, que não estava mais agüentando desaforo. Você sabe, mãe sempre fala as coisas. Aí eu falei: “Ah! Então eu vou com você.” Mas eu nunca tinha trabalhado em boate. Essa ia ser a primeira vez. Eu fui. No começo eu chorava, eu não queria, chorava bastante. Depois, quando eu vi o dinheiro que eu estava mandando pra minha mãe, percebi que minha situação tinha melhorado.

A boate *Tropical* fica em Rio Verde⁵⁶. Quando comecei, fiquei morando lá, fiquei três meses sem vir em casa, só mandando dinheiro para minha mãe. Foi uma experiência boa e ruim porque eu acho que amadureci mais depois que eu fui trabalhar lá. Eu fazia muita coisa errada. Eu usava drogas. Comecei a usar antes de ir. Eu usava muita merla e também cocaína. Maconha eu quase não usei. A minha mãe já estava preocupada porque eu já estava tirando até a roupa do corpo pra vender. Eu já estava numa situação difícil sem poder fazer nada. De segunda a segunda ficava bêbada e usando drogas. Os meninos ficavam com minha mãe. Uma vez eu cheguei em casa peguei até faca pra matar minha mãe de tão drogada que estava. Mas na boate eu não podia. Tem as regras, entendeu?

Eu passei a usar drogas depois que me separei. Meu ex-marido não usa. Comecei com as amizades. Conheci um rapaz e foi através dele que eu comecei a usar drogas. Tinha seis meses que ele tinha saído do

⁵⁶ - Cidade do interior do Estado de Goiás.

CEPAIGO⁵⁷. Com ele eu comecei até a fumar cigarro, antes eu nem sabia fumar. Aprendi tudo com ele. Me separei dele, mas aí eu já estava muito viciada, então eu tinha que comprar. Eu passei a tirar até a roupa do corpo pra vender. Daí eu também já saí pra rua, tomava só pinga pura mesmo, não tinha outra bebida pra mim, era só pinga. Ficava bêbada, caída na rua, passava até três dias sem chegar em casa, sem falar nada pra minha mãe. Quando conheci essa moça, pensei assim: já que ela me chamou, vou tentar, pelo menos vou ver se saio das drogas. Agora, graças a Deus, tem quatro meses que não uso nada. Parei. Bebo assim uma cerveja, alguma coisa, mas do jeito que eu fazia não. Então fui pra lá e como eu já disse tinha as regras. E eu trabalhava a noite toda.

Lá você tem que entrar no salão pra trabalhar às oito horas da noite e só sai do salão depois que fechar a casa. No salão o freguês chega, você atende e não pode tomar cerveja, só dose. Lá é dose de whisk com água de coco, com energético, Keep Cooler, só essas bebidas. Você só pode ficar na mesa com ele se ele pagar a sua dose. Se ele não pagar você tem que levantar. O quarto o cliente é quem paga, R\$10,00. Uma camisinha é R\$2,00 e o programa da gente é R\$ 50,00. O quarto se paga separadamente, os R\$50,00 ficam pra gente. E em cada dose que você toma, você ganha R\$1,00. Tem muitos caras que são bons, mas muitos também que são muito ruins. No começo eu até chorava porque eu não estava acostumada com aquilo. Ali também você só faz o que você quer, ninguém te obriga a nada. Ninguém, nenhum freguês pode te obrigar a nada. Lá eles me explicaram tudo direitinho, a dona é muito legal. Você não paga pra comer, cada uma tem seu quarto, cada quarto tem uma cama de casal, um banheiro e um guarda-roupas. Você só tem que limpar seu quarto e lavar suas roupas. Comida pronta, almoço e jantar, tudo arrumadinho. Faz um mês que eu vim de lá porque a cicatriz da minha cesariana infeccionou, mas eu acho que vou voltar pra lá agora, dia 5, de novo pra ficar mais um tempo. Vou voltar porque meus filhos estão precisando das coisas e o dinheiro que eu ganhei foi pra pagar contas, pra dar jeito em algumas coisas.

Durante o tempo que eu fiquei lá quase não vi violência. Teve um moço que invocou com uma menina, garota de programa desta boate. Ele foi lá, fez programa com ela e depois ficou indo lá todos os sábados e depois começou a ir todos os dias. Depois, ele já queria mandar nela e ela sem saber o que fazer, falando que teria de dar um jeito de ir embora porque senão ele iria bater nela. Então a dona da boate falou pra ele que não aceitaria mais ele lá. Então ele mandou ela sentar na mesa e disse que não iria pagar a dose. A dona falou pra ele que não, que ela não iria sentar. Ele levantou e deu um tapa na cara da dona e ela empurrou ele. Ele foi embora, mas o filho da dona ficou sabendo da história, foi atrás dele e deu uma facada na barriga dele, mas não chegou a matar, só perfurou os rins. Essa menina também é daqui de Goiânia, ela mora na

⁵⁷ - CEPAIGO – Centro Penitenciário Agrícola do Estado de Goiás.

Vila Mutirão⁵⁸. Por causa disso ela veio embora, ficou aqui mais ou menos um mês, e agora voltou pra lá. Mas foi só essa violência que eu vi.

Mas como eu disse, dentro da casa é proibido usar drogas. Quem quiser usar drogas, tem que ser fora da casa. Só que lá nós [as garotas de programa] não temos tempo pra sair porque trabalhamos a noite toda e durante o dia dormimos. Quando acordamos já está no final da tarde então, assistimos um pouco de televisão e já é hora de nos arrumarmos pra trabalhar. Temos folga, mas só nos dois últimos domingos do mês. O trabalho é de segunda a segunda, mas quem quiser ir embora, pode ir a hora que quiser, ninguém te impede de nada, o que você quiser fazer você faz. Agora, se não trabalhar enquanto estiver lá, se não for fazer “salão”, tem que pagar pela hospedagem de R\$70,00 a R\$100,00 dependendo da hora.

Eu quero ganhar dinheiro pra comprar uma casa pra morar sozinha e ter minha independência e pagar um colégio, fazer um supletivo, fazer um curso de computação, de enfermagem. Porque agora o que eu mais quero é fazer um curso profissionalizante e pagar um supletivo que é para recuperar o tempo perdido. Ficar desse jeito também não posso. Eu tenho muita vontade de voltar a estudar, mas do jeito que as coisas estão não dá, tenho que trabalhar porque lá em casa as coisas estão difíceis demais. A minha mãe trabalha, mas ela trabalha meio período e ela só ganha R\$90,00. Ela não é mais gari, ela cuida de um senhor. Minha mãe também tem a renda cidadã. Fizemos o cadastro dos meninos, mas até hoje não saiu o salário-escola. Quando sair vai ser melhor, já vai dar pra comprar mochila, o uniforme e tudo.

Mas eu resolvi agora que eu não quero ficar muito tempo ainda em boate não. Não quero não porque os meus filhos já estão entendendo as coisas, eles ficam perguntando o que eu fazia lá. No dia que a minha colega foi lá em casa eles fizeram muitas perguntas e eu não quero que eles pensem nisso. E eu tenho uma filha também e não quero que ela siga esse caminho. Mais tarde ela pode jogar na minha cara, então eu não quero. Eu só quero mesmo é arrumar um serviço fichado e trabalhar porque agora minha vida não interessa mais, o que interessa é a vida dos meus filhos e eu tenho que trabalhar por eles.

Da minha família quem sabe do meu trabalho é minha mãe e minhas irmãs. Minha mãe “dana” bastante, mas eu nunca deixei ela mandar em mim. Ela fala: “Isso não é vida, pára com isso. Isso não vai te levar a nada. Hoje você está bonita, mas você pode dormir bonita e acordar feia. Eu não quero. Pára com isso, eu estou te ajudando”. Ela fala, ela briga, mas não adianta eu não escuto. No dia em que eu fui ela não queria que eu fosse de jeito nenhum. Eu esperei ela ir para o serviço, arrumei um pouquinho de roupas e fui fugida dela. Quando cheguei lá liguei pra ela.

Nos três meses que eu fiquei lá eu tirei mais ou menos R\$ 5.000,00. Toda semana eu mandava um pouquinho pra casa porque lá também tinha as minhas necessidades, eu tinha que comprar as coisas. Eu,

⁵⁸ - A Vila Mutirão está localizada na periferia da cidade de Goiânia.

particularmente, vi que não rendeu nada, porque já teve noite de eu ficar com oitocentos e cinquenta Reais na mão. Eu já cheguei a fazer oito programas por noite. Tem caras que não te dão só R\$50,00, tem uns que te dão mais. Tem uns que são gente boa e tal. Já teve um que me deu R\$200,00, teve uma vez que um lá me deu R\$320,00. Eu comprava roupa, calçados, essas coisas. Futilidades mesmo. Saía nos dias de folga pra beber e ficava gastando à-toa na rua. Lanchava quase todos os dias, mas mandava dinheiro pra minha mãe porque eu estava devendo aqui bastante. Paguei as dívidas todas. Isso aí pelo menos o dinheiro rendeu porque eu paguei tudo. Eu mandava dinheiro, a minha mãe comprava as coisas, comida para os meninos. Comprou mochila porque eles estavam sem mochila, não tinham calçados nem roupas. Com o dinheiro que eu mandei ela comprou o resto dos materiais de escola deles que estava faltando. As coisas foram melhorando.

Eu me lembro que quando era criança, eu e minhas irmãs víamos os colegas todos com o pai e a mãe juntos. Era muito ruim. Nós pensávamos que nossa pobreza, nossas dificuldades eram por causa da separação de nossos pais. Porque quando nossos pais estavam juntos a vida era mais fácil, quando tínhamos nossos pais juntos era fácil pra nós. Depois que meu pai foi preso tudo mudou. O material escolar tínhamos que levar até em sacolas de plástico porque não tinha mochila. Às vezes não tínhamos caderno, a professora quem dava caderno pra nós assim, víamos todo mundo bem vestido e não tínhamos roupas, não tínhamos nada. Às vezes as crianças levavam dinheiro pra escola e compravam balinhas e não tínhamos. Então é muito ruim, eu mesma estava com os meus dentes todos estragados e não tinha condições de tratar. Todo mundo abusava da gente. Então aquilo ali para mim era muito ruim.

Aí eu o conheci o velho e ele começou a me dar as coisas e eu comecei a andar bem arrumada, arrumei os dentes, comecei a ter as coisas que eu queria ter. As meninas da minha idade todas andavam bem arrumadas, todas tinham condições. Não é uma condição de rico, mas a de quem tem um pai e uma mãe que ajuda. A minha mãe, depois que saiu do serviço, não conseguiu mais trabalhar fichada porque ela tem problema de coluna, então ela só trabalha assim de “bico”. Agora ela está nesse serviço já faz muito tempo, mas não é fichado. Então o que a minha mãe fazia era só pra comermos e pagar o aluguel, essas coisas. Depois ela se casou de novo com um homem que morreu e deixou a casa pra ela e nós deixamos de pagar aluguel. Se não fosse por causa disso, até hoje estávamos pagando aluguel porque não teríamos onde morar. O meu pai fez a minha mãe vender tudo para tirá-lo da cadeia. Vendeu casa, vendeu tudo que tinha dentro de casa. Ela ficou mesmo só com o necessário. Depois que ele saiu da cadeia, também não quis mais saber dela, eles separaram.

Ele tem hanseníase. A maioria da minha família tem. Ele já morou na Colônia Santa Marta⁵⁹, trabalhava e morava lá. Agora ele mora em Trindade. Ele também se casou com outra mulher e quando ele casou com essa outra mulher ela tinha só dezenove anos. Agora ele tem três filhos com ela, duas meninas e um menino. Ele nem vê a gente, só se formos lá ver ele. As minhas irmãs mesmo quase não gostam dele. Quem gosta dele é só eu e a mais pequena. A mais velha nem chega perto dele.

Quando eu estava grávida de cinco meses dos gêmeos, eu entrei na justiça. Eu não tinha nem treze anos ainda. Através do Conselho Tutelar, o pessoal do Ministério Público foi até a minha casa me buscar para prestar depoimento. Eu fui e dei o meu depoimento para o Dr. Saulo⁶⁰, falei tudo o que tinha acontecido. E ficou só nisso. Depois, em 1999, quando eu estava grávida da outra menina e os gêmeos não tinham nem um ano ainda, eu fui numa audiência junto com o pai deles.. Ele estava com o advogado, eu fui com minha mãe e os meninos. Chegamos lá, cada um falou o que tinha que falar, mas depois disso eu não fiquei sabendo de mais nada. Isso já tem seis anos e nunca aconteceu nada com ele. Ele nunca assumiu a paternidade dos meninos. Eu sei que o juiz ficou com o registro dos meus filhos. Depois eles mandaram pra mim, mas os registros foram feitos só no meu nome. Não tem o nome do pai. O juiz falou pra mim que não podia obrigá-lo a fazer exame de DNA. Eu não entendi como é que fica desse jeito, seis anos sem resolver nada. Sem eu saber o que o juiz decidiu, o que aconteceu. Sinceramente eu não sei.

Ele não dá pensão para os meninos, nunca quis ajudar. Ele não é casado e uma vez a irmã dele falou que ajudaria a gente, mas tínhamos que doar os gêmeos pra eles. E a minha mãe não aceitou, a minha mãe falou que não, que jamais. Se Deus deu os gêmeos pra nós deixa que nós vamos criar. Os gêmeos já ficaram em UTI, eu já me humilhei pra ele dar o dinheiro da passagem para eu poder ir ver meus filhos e ele não deu. Então eu mesma, até hoje, não sei porque nada foi resolvido pelo Ministério Público. Eu fui lá duas vezes, a primeira vez fui falar o que tinha acontecido e a segunda vez fui numa audiência em que ele também compareceu, mas nunca mais nos chamaram. Nunca mais eu soube de nada. E eu vejo ele andando por aí tranquilamente. Ele mora no mesmo setor em que eu moro, duas ruas abaixo. Ele é aposentado. E quando eu falo para os gêmeos: “Olha lá o seu pai.”, eles não aceitam de jeito nenhum. Eles respondem assim: “Não, mamãe, nós não temos pai, esse velho não é nosso pai ” Mas é assim mesmo, é uma experiência a mais. Eu amadureci muito cedo por causa de filho. Eu era muito nova e ainda tive dois. Deus me livre.

As meninas lá da boate quase todas têm filho, a maioria, também são bastante novas, da minha idade, dezoito ou dezenove anos. A mais velha tem vinte e seis anos. Tem uma lá que tem vinte e dois anos, mas não tem nenhum filho. Ela trabalha lá eu não sei nem por que, pois ela diz que o pai dela é rico, que tem

⁵⁹ - Esta Colônia está localizada na periferia de Goiânia e nela reside as pessoas que sofrem hanseníase.

⁶⁰ - Promotor Público, responsável pela área da infância e juventude do Estado de Goiás do período referido pela narradora.

condições, mas que ela não fica com a família dela de jeito nenhum porque não se dão bem. Tem uma outra que tem só uma filha, mas que mora com o pai. A outra que me levou também tem um menino. A história dela foi quase igual a minha, ela foi muito espancada pelo ex-marido.

Minha mãe nunca foi de bater. Ela sempre falava, brigava, mas nunca foi de bater. Meu pai também não, ele não precisava nem falar, só dele olhar a gente já respeitava. Agora a minha mãe falava às vezes com a gente, mas a gente não se importava. Até hoje minha mãe, coitada, fala e nós não escutamos. Mas eu apanhei demais do meu ex-marido. Eu tentava esconder, porque se o meu pai soubesse poderia até dar em morte. Nem mesmo quando eu fiz a cirurgia o meu pai ficou sabendo. Ele só soube depois que eu tive a Gabriele porque eu fui morar com ele. Ele soube da verdade, mas eu falei pra ele: “Deixa pra lá, eu não estou mais morando com ele, então deixa pra lá. Ele vai criar a Gabriele, já passou, passou.” Mas meu pai queria matar ele. A minha mãe mesmo só ficou sabendo quase quinze dias depois que eu já tinha operado. Eu não falava nada. Até que criei coragem e me separei. Se eu tivesse escutado a minha mãe antes, tantos conselhos que a minha mãe me deu, mas eu não escutei.

Capítulo IV – As Narrativas: vestígios da violência na memória

Querido pai:

Perguntaste-me certa vez por que motivo eu afirmava que te temia. Como de hábito, não soube o que te responder, em parte exatamente pelo temor que me infundes, em parte porque os pormenores que contribuem ao fundamento deste temor são em demasia para que os possa manter reunidos, nem mesmo pela metade, durante a palestra. E mesmo esta tentativa de responder-te por escrito ficará inconclusa, porque, também ao escrever, o temor e os seus efeitos inibem-me diante de ti, e a magnitude do tema está além de minha memória e compreensão.

FRANZ KAFKA

A partir dos vestígios deixados pelas três narrativas, pretendemos refletir sobre o significado da violência na memória dos indivíduos na sociedade contemporânea. Neste diálogo simultâneo com as narrativas e com os autores que se debruçaram sobre a compreensão de conceitos como violência, socialização e prostituição, pretendemos compreender melhor a relação entre as escolhas das jovens pela prostituição e a memória da violência destas mesmas jovens.

Estas narrativas são tentativas individuais de reconstrução das lembranças da infância e da juventude, embora tenhamos claro que a memória individual, como ressaltou Halbwachs (2004), está enraizada no interior de diferentes quadros que, de forma simultânea ou eventual, reaproximam-se momentaneamente. Segundo o autor, a rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedade múltiplas dentro das quais os indivíduos se engajam. Assim, a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, traduzida por meio da linguagem. Essas malhas de solidariedade, nas histórias de nossas narradoras, quase não se encontram presentes na infância, aparecendo visivelmente depois da inserção na prostituição: *Um dos meus primeiros programas foi com o João Francisco, um senhor*

*que hoje deve estar com uns setenta anos. Naquela época, ele devia ter uns sessenta e cinco e era tudo de bom. Uma pessoa maravilhosa*⁶¹.

A consciência não se fecha em si mesma, tampouco é um espaço vazio. Os indivíduos são, ao contrário disso, arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que lhes permitisse situarem-se em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. Isto talvez explique por que razão, em épocas anteriores, quando as crianças eram consideradas como *folha em branco* e quando a crueldade praticada contra elas não possuía nenhuma relevância social, pois os pais ou tutores eram seus proprietários, as agressividades praticadas contra elas sequer eram avaliadas como violência. Via de regra, no passado, os indivíduos não consideravam a violência física ou simbólica contra a criança como violência, tratava-se apenas de “correções”.

Nesse sentido, é elucidativa a obra *Carta a meu pai*, de Franz Kafka (1997) na qual o narrador, um adulto, reflete sobre seu relacionamento com o pai desde a infância, época em que não conseguia expressar outro sentimento que não o medo. Depois de adulto, expõe os vestígios dessa violência, pois o medo não o abandonou completamente, tanto que, literalmente, afirma que os sentimentos de mágoa e medo são maiores do que a capacidade de sua memória de recordar.

Uma memória coletiva, segundo Bosi (1999), se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. O que ela não faz é apagar os vestígios da violência na memória, como Andréia gostaria: *Tive muitas histórias de violência, mas duas delas, eu não consigo esquecer*. A violência esteve presente em todas as narrativas, em todas as histórias e, às vezes, em mais de uma modalidade, deixando claro que seu caráter não é espontâneo nem inevitável. Como confirma Bandeira (1999), o que há são ações e significados da cultura construídos, instituídos, socializados e ressignificados nas estruturas mentais e sociais, que acabam por prevalecer e incorporar-se como significações normatizadas que determinam a constituição da relação cultura-violência e vice-versa.

Mesmo sabendo que a memória individual é também social, não podemos nos esquecer de que é o indivíduo que detém a condição de memorizador e que, por intermédio dele, temos acesso a certas camadas do passado, principalmente quando se trata de fatos aparentemente insignificantes para a coletividade, como geralmente ocorre nos casos de violência interpessoal. Isso porque a

⁶¹ - Trecho recortado da história de Andréia.

experiência vincula-se à memória e ao fato de se poder transmiti-las. Talvez, por isso, Benjamin, no livro *Rua de mão única*, compara o indivíduo que se propõe a recordar seu passado com o arqueólogo:

Somente quem soubesse considerar o próprio passado como fruto da coação e da necessidade seria capaz de fazê-lo, em cada presente, valioso ao máximo para si. Pois aquilo que alguém viveu é, no melhor dos casos, comparável à bela figura à qual, em transportes, foram quebrados todos os membros, e que agora nada mais oferece a não ser o bloco precioso a partir do qual ele tem de esculpir a imagem de seu futuro. (BENAJMIM, 1997, pgs. 41-42).

A imagem que se tem do passado na analogia construída pelo autor é uma imagem mutilada, torta, quebrada, uma mistura de lembrança com ação do tempo e esquecimento, que nos remete às lembranças de Andréia, quando ganhou da vizinha uma boneca de porcelana quebrada que o pai achou que ela havia roubado. Não haveria nenhum motivo nesta recordação para lamentar a infância que passou. De acordo com Seligmann-Silva (2003), este recordar não se dá na cronologia, na lógica do tempo, mas, sim, no plano espacial. Nessa escavação do passado, busca-se justamente os pontos frágeis, a partir dos quais as camadas mais profundas podem ser atingidas.

As lembranças de Andréia, Luana e Juliana reconstroem as primeiras cenas de violência (como fatos negativos), embora surjam também outras cenas que, embora efêmeras, são positivas, como a escola que, frente ao contexto da violência de outros espaços institucionais, se apresenta como um lugar tranquilo que elas abandonaram por terem mudado suas rotinas. Juliana, por exemplo, conta que mesmo depois que seu pai foi preso e começou a faltar dinheiro até para comida em casa, mesmo quando não havia dinheiro para o lanche ou para comprar uma mochila para carregar os livros, ainda assim ela gostava de ir para escola: *lá era muito bom, eu tinha muitos amigos*. Andréia também recorda o quanto era boa aluna: *Neste ano, eu lembro, estava fazendo a 7ª série e passei porque eu era uma boa aluna. Eu já tinha passado no segundo bimestre, as minhas notas já davam pra passar de ano*.

As lembranças das três jovens constituem a base de reconstrução do passado de todas elas, pois, como ressaltou Barros (1989), no ato de lembrar nos servimos de campos de significados – os quadros sociais – que nos servem de referência. As noções de tempo e de espaço estruturantes dos quadros sociais da memória são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória.

Para Halbwachs (2004), o indivíduo somente pode ter memória de seu passado como ser social. Assim, cada memória individual é um ponto de partida da memória coletiva, e esse ponto de vista varia de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa na sociedade, mudando em função das relações que se tem com outros meios sociais. Dessa forma, se os primeiros anos de vida do indivíduo (período em que os primeiros processos de sua socialização eram intensos) transcorrem em um ambiente carregado de violência (física, sexual, simbólica etc), sua memória ou sua consciência como ser social abarcará esta violência como parte integrante de si mesma.

A reconstrução das lembranças possui, para Halbwachs (2004), um caráter social. Mesmo assim, a memória individual abarca sentimentos próprios e particulares, cuja existência têm um aspecto que decorre da posição que o indivíduo ocupa na sociedade, o que torna o único. Segundo o autor, as lembranças se alojam no inconsciente e, embora precisemos dos outros para a reconstrução, as marcas do caminho já estão presentes no indivíduo. Nesse sentido, poderíamos fazer uma analogia com nosso problema de pesquisa, pois os indivíduos cuja memória foi constituída por repetidos momentos de violência tenderiam a realizar escolhas em que a presença da violência não seria considerada empecilho porque estaria “naturalizada”, ou melhor, banalizada.

Segundo Beauvoir (2001), em muitos casos, a prostituta poderia ganhar a vida de outro modo, porém sua escolha decorre do fato de que a prostituição não é a pior profissão nesta sociedade, ao contrário, é uma das que parecem menos desagradáveis a muitas mulheres (acrescentamos que nem sempre é a mais violenta). Então, para a autora, ao invés de perguntarmos por que ela escolheu, deveríamos perguntar por que não a teria escolhido? Talvez esta seja a razão pela qual nenhuma das jovens que participaram deste estudo tenham se mostrado arrependidas ou culpadas por terem “escolhido” a prostituição. Ao contrário, Andréia declara ter encontrado na prostituição a solidariedade que não obteve na família, na escola, em nenhum lugar: *Foram pessoas boas, por isso eu não julgo a prostituição como a pior coisa, eu acho que foi a melhor fase da minha vida quando eu estava me prostituindo*. Da mesma forma, Luana deixou claro, em vários momentos de sua narrativa, o quanto aquela atividade melhorou sua vida: *Então eu fiquei empolgada porque para quem uns dias antes não tinha nem um real no bolso nem pra pagar o ônibus, eu já estava com muito dinheiro*. Juliana também reconhece as vantagens da prostituição: conseguiu pagar as dívidas, mandou dinheiro para a mãe, comprou algumas coisas para os filhos,

embora tema que eles, depois de crescidos, tomem conhecimento de suas atividades como prostituta.

Os valores assimilados na infância, entretanto, não são totalmente desprezados, pois as narrativas apresentam, em outros momentos, consciência acerca da desvalorização social da prostituta. Como alertaram Berger & Luckmann (1974) a socialização primária interioriza uma realidade apreendida como inevitável e esta interiorização só pode ser julgada bem sucedida se o sentimento de não transgressão estiver presente na maior parte do tempo, pelo menos enquanto o indivíduo for ativo na vida cotidiana. Dessa forma, mesmo quando o mundo da vida cotidiana conserva sua indiscutível realidade em ação, está ameaçado pelas situações marginais da experiência humana que não podem ser completamente incluídas na atividade diária.

Em geral, chamam-nos atenção nas lembranças dessas jovens a sucessão de etapas na memória, que é dividida por fatos que se destacam por seu significado. Andréia, pelo aspecto nômade de sua vida, pois, ainda criança, já se revezava entre a casa do pai e da mãe e, na juventude, andava pelo país à procura do melhor bordel, do melhor lugar para se prostituir. Já Luana, que tanto se ressentia da violência do pai contra sua mãe, iludida pelo desejo de consumo e de independência financeira, não se deu conta de que, ao permitir as ações de violência do namorado no próprio espaço do bordel, estava repetindo as experiências de sua mãe. Por fim, Juliana, grávida de gêmeos quando tinha apenas 12 anos, tendo enfrentado, em decorrência disso, uma violência moral proveniente dos preconceitos, voltou a ficar grávida ainda na adolescência, se submetendo a outras modalidades de violência, especialmente a violência física que, segundo ela, provocou a morte da filha que gestava.

No contexto destas narrativas, embora não possamos generalizar, haveria, sem dúvida, uma tendência à repetição de comportamentos gravados na memória, condizentes com a violência. Assim, as reflexões de Arendt (1985), mesmo que voltadas para a compreensão da violência política, podem contribuir com nosso desafio de entender a submissão destas jovens à exploração e à discriminação do mundo da prostituição, pois, para elas, a violência já havia sido interiorizada durante o processo de socialização por meio de diferentes formas de violência. Para Arendt, a violência, instrumental por natureza, é racional até o ponto de ser eficaz em alcançar a finalidade que deve justificá-la. Nesta perspectiva, a violência só pode manter-se racional se buscar objetivos

a curto prazo. A longo prazo, estes objetivos podem se perder, tornando-se imprevisíveis. Por isso, segundo a autora, não é possível termos certeza das conseqüências quando agimos com violência.

Sobre a relação entre prostituição e violência, Lima (1962)⁶², referindo-se à Inglaterra de final do século XIX, critica radicalmente a condição das mulheres prostitutas. Para este autor, a sociedade inglesa, adepta do liberalismo e que tanto se orgulhava de sua adesão ao conceito de liberdade secularmente fixado no inconsciente britânico, paradoxalmente, permitia que a mulher prostituta reduzisse seu próprio sexo a uma mercadoria, em condições, muitas vezes, de extrema violência, pois nem sempre o exercício da prostituição na Inglaterra ocorreu a partir da iniciativa pessoal e espontânea da mulher. Nesta crítica, o autor inclui o processo de recrutamento da prostituta que, segundo ele, provinha das camadas inferiores da população tanto urbana quanto campesina, enquanto que os clientes dos bordéis pertenciam, sobretudo, à esfera das classes altas. Assim, grande parte do recrutamento de jovens mulheres para a prostituição realizava-se, de acordo com os jornais londrinos da época, por meio de um violento tráfico compulsório, como se pode observar nas palavras do próprio autor:

Casas onde os exploradores vão ao ponto de se preocuparem com os mais absurdos requintes dos ‘clientes’. No gênero daqueles que se atrevem ao cúmulo de exigir, antes da violação, que o responsável pela empresa lhes apresente, devidamente autenticado, um atestado médico que afirme a virgindade da vítima. (LIMA, 1962, p. 70).

Fundem-se, dessa forma, o velho e o novo. Às antigas práticas de prostituição foram acrescentados novos artifícios que só puderam se concretizar com a produção de massa e, consecutivamente, com a transformação da própria mulher em mercadoria, ou seja, em artigo de massa cuja produção e consumo ocorrem simultaneamente e de forma acelerada, em série. A fonte dessa tendência é o paradoxal princípio “sem princípios” da livre troca. Para Berman (2003), a existência desse incessante, irrestrito fluxo de mercadorias em circulação provoca uma contínua metamorfose dos valores de mercado que, por sua vez, tende a forçar a livre entrada de novos produtos no mercado. Assim, se os membros da burguesia, de fato, desejam um mercado livre, sua opção será forçar a livre entrada de novos produtos no mercado, o que implica, em contrapartida,

⁶² - As abordagens feitas pelo autor nesta obra (tanto da prostituição como de outros temas relacionados com a sexualidade) são acentuadamente conservadoras, o que não condiz com nossa abordagem. No entanto, especificamente quanto às relações de violência e prostituição na Inglaterra do século XIX e início do século XX, suas descrições são importantes para demonstrar o caráter violento que, historicamente, marcou as práticas de prostituição no mundo ocidental.

que toda a sociedade burguesa desenvolvida de maneira plena seja uma sociedade genuinamente aberta, não apenas em termos econômicos, mas também políticos e culturais, de modo que as pessoas possam sair livremente às compras e à procura dos melhores negócios, idéias, associações, leis e compromissos sociais.

Concomitantemente a essa liberdade de mercado, prevalecem na sociedade capitalista os preconceitos que, segundo Heller (2000), constituem-se em categorias do pensamento e do comportamento cotidianos. Por isso, devemos compreender os preconceitos a partir da esfera da cotidianidade, cujos traços são o caráter momentâneo dos efeitos, a natureza efêmera das motivações e a fixação repetitiva do ritmo, a rigidez do modo de vida. De forma análoga, é o pensamento cotidiano um pensamento fixado na experiência, empírico e, ao mesmo tempo, ultrageneralizador. Segundo a autora, existem duas maneiras de chegarmos à ultrageneralização cotidiana: por um lado, assumimos estereótipos, analogias e esquemas já elaborados; por outro, eles nos são impingidos pelo meio em que crescemos ou no qual somos socializados, podendo passar muito tempo até que percebamos com atitude crítica esses esquemas recebidos, se é que chega a produzir-se tal atitude. Nesta leitura que realizamos das narrativas, essa submissão aos estereótipos ocorre com muito frequência, como, por exemplo, nesta rememoração de Andréia:

“Eu lembro que numa das noites que eu estava numa boate em Pernambuco, eu cheguei a 42° de febre, estava com uma gripe fortíssima. [...] o gerente chegou no quarto e falou que ele não era obrigado a dar comida pra puta ficar dormindo e mandou eu levantar. [...]. Então eu levantei queimando de febre [...] e comecei a chorar”.

Diferente da memória da infância, marcada pela espontaneidade dos relatos, nas lembranças da juventude, a leitura do passado torna-se mais rígida porque é feita com os juízos de valores que buscam demarcar o lugar ocupado pelos indivíduos na sociedade. Segundo Gagnebin (2004), o momento da construção consciente e também o momento da intervenção decisiva seriam capazes de interromper as condições negativas do desenrolar histórico. De acordo com a autora, o conceito benjaminiano de rememoração exprime esta necessidade de recapitulação atenta, sem a qual os fatos seguem seu fluxo incansavelmente. A memória, na concepção de Benjamin, se pauta na dinâmica infinita da *memória voluntária*, a qual nunca cessa e nem vai além de seu próprio movimento. Sua dinâmica submerge da memória individual e restrita, mas a concentração da rememoração interrompe este curso que guarda, num mesmo instante privilegiado, as migalhas dispersas do passado para apresentá-las ao presente. “As imagens dialéticas nascem da profusão da

lembrança, mas só adquirem uma forma verdadeira através da intensidade imobilizadora da rememoração” (GAGNEBIN, 2004, p. 25).

Na memória dos fatos que marcaram sua passagem pela prostituição, Andréia, mesmo insistindo que foi um tempo bom, um tempo em que cultivou muitas amizades, confessa que seu maior sonho, assim como o de qualquer mulher que trabalha numa casa de programa (segundo ela), é ganhar muito dinheiro para não precisar repetir todos os dias as mesmas cenas, o mesmo ritual. Ou então, essa mulher sonha que encontrará alguém que a livre daquela situação, casando-se com ela e assumindo a responsabilidade de garantir sua sobrevivência.

Nesse contexto, o liame que se forma entre o sujeito e a sociedade está nitidamente marcado pela condição de marginalidade inerente às práticas de prostituição. Não basta, por isso, obter ganhos financeiros superiores a outras atividades ou encontrar nos pares a solidariedade que antes não teve. A violência dos estereótipos torna ambígua e incerta a perspectiva de realização subjetiva por parte do sujeito, conforme se pode ler nas próprias palavras de Juliana:

Mas eu resolvi agora que eu não quero ficar muito tempo ainda em boate não. Não quero porque os meus filhos já estão entendendo as coisas, eles ficam perguntando o que eu fazia lá. No dia que a minha colega foi lá em casa eles fizeram muitas perguntas e eu não quero que eles pensem nisso. E eu tenho uma filha também e não quero que ela siga esse caminho. Mas tarde ela pode jogar na minha cara, então eu não quero. Eu só quero mesmo é arrumar um serviço fichado e trabalhar porque agora minha vida não interessa mais, o que interessa é a vida dos meus filhos e eu tenho que trabalhar por eles.

Assim, não importam as propostas de regulamentação e reconhecimento da prostituição feitas por militantes ou acadêmicos para legitimar o trabalho da prostituta. Ocorre que prevalece, para ela, a negação de suas práticas. Como percebeu Fonseca (1996) em suas pesquisas, na cidade de Porto Alegre, as prostitutas não planejam o futuro considerando a opção da prostituição como carreira profissional. Mesmo diante das imensas dificuldades no mercado de trabalho, mulheres de origem humilde e com baixo nível de escolaridade esperam ingressar em um curso profissionalizante, ao mesmo tempo que sonham com a perspectiva de se tornarem esposas e mães.

Tudo isso nos indica que as mulheres que se prostituem não se orgulham do que fazem ou fizeram, seja em decorrência dos valores interiorizados desde a infância, seja por sofrerem com a discriminação da sociedade. Ao contrário das narrativas apresentadas por Bosi (1999) cujos

personagens são velhos que guardam na memória a importância de suas existências em momentos cruciais da história de São Paulo, cidade onde viveram desde a infância até a velhice, nas narrativas das jovens mulheres apresentadas neste estudo predominam a mobilidade e a contingência de um modo de viver desenraizado, no qual as amizades são efêmeras, os rostos e os nomes significam pouco, tendo aí a violência um significado profundo. Como escreveu Nietzsche (1999), só o que não cessa de doer permanece na memória.

4.1- Papéis sociais, consumismo e violência

Segundo Heller (2000), mesmo a vida social mais elementar seria inimaginável sem imitação, distinguindo-se a mimese humana da animal desde suas formas mais primitivas. O indivíduo é capaz de imitar não apenas momentos e funções isoladas, mas também todo o modo de conduta e de ação. Assim, de acordo com a autora, baseia-se na mimese a assimilação de papéis, pois, sem a imitação ativa da totalidade de um comportamento, não haveria essa assimilação de papéis. É preciso, contudo, ressaltar que mesmo a imitação humana mais mecânica é assimilação ativa e que o indivíduo não pode alienar-se de sua natureza de modo absoluto.

A imitação manifesta-se, segundo Heller (2000), sobretudo como imitação dos usos. O mesmo podemos dizer da assimilação da hierarquia de valores morais. Até o indivíduo com alto grau de autonomia e de elevada moral consciente é incapaz de avaliar moralmente todos os passos que dá, todas as atitudes que toma. Sempre existem na vida humana determinados pontos nevrálgicos nos quais se projetam muito intensamente os problemas da escolha moral. Mas esses problemas emergem de uma hierarquia de valores assimilada anteriormente, que é afirmada ou negada pelo indivíduo em questão e, apesar disso, não podem se repetir arbitrariamente sempre que se deseja. Assim, por exemplo, há decisões das quais decorrem outras, de modo mais ou menos necessário, do ponto de vista do sujeito à maneira de uma rotina. Não é pelo fato de assumir um sistema de valores previamente construído que o portador de um papel converte sua função em papel. Decorrem daí as ambigüidades⁶³ demonstradas pelas mulheres que assumem (provisoriamente) a prostituição como profissão.

⁶³- Estas ambigüidades ficaram patentes nos discursos feitos pelas mulheres entrevistadas. Ao mesmo tempo que diziam que a prostituição foi uma coisa boa, que não sofreram violências, afirmavam que o sonho de toda “mulher de programa” é sair dessa vida... Em relação à violência, ao mesmo tempo em que afirmava não ter sofrido nenhuma violência, uma das jovens entrevistadas confessou que o dono do bordel exigiu que ela trabalhasse mesmo doente, com 42 graus de febre. Existe, portanto, nas narrativas, uma ausência de definição clara para o conceito de violência.

Alguns pesquisadores ressaltam que a mulher prostituta busca resguardar sua verdadeira identidade durante o exercício desta atividade (Gaspar, 1985; Silva, 2004). No entanto, acreditamos que se trata de uma orientação para o futuro, transformada em moda como nos alertou Heller (2000). Na interpretação desta autora, da mesma maneira como vão se estereotipando os sistemas funcionais da sociedade, os tipos de comportamento tendem a converter-se em ‘papéis’. Assim, também a orientação para o futuro transforma-se na necessidade de não ficar atrasado com relação à moda e, por isso, quem deseja desempenhar adequadamente seu papel, não pode ignorar a moda, tem de segui-la passo a passo, submetendo-se a seu arbítrio, tanto em relação aos costumes em geral, quanto no que diz respeito ao vestuário ou às esferas estéticas da vida. A moda, portanto, é a manifestação alienada da orientação para o futuro, encontrando-se em relação necessária com o crescimento da categoria de ‘papel’.

Luana, durante os primeiros anos de sua juventude, desistiu dos estudos para perseguir o sonho imediato de comprar uma moto, roupas caras e outros objetos, o que expõe sua adaptação ao “mercado”, uma característica desta geração. Na contemporaneidade, os indivíduos tendem a se transformar naquele “homo economicus” que, antes, era uma mera expressão da economia política clássica. Assim, o fenômeno da “economização” atinge todos os campos da vida, inclusive as esferas do amor e da sexualidade e, é claro, a consciência. Assim, o comércio tanto do corpo quanto da alma não se constitui numa prática exclusiva das mulheres assumidamente prostitutas. Esta tendência social de primazia do aspecto econômico tem se estendido por toda a ordem social, não deixando imune o setor educacional, embora, no que se refere aos jovens pobres das periferias das grandes cidades, os apelos da moda, às vezes, os afastam da opção oferecida pela educação formal, aproximando-os, por outro lado, das vias transgressoras. Isto porque, como sustentou Jameson (2002, p. 278) “os prazeres do consumo são pouco mais do que conseqüências ideológicas de uma fantasia disponível para os consumidores ideológicos que comprem uma teoria de mercado da qual eles mesmo não são partes”.

Se o valor das mercadorias, nos períodos iniciais de acumulação capitalista, estava subordinado a seu valor de troca, o capitalismo, segundo Lasch (1983), agora subordina a própria posse à aparência e mede o valor de troca como a capacidade de uma mercadoria de conferir prestígio – a ilusão de prosperidade e bem-estar. Nesse contexto, é claro que a publicidade sofrerá profundas alterações. Antes, como ressalta Lasch, a publicidade meramente chamava a atenção para o produto e enfatizava suas vantagens. Hoje, ela procria um produto próprio: o consumidor

perpetuamente insatisfeito, intranquilo, ansioso e entediado. Assim, a publicidade serve não tanto para anunciar produtos, mas para promover o consumo como um modo de vida. Ela educa as pessoas para ter um apetite inesgotável não só por bens, mas por novas experiências e satisfação pessoal, como confessou Luana: *Gosto dessa vida, tem aventuras, a adrenalina é muita grande e além disso, ganho mais do que já ganhei em todos os outros trabalhos que fiz.*

A propaganda do consumo transforma, de acordo com Lasch (1983), a própria alienação em uma mercadoria. Até mesmo em relação à solidão e à angústia dos indivíduos, características comuns da vida moderna, a propaganda propõe o consumo como alternativa, prometendo diminuir todas as velhas infelicidades, das quais o homem é herdeiro; criando ou exacerbando novas formas de infelicidade – insegurança pessoal, ansiedade pelo *status*, ansiedade dos pais sobre sua capacidade de satisfazer às necessidades dos filhos.

Lasch (1983) concorda, todavia, que a publicidade tem-se identificado com uma radical mudança de valores, uma revolução nos costumes e na moral que teria se iniciado nos primeiros anos do século vinte, mas continuou a provocar, na sociedade, profundas mudanças. Nesse sentido, é emblemático o exemplo da ética do trabalho, pois, se antes os defensores da moralidade pública incitavam o indivíduo a trabalhar como se fosse uma obrigação moral, passaram, então, a ensinar-lhe que, com o trabalho, poderia compartilhar os frutos do consumo, independentemente da idéia de honra e de valor que antes deveria caracterizar o trabalho realizado. Daí que os preconceitos em relação à prostituição somente são explícitos quando se referem ao chamado baixo meretrício.

Evidentemente, a publicidade e a indústria cultural integram o processo de socialização das jovens entrevistadas neste estudo e dos demais indivíduos do mundo contemporâneo, por meio da identificação proporcionada pelo consumo. Subjaz à ideologia do consumo a promessa de transformar o consumidor em alguém que se destaca perante os outros, ou como afirmou Zuin (1995, p. 158), “realça seu autêntico jeito de ser”. Contudo as diferenças no conteúdo da própria socialização podem contribuir para o maior ou menor grau de vulnerabilidade dos indivíduos frente aos apelos ao consumo. Para Berger & Berger (1978), a socialização é a imposição de padrões sociais à conduta individual que se inicia na infância e continua acontecendo ao longo de nossas vidas.

Todavia o caráter absoluto com que os padrões sociais atingem a criança resulta, segundo Berger & Berger (1978), de dois fatos bastante simples: o grande poder que os adultos exercem sobre ela e sua ignorância sobre a existência de padrões alternativos. Os adultos apresentam à

criança uma determinada realidade que passa ser, para ela, a realidade do mundo, até que descubra que existem alternativas fora desse universo. Então ela se dá conta de que o mundo de seus pais é relativo no tempo e no espaço e que padrões diferentes podem ser adotados.

Se, posteriormente, a criança descobre padrões alternativos de comportamento, poderá, inclusive, renunciar ao recurso da violência que possa ter caracterizado suas primeiras experiências de vida, percorrendo outros caminhos que não aqueles que se constituíram com base na violência. Como lembrou Berger & Berger (1978), embora a socialização possa ser considerada um processo de configuração ou moldagem, é importante ressaltar que esse processo não é unilateral. Mesmo no início da vida, a criança não é uma vítima passiva da socialização, pois resiste a ela e dela participa de formas diversificadas. A socialização é um processo recíproco, visto que afeta não apenas o indivíduo socializado, mas também os socializantes. Não é difícil observar esse fato na vida cotidiana, pois, geralmente, os pais alcançam um êxito maior ou menor em moldar a criança de acordo com os padrões gerais criados pela sociedade e desejados por eles que acabam, contudo, sendo também modificados por essa experiência. Além disso, a reciprocidade da criança, isto é, sua capacidade de exercer uma ação individual e independente sobre o mundo e as pessoas que o habitam cresce na razão direta da capacidade de usar a linguagem.

Neste contexto, é necessário admitirmos que a jovem, quando escolhe a prostituição, mesmo que precocemente, como Andréia aos 13 anos e Juliana aos 12 anos - opta por uma alternativa que, naquele momento, lhe parece ser a melhor. Isso também se deve, é claro, ao mecanismo fundamental que conduz à socialização que, de acordo com Berger & Berger (1978), consiste na interação e na identificação com os outros. Um passo decisivo é dado no momento em que a criança não só aprende a reconhecer certa atitude em outra pessoa e a compreender seu sentido, aprendendo também a tomá-la ela mesma. Assim, mesmo que nenhuma das mães das jovens que participaram deste estudo exercesse atividades vinculadas à prostituição, eram submetidas a uma condição de violência cotidiana que não se diferenciava essencialmente da condição de violência em que se encontram as mulheres prostitutas.

Um dos fatores que nos chama atenção no cotidiano das prostitutas, o qual produz e reproduz situações de violência está, sem dúvida alguma, relacionado com sua *condição humana*. Beauvoir (2001) estudou a situação da mulher ocidental da década de 1940 e, assim como vários pesquisadores da contemporaneidade citados neste estudo, abordou aspectos ligados às condições objetivas e subjetivas das prostitutas de sua época. A baixa prostituição era exercida por mulheres

entre 13 e 40 anos de idade, as quais, segundo a autora, achavam-se moralmente adaptadas à sua condição, já que a situação moral e psicológica não era um fator que dificultasse suas existências. Na maioria das vezes, a condição material dessas mulheres é que era deplorável. Reafirmamos que análises dessa natureza, que separam existência material e moral, representam uma fragmentação na condição da mulher que se prostitui. No bojo de sua argumentação em defesa dessa miséria material desvinculada da espiritual, Beauvoir ressalta a exploração da prostituta pelo cáften, sua insegurança constante, sua exposição aos riscos de doenças. Entretanto os próprios argumentos da autora contradizem sua tese, levando-nos a questionar a possibilidade de haver indivíduos que estão adaptados moralmente, ao mesmo tempo que vivem em condição de exploração e exposição à violência.

Convergindo com nossos questionamentos, a pesquisa de Bataille (1987) sobre a origem da baixa prostituição mostra o vínculo entre o surgimento das classes miseráveis (em si mesmas uma espécie de degradação) e esta modalidade de prostituição. Segundo o autor, a extrema miséria isenta homens e mulheres dos interditos, justamente aqueles responsáveis pelo desenvolvimento, em nós, da humanidade. Essa isenção, todavia, provocada pelas situações de extrema miséria, não ocorre nos casos de simples transgressão. Aqui, o rebaixamento não é o retorno à animalidade, pois esta condição nada tem de animal e ainda que frequentemente os outros neguem a essa prostituta a qualidade humana, na realidade, ela se encontra muitas vezes abaixo da dignidade animal.

Para este autor, diferente da cortesã que não estava destinada ao desprezo dos outros, gozando conseqüentemente do respeito da sociedade porque mantinha “resguardados” certos níveis de comportamento, a prostituta de baixo nível estaria no último grau de rebaixamento, tendo perdido completamente o sentimento de vergonha. No entanto, devido a sua “humanidade”, mesmo quando ela se mostra indiferente aos interditos, tem consciência de que encontra-se socialmente decaída.

É preciso ainda lembrar que, historicamente, a linha divisória entre prostituição e violência sexual é bastante tênue. Vigarello (1998), que pesquisou a *História do estupro* na França entre os séculos XVI e XX, apresenta uma série de dados sobre o aumento da violência sexual e moral que teria ocorrido com o processo de urbanização da sociedade francesa. Obras clássicas de autores como Victor Hugo e Eugène Sue são também utilizadas para retratar o ambiente violento e hostil das grandes cidades dos primeiros anos do século XIX. Segundo o autor, em *Os miseráveis*, Hugo transforma o pardieiro dos *Jondrette* num antro feroz e selvagem, covil sórdido, instalado no

coração da cidade, com seus desenhos obscenos, seus cantos insondáveis, suas crianças em idade tenra que todas as lamas mancham, até que uma roda venha esmagá-las enquanto um pai, pronto a arriscar suas filhas por algumas moedas, completa essa abjeção.

A constituição da modernidade fez emergir níveis elevados de violência, especialmente a violência sexual. A condição miserável dos operários incentivou a reprodução da violência em larga escala. Segundo Vigarello (1998), a figura do assassino passou a dominar o imaginário do crime, tornando a ameaça mais precisa, mais localizada. Uma topografia particular transformou o perigo, focalizando um risco proveniente do pobre e do operário. O crime, assim, deixava de ser pitoresco e excepcional para tornar-se simplesmente social, efeito de uma cidade que fabricava assassinos e estupradores.

Percebemos que o isolamento e a miséria material e sexual dos operários franceses de meados do século XIX produziu, mesmo que temporariamente, um aumento da violência. Contudo, de acordo com os dados estatísticos apresentados por Vigarello (1998), vinte anos depois, houve uma queda significativa nos índices de violência sexual e de demanda pela prostituição. Para nós, é obvio que essa retração nos índices de violência e de prostituição estavam relacionados com a conquista de melhoria nas condições de vida das classes trabalhadoras. Além disso, tanto no século XIX quanto na contemporaneidade, situações degradantes narradas por artistas ou por pesquisadores quase sempre dizem respeito às características dos pobres das cidades. O imaginário da prostituição de luxo é povoado por mulheres bonitas, consumismo e, às vezes, também por uma violência motivada pelas paixões desenfreadas, pelo abuso das drogas, enfim, pelo descontrole emocional dos envolvidos. Essa violência é diferente da que se desenvolve em meio à sujeira e à doença características da narrativa sobre a prostituição e os pobres em geral.

A miséria material das mulheres prostitutas, em nosso estudo, encontra-se entrelaçada com a miséria moral, desembocando, assim, em situações diversificadas de violências: *Ele me dava balinha, bombom, às vezes me dava cinco reais e eu já achava bom porque eu não tinha nada.[...]Depois, eu (engravidar) tive os gêmeos e conheci um rapaz [...] fui morar com ele [...] engravidar de novo e quando eu estava com seis meses de gravidez, comecei a apanhar. Apanhei muito dele [...]*⁶⁴.

Em nossa época, são múltiplas as formas de prostituição que abarcam, desde o envolvimento de mulheres das classes média e alta em programas requintados, até experiências

semelhantes à que foi narrada por Juliana, cujos personagens são indivíduos pertencentes às camadas mais pobres da população, mergulhados numa condição violenta e miserável. Estas situações nos fazem lembrar a afirmação de Arendt (2003, p. 23): “O fato decisivo é que o prazer e a dor, como tudo que é instintivo, tendem à mudez e, embora possam produzir sons, não produzem fala e, certamente, tampouco o diálogo”.

⁶⁴ - Trecho da história de Juliana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terrível solidão que o homem sente nas imensas cidades populosas, nas cidades modernas tão irrequietas e tentadoras; a solidão, que não é dissipada pela companhia de amigos e companheiros, é a que impulsiona o homem a buscar, com avidez doentia, a sua ilusória **alma gêmea**, num ser do sexo oposto, visto que só o amor possui o mágico poder de afugentar, embora momentaneamente, as angústias da solidão.

Alexandra Kollontai

Quando atentamos para as pesquisas realizadas no Brasil sobre a prostituição, percebemos que, em geral, os pesquisadores que escolheram esta temática como objeto de estudo, têm se esforçado para desvincular as explicações sobre o crescimento da prostituição na sociedade contemporânea do viés exclusivamente econômico. Todavia não podemos negar os efeitos de um processo de empobrecimento generalizado, desencadeado a partir da constituição da modernidade, que levou homens e mulheres a enfrentarem as coerções sobre o emprego impostas pela modernização. Neste contexto, os indivíduos que não se inserem no mercado formal de trabalho foram se constituindo sujeitos desterritorializados, com grande mobilidade, estando entre eles as prostitutas, que também não encontram lugar nesse universo.

Esta situação, de forma embrionária, teve início nos séculos XV e XVI, vindo a desembocar na modernidade. Castel (1999) analisa o processo histórico da inserção marginal de alguns grupos considerados *inúteis* para o mundo do trabalho em sociedades do mundo ocidental, o que justificou, muitas vezes, medidas cruéis estabelecidas pelas legislações da época. Segundo o autor, as tentativas de definição destes indivíduos classificados como vagabundos foram relativamente tardias, pois, até o século XVI, termos como *vagabundo* e *inútil* encontravam-se sempre associados a uma série de qualificativos que designavam pessoas mal-afamadas: ociosos, luxuriosos, rufiões, tratantes, imprestáveis, indolentes e, é claro, prostitutas.

Permaneciam, no entanto, de acordo com o autor, as tentativas de delimitar quem eram realmente os vagabundos. Seriam perigosos predadores que vagavam pelas margens da ordem

social, vivendo de roubos e ameaçando os bens e a segurança das pessoas? Tratava-se, na verdade, de indivíduos que romperam o pacto social – trabalho, família, moralidade, religião – sendo considerados, por isso, inimigos da ordem pública. Para Castel, os vagabundos, de fato, nas sociedades pré-industriais, equivaliam aos imigrantes de hoje, os estrangeiros, porque, assim como estes, também procuravam meios para sobreviver fora de sua terra. Dessa forma, o aspecto nômade de indivíduos como a prostituta, cuja andança deliberada não tinha destino certo, caracterizava a ruptura não só com o domicílio, mas também com as regras comuns da sociabilidade.

A condição da prostituta nas sociedades modernas se assemelha à dos miseráveis estudados por Castel e, no tocante ao nosso estudo, esse paralelo é suficiente para demarcarmos *quem* é essa mulher à qual nos referimos. Não seriam, evidentemente, “as garotas de Copacabana” abordadas por Gaspar (1985) e nem, tampouco, inúmeras outras mulheres de classe média que se inserem no mundo da prostituição em busca de carros, jóias e outros objetos luxuosos ou mesmo *status*. As mulheres prostitutas, sujeitos desta pesquisa, vêm de famílias proletárias e buscam também acesso ao consumo, embora este desejo seja apenas um dos motivos de suas *escolhas*. Além das deficiências materiais, onipresentes em sua trajetória, encontramos a violência em várias modalidades influenciando diretamente a opção destas mulheres pela prostituição. Essa passagem para a marginalidade, como afirmou Castel (1999, p. 133), “se dá como numa gradação de cores, pois não há barreiras rígidas entre a sociedade e suas margens, entre indivíduos e os grupos que respeitam as normas estabelecidas e aqueles que as infringem”. O drama da miséria e da violência desemboca num processo de dessocialização que provoca o desatrelamento do indivíduo de suas antigas redes de sociabilidade (família, amigo, emprego) e a vida, assim, assume aspectos marcados por mobilidade, brevidade e instabilidade dos vínculos, uma tríade característica das três mulheres que participaram deste estudo.

A modernidade forjou uma nova pobreza, estética e politicamente diferente da antiga, e capaz de provocar horror à classe dominante. Castel (1998) procura chamar nossa atenção para as apreciações de autores que se dedicaram a analisar as características desse pauperismo. Para forjar suas idéias acerca desta questão, os pensadores partiam do pressuposto de que as classes laboriosas eram bastante nocivas. De acordo com eles, havia um aspecto inovador e perturbador na condição dos pobres modernos, os quais, além da miséria material, apresentavam também uma profunda degradação moral. Uma espécie de condição antropológica nova, criada pela industrialização, se evidenciava: uma espécie de nova barbárie, que é menos o retorno à selvageria de antes da

civilização do que a invenção de um estado de dessocialização próprio da vida moderna, especialmente a urbana.

Neste imaginário que emergia no período de constituição da modernidade, a miséria era compreendida como subversão da inteligência e aviltamento da alma, porque provocava o enfraquecimento da vontade e o torpor da consciência, representando, de acordo com Castel (1999), uma espécie de imoralidade transformada em natureza, a partir da degradação completa dos modos de vida dos operários e de suas famílias.

No Brasil, a situação de pauperismo de vastos setores da classe trabalhadora é também evidente. Engel (1989), pesquisando a condição de marginalidade no Rio de Janeiro do século XIX, mostra a ampliação e a diversificação dos segmentos sociais considerados desclassificados⁶⁵ e que eram associados pela intelectualidade da época à idéia de desordem. Semelhante à representação dos europeus, também no Brasil a presença dos pobres, em geral (não só dos desclassificados), era tida como indesejável e perigosa. Segundo a autora, as condições de sobrevivência para estes segmentos sociais, sobretudo o das mulheres, tornavam-se cada vez mais precárias se levarmos em conta os preconceitos que restringiam as ocupações passíveis de serem desempenhadas por mulheres. Não restavam, dessa forma, à mulher livre e pobre, muitas alternativas, além do serviço doméstico, do pequeno comércio – quitandeiras, vendedoras de doces, de artesanato, costureiras, cartomantes, feiticeiras, coristas, dançarinas, cantoras, atrizes e prostitutas – quase todas ocupações depreciadas pela sociedade da época.

Todavia os problemas, tanto os do passado quanto os da contemporaneidade, enfrentados pelas mulheres, inclusive as brasileiras, não se restringem aos aspectos financeiros, como analisou Balandier (1997, p. 193) na modernidade atual:

O indivíduo está exposto a dificuldades consideradas impiedosas, tenta responder a elas buscando a apropriação mais profunda de si mesmo e de suas relações com os outros. Os mecanismos hoje são conhecidos. Os mais identificáveis permanecem os processos de massificação, que operam não somente no terreno político onde adquiriram uma visibilidade dramatizada pelos poderes totalitários [...].

Segundo Balandier, a interpretação destes processos de massificação está relacionada com os fenômenos de massa definidos por sua forma e simbologia. A ameaça de destruição provoca diferentes reações nos seres humanos que tanto podem manifestar sua universalização e se dividirem apenas para enfrentar os blocos regidos pelo Estado quanto podem se manifestar de

forma localizada. Para o autor, a reação mais comum se dá face ao desconhecido, diante de situações arriscadas que levam o indivíduo a buscar abrigo na massa. Essa modalidade de reação está sempre presente na medida em que a modernidade atual sempre esconde o imprevisível, o inédito, o risco mal identificado. Dessa forma, nos tempos modernos, são comuns as aglomerações urbanas (que se fazem e desfazem em lugares públicos: metrô, igreja, grandes estabelecimentos comerciais etc.) abertas a mudanças rápidas de uma população composta por indivíduos com precários vínculos de afinidade. A inflação, nas sociedades modernas e consumistas, é também a inflação das coisas e daquilo que se converteu em mercadoria e banaliza também as aspirações e os desejos, tendendo a formar uma massa de consumidores receptiva aos apelos publicitários e mantida, ao mesmo tempo, sob permanente influência. Assim, a prostituição, como uma atividade que se adequou às novas demandas de sexo no mundo globalizado, não deve ser compreendida como algo estranho, anormal, mas como uma síntese de tudo isso.

Essa receptividade ou inércia, apenas aparentemente abarca a realidade em sua totalidade, pois “existe uma passividade que não se integra ao instituído, mas que a ele se opõe, subvertendo o poder” (GUIMARÃES, 1996, p. 16). O banal, para a autora, pode se constituir numa forma de criação que foge de uma atividade finalizada e que tenderia a se esgotar em si mesma. Dessa forma, as submissões, muitas vezes, podem representar resistências concretas, desde que sejam levadas em conta as atitudes que, assumidas coletivamente, interrompam ou, pelo menos, desviem imposições que visem à homogeneização. Por isso, a alienação⁶⁶ na sociedade não é absoluta porque a socialidade mantém permanentemente a contradição entre a aceitação e a resistência.

Na concepção de Heller (2000), socialidade significa fundamentalmente historicidade – uma historicidade que tem o trabalho como seu pressuposto. Contudo não podemos compreender a socialidade de forma linear, posto que o trabalho não se reduz ao ato da produção. Precisamos considerar a tendência constitutiva das formações sociais, no sentido da geração ininterrupta de novas formas de vida em sociedade que, mesmo originadas em segmentos específicos, podem ser generalizadas. Assim, mesmo levando em conta as influências e os poderes instituídos responsáveis pelas continuidades conseguidas por meio da indiferenciação proporcionada pelo aprendizado do

⁶⁵ - Este conceito é utilizado pela autora numa perspectiva que ressalta o *desclassificado* como qualquer indivíduo que não se insere no mercado de trabalho e, conseqüentemente, na sociedade.

⁶⁶ - Guimarães (1996) inspira-se em Maffesoli e, como ele, acredita que a alienação na sociedade não é absoluta porque a socialidade não significa unanimidade, uma vez que se organiza na tensão entre aceitação e resistência, subjetividade e coletivo.

desempenho de papéis (socialização), simultaneamente, as descontinuidades e as diferenciações, levariam aos processos de socialidade da maneira como foi analisada por Guimarães, pois, como afirmou Márkus (1973, p. 30): “A socialidade é um traço essencial do indivíduo inteiro e penetra em todas as formas de sua atividade vital”.

Discutindo a violência banal⁶⁷, Guimarães (1996) lembra as diferentes formas de expressão utilizadas pelas massas para fugir das imposições sociais. O conformismo, a máscara, a polidez, os costumes, enfim, tudo o que pode apresentar um duplo sentido constitui uma proteção. Nessa luta pela sobrevivência, a astúcia é fundamental, por isso, para a autora, a relativização absoluta e cínica dos valores dominantes é muito mais subversiva porque utiliza a aparente submissão como escudo contra um complexo institucional que ignora as diferenças. Essa astúcia popular enraizada no cotidiano permite sobreviver e resistir às imposições do social ao mesmo tempo que mantém sua soberania para além do político e do econômico. Segundo a autora, a particularidade dessas resistências é a solidariedade orgânica⁶⁸, que expressaria um espírito coletivo e permitiria uma convivência feita não só de harmonia, mas também de excessos e de uma violência que retorna “ritualmente para reunir o que havia dispersado”, isto é, são momentos nos quais a vida se coloca em jogo, unificando o que está dissociado e evitando a aceleração incontrolada dos conflitos.

Na literatura do século XIX, fazia-se uma associação entre as prostitutas, os perigos das perversões sexuais e a ameaça da destruição dos lares. O poder nefasto da “meretriz” era divulgado, nesta época, pelo cinematógrafo, pelos jornais, bem como pelos discursos das elites. Acreditamos que a força dessa representação da prostituta gradativamente diminuiu com a solidificação do mercado capitalista no Brasil. Ocorreu, a partir daí, um redimensionamento dos valores, pois, assim como a sociedade capitalista tende a transformar tudo em mercadoria, ela também apaga todos os vestígios humanos. Como refletiu Peixoto (1982), as mercadorias não portam mais estigmas, elas têm de amoldar-se perfeitamente às mãos e à casa de seu eventual comprador, não guardam mais sobre si marcas de quem as possui no momento, estando sempre

⁶⁷ - Segundo Guimarães (1996, p. 16), a “banalidade” é tudo o que está fora do alcance de todo o poder exterior, mas que alicerça o prazer de estar junto. O banal aparece [...] como uma forma de criação que escapa a uma atividade finalizada e que se esgota em si mesma”.

⁶⁸ - Para Maffesoli, a “solidariedade orgânica” é entendida no sentido inverso ao de Émile Durkheim. É na vida cotidiana que a solidariedade orgânica se manifesta, “mantendo laços sociais onde a duplicidade, o riso, a tagarelice, o silêncio e a astúcia garantem, em forma de resistência, a “coesão” do grupo. Não se trata de unanimidade, nem de uma “solidariedade mecânica” que isola os indivíduos uns dos outros e os torna dependentes de um poder desvinculado da vida social, mas de uma organicidade fundada na multiplicidade da força coletiva que, escapando da indiferenciação que os poderes instituídos tentam impor, garante a sobrevivência do social”. (cf. Guimarães, 1996, p. 19).

prontas a mudar de mãos. Tanto o trabalhador assalariado como a prostituta, assim, postam-se nas ruas, prontos a se oferecerem ao desconhecido que passa.

A radical transformação de todas as coisas em mercadorias também foi tratada por Bloch (2005), cujas reflexões sobre as imagens do desejo, refletidas no espelho, mostram homens e mulheres em busca de seus *melhores ângulos*. Nesta reflexão, o autor refere-se àqueles que, quando tratam de questões relacionadas ao “vender-se”, são muito eficientes. O “eu”, nesta condição, transmutar-se-ia em mercadoria corrente e atraente, num processo de aprendizagem, ou melhor, de socialização, que só é possível se partirmos da observação atenta da maneira como os outros se apresentam, se vestem, bem como daquilo que está exposto na vitrine, além de nós próprios refletidos nela. Contudo, para Bloch, nenhum homem ou mulher pode fazer de si mesmo nada que já não tenha iniciado em si mesmo. Da mesma forma, o que nos atrai nas belas embalagens, gestos e coisas é apenas o que há muito já habitava, ainda que vagamente, o nosso próprio desejar e, por isso, nos deixamos seduzir. Maquiagens e roupas extravagantes ajudam o sonho a respeito de nós mesmos como que a sair da toca. São acessórios que procuram realçar algo que já possuíamos, pois não é possível nos falsificarmos totalmente, pelo menos o nosso desejar é autêntico.

Bloch, cuja crítica é endereçada ao caráter individualista dos hábitos e desejos dos jovens, acredita que nossas posturas reflitam aquilo que somos e, dessa forma, mesmo quando procuramos dissimula-las, nos traímos. Beauvoir também fez uma abordagem da mesma natureza sobre as mulheres burguesas, as quais, segundo ela, não se contrapunham à sociedade em que viviam porque, ao invés de desejarem a desagregação da ordem capitalista, temiam seu fim por suporem que terminariam também seus privilégios.

As mulheres são formadas para assimilarem um determinado modelo feminino, construído socialmente a fim de torná-las esposas submissas e mães dedicadas ou violentas. Apesar disso, tanto os homens quanto as mulheres participam dessa construção, condicionados pela instituição social que os moldou, sendo também fabricantes, participantes da auto-instituição da sociedade e assumindo, portanto, o representar e o fazer, o pensar e o agir, enfim, a criação de formas para sua condição social e de gênero.

Neste contexto da instituição social, são constantemente criadas novas formas de viver e pensar o mundo, num processo de renovação, onde linguagem e memória são fundamentais. Para Comay (1997), o trabalho da memória seria como a escavação incessante de vestígios, ruínas,

fragmentos partidos da cadeia de conexões anteriores, de modo a permanecer não assimilados nas sóbrias alcovas da retrospectiva. O próprio Benjamin ressaltou que a língua tem indicado “que a memória não é um instrumento para a exploração do passado, é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, da mesma forma que o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas” (BENJAMIN, 1997, p. 239). Segundo o autor, aquele que procura se aproximar-se de seu próprio passado enterrado deve se conduzir como um homem que escava, pois isso determina a postura das reminiscências autênticas. Estes indivíduos não devem, portanto, temer o retorno repetido às mesmas situações. Da mesma forma, em nosso estudo, os fatos narrados quase sempre se caracterizam por lembranças muito desagradáveis, vividas por jovens mulheres que enfrentaram o desafio de revolver esse passado, no caso delas, muito recente.

Em Arendt, a palavra é o oposto da violência, ao passo que, nas narrativas deste estudo, a violência é constante, tendo feito, desde sempre, parte do cotidiano dessas mulheres. Por isso, o diálogo não era considerado um valor no contexto de suas vidas. Resta-nos, assim, compreender a *escolha* da prostituição num horizonte limitado de perspectivas, de formação do *ser social*, através de uma violência cotidianamente naturalizada. Além disso, todas as entrevistadas precisaram ganhar a vida desde a infância: Andréia começou como empregada doméstica aos 13 anos; Luana, antes de entrar na prostituição, já trabalhava em um bar no bairro onde morava. Juliana, aos 11 anos, antes da gravidez, já trabalhava numa confecção para ajudar a mãe nas despesas domésticas.

Não é, entretanto, a necessidade de trabalhar que carrega os vestígios de revolta nessas memórias, pois todas elas concebem o trabalho como algo tão natural quanto comer e dormir, independentemente da idade em que começaram. Não há nelas, em relação ao trabalho, nenhum vestígio de revolta, mesmo quando este representava exploração. É na memória da violência física ou sexual que se refugia o ódio contra as injustiças. Dessa forma, o trabalho na “prostituição”, em si, não é considerado violência, embora, no contexto da prostituição, tenha havido situações de violência. O fato é que estes eventos, na visão destas mulheres, não estavam vinculados diretamente ao exercício das práticas prostituíntes.

O contato com a realidade destas jovens que ingressam tão cedo no mundo da prostituição representou para nós algo inusitado. Embora estivéssemos acostumados a desenvolver, no espaço da academia, pesquisas relacionadas com a temática da violência, nossa percepção deste fenômeno limitava-se à compreensão do exercício da prostituição como uma das várias formas de manifestação de degradação das condições de vida no mundo moderno. Entretanto, os meandros

que conduzem a esta degradação (desvelados), no decorrer da pesquisa, apresentaram uma complexidade ainda maior.

A pesquisa nos mostrou que as situações marginais e transgressoras, podem contribuir com a produção do conhecimento tanto quanto a observação do mundo do trabalho, da escola ou de outras instituições sociais, pois, como lembrou Peixoto (1982), a teoria da *flânerie* em Benjamin postula o divertimento como princípio do comportamento social e também do conhecimento. Assim, na perspectiva benjaminiana, o passeio distraído, com sua ambientação fantasmagórica, era suscetível de tornar-se uma mera busca pela novidade, sendo que sua interrupção dependeria da interrupção do processo de transformação das coisas em mercadorias. Uma sociedade que expõe a prostituta, ao mesmo tempo, como vendedora e mercadoria, assenta-se sobre uma dupla realidade pertencente às coisas e às pessoas. Essa é a lógica da modernidade e qualquer interrupção dela significaria o despedaçamento deste modelo de sociedade que se equilibra na sedução exercida por meio de suas mercadorias transformadas em puro fetiches.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Mínima moralia: reflexões a partir da vida danificada**. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1993.

AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra**. São Paulo: Record, 1996.

_____. **Tieta do Agreste**. São Paulo, Record, 1997.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: JC Editora, 1981.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ed. CERED, 1993.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: 7ª. ed. Forense Universitária, 1995.

_____. **Da violência**. Trad. Maria Claudia Drummond. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.

_____. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. **Mulheres que matam: universo imaginário do crime no feminino**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BACELAR, Jéferson Afonso. **A família da prostituta**. Ensaios nº 87, São Paulo: Ática, 1982.

BALANDIER, Geoges. **O contorno: poder e modernidade**. Tradução: Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BANDEIRA, Lourdes. Violência sexual, imaginário de gênero e narcisismo. In: SUÁREZ, Mireya & BANDEIRA, Lourdes (Orgs.). **Violência, gênero e crime no Distrito Federal**. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **As flores do mal**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BLOCH, Ernest. **O princípio Esperança**. Trad. Nélío Schneider. Rio de Janeiro: Vol. I, Contraponto, 2005.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas volume I. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. **Rua de mão única**. Obras escolhidas volume II. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. **Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas volume III. Trad. José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens**. Trad. Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte/MG: Editora Universitária Argos, 2002.

BERGER, Peter & LUCKHMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: 2ª. ed. Vozes, 1974.

BERGER, Peter L. & BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice Mencarini & MARTINS, José de Souza. **Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BEAVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Vol. 1 - Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Vol. 2 - Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: 9ª. Ed. Nova Fronteira, 2001.

CHAUI, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSTA. Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CASTEL. Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Trad. Iraci D. Poleti. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

COMAY, Rebecca. O fim da partida. In: BENJAMIN, Andrew & OSBORNE, Peter. (Orgs). Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. **A filosofia de Walter Benjamin: destruição e violência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DOSTOIÉVSKI, F. M. **Os irmãos Karamazov**. Trad. Boris Solomov. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. Rosa Camargo Artigas e Reginaldo Forti. São Paulo: Global, 1986.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FONSECA, Rubem. **A grande arte**. São Paulo: Planeta De Agostini, 2004.

_____. **Lúcia MacCartney**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FREIRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958.

GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas-SP: Autores Associados, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: 6ª Ed. Paz e Terra, 2000.

HORKHEIMER, Max. **Teoria Crítica I**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: 2ª. ed. Ática, 2002.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. Tradução: Roberto Goldkorn. São Paulo: Parma Ltda., 1978.

KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Cláudio de Araújo. **Amor e capitalismo: pequena história do erotismo ocidental**. 2º Volume. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1962.

LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

LASCH, Christopher. **A vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MARX, K. & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Trad. De José Carlos Bruni e Marcos Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec. 1991.

MARX, K. **O Capital**. Vol. I. São Paulo: Abril Cultural. Coleção os Economistas, 1985.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelman**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARQUES, Gabriel García. **Memória de minhas putas tristes**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2005.

MÁRKUS, GYÖRGY. **Marxismo y “Antropologia”**. Barcelona: Grijalbo: 1973.

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária: ensaio de antropologia política**. Trad. Nathanael C. Carneiro. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá: história oral de vida**. São Paulo: Ed. Loyola, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1996.

MIRANDA, Marília G. de. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, Silvia T. M. & CODO, Wanderley (Org.). (Orgs). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: brasiliense, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Tradução e notas: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção os Pensadores).

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição Brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: 5ª ed. Brasiliense, 1994.

POLLOCK, L. A. **Los niños olvidados. Relaciones entre padres y hijos de 1500 a 1900.** México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

PASOLINI, Pier Paolo. **Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários.** Trad. Michel Lahud. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Transição Política e não-Estado de Direito na República. In: SACHS, Ignacy, WILHEIM, Jorge & PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Brasil: um século de transformações.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

POSTER, Mark. **Teoria crítica da família.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PRIORE, Mary Del. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia.** Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1993.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930).** São Paulo: Paz e Terra, 1991.

RIBEIRO, Ivete & RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Família e desafios na sociedade brasileira: valores como um ângulo de análise.** Rio de Janeiro, Ed. Loyola, 1993.

ROCHLITZ, Rainer. **A filosofia de Walter Benjamin: o desencantamento da arte.** Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru/SP: EDUSC, 2003.

ROSA, João Guimarães. Dão-Lalalão (O devente). In: ROSA, João Guimarães. **Noites do Sertão.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

RAMOS, Graciliano. **Infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1972.

SILVA, Maria Alice Setúbal Souza & outras. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.** São Paulo: Cortez, 1989.

SUÁREZ, Mireya & BANDEIRA, Lourdes (Orgs.). **Violência, gênero e crime no Distrito Federal.** Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.

SEVERINO, Francisca Eleodora Santos. **Memória da morte, memória da exclusão: prostituição, inclusão marginal e cidadania.** São Paulo: 2ª. ed. Universitária Leopoldianum/Universidade Católica de Santos, 2004.

TELLES, Lygia Fagundes. Confissões de Leontina. In: TELLES, Lygia Fagundes. **A estrutura da bolha de sabão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. Um coração ardente. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Mistérios**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VIGARELLO, Geogres. **História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ZUIN, Antônio Álvaro S. Seduções e simulacros – considerações sobre a indústria cultural e os paradigmas da resistência e da reprodução em educação. In: PUCCI, Bruno (Org.) **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt**. Petrópolis: 2ª. Ed. Vozes/UFSCar, 1995.

PERIÓDICOS E DOCUMENTOS:

ANJOS JÚNIOR. Carlos Silveira Versiano dos. **A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício**. Brasília: UNB, 1980 (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais), mimeo.

ARIENTE, Marisa Altomare. **O cotidiano da prostituta em São Paulo: estigma e contradição**. São Paulo: PUC, 1989 (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais), mimeo.

BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros. Memória e família. Trad. Dora Rocha Flaksman. In: **Estudos Históricos - 3 Memória**: Associação de Pesquisa e Documentação História. Rio de Janeiro: Ed. dos Tribunais, v. 2, n. 3, 1989.

FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, vol. 4 n. 1, 1996, pp. 7-33.

GUIMARÃES, Áurea M. O cinema e a escola: formas imagéticas da violência. In: **Cadernos CEDES**, ano XIX, nº 47. Campinas/SP: Unicamp, 1998, pgs. 104-115.

MAZZARIOL, Regina Maria. **Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas**. Campinas: Unicamp, 1976 (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais), mimeo.

PASINI, Elisiane. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu: corporificando gênero**. Vol. 14, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. In: **Estudos Históricos - 3 Memória**: Associação de Pesquisa e Documentação História. Rio de Janeiro: Ed. dos Tribunais, v. 2, n. 3, 1989.

RESENDE, A. Subjetividade em Tempos de Reificação: um tema para a psicologia social. **Estudos**, Goiânia, V. 28, n. 04, p. 693-716, jul/ago.2001.

SOUSA, Sônia Margarida Gomes. **Prostituição infantil e juvenil: uma análise psicossocial do discurso de depoentes da CPI**. São Paulo/SP: PUC, 2001 (Tese de Doutorado em Psicologia Social). Mimeo.

SILVA, Rogério Araújo da. **Mulheres da vida? Um estudo sobre prostituição feminina**. Goiânia: UFG, 2004 (Dissertação de mestrado em Sociologia), mimeo.

TELLES, Vera. Espaço público e espaço privado na constituição social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. In: **Revista Tempo Social**. São Paulo: USP, vol. 2(1), p. 23-48, 1990.

VIANA, Nildo. A Questão dos valores. In: **Cultura & Liberdade**. Goiânia, Revista do Núcleo de Pesquisa e Ação Cultura, Ano 2, nº 02, abril de 2002, pp. 77-100.

LEGISLAÇÃO:

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil** - promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional de n. 46 e 47. São Paulo: Editora Rideel, 2005.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente** - Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990.